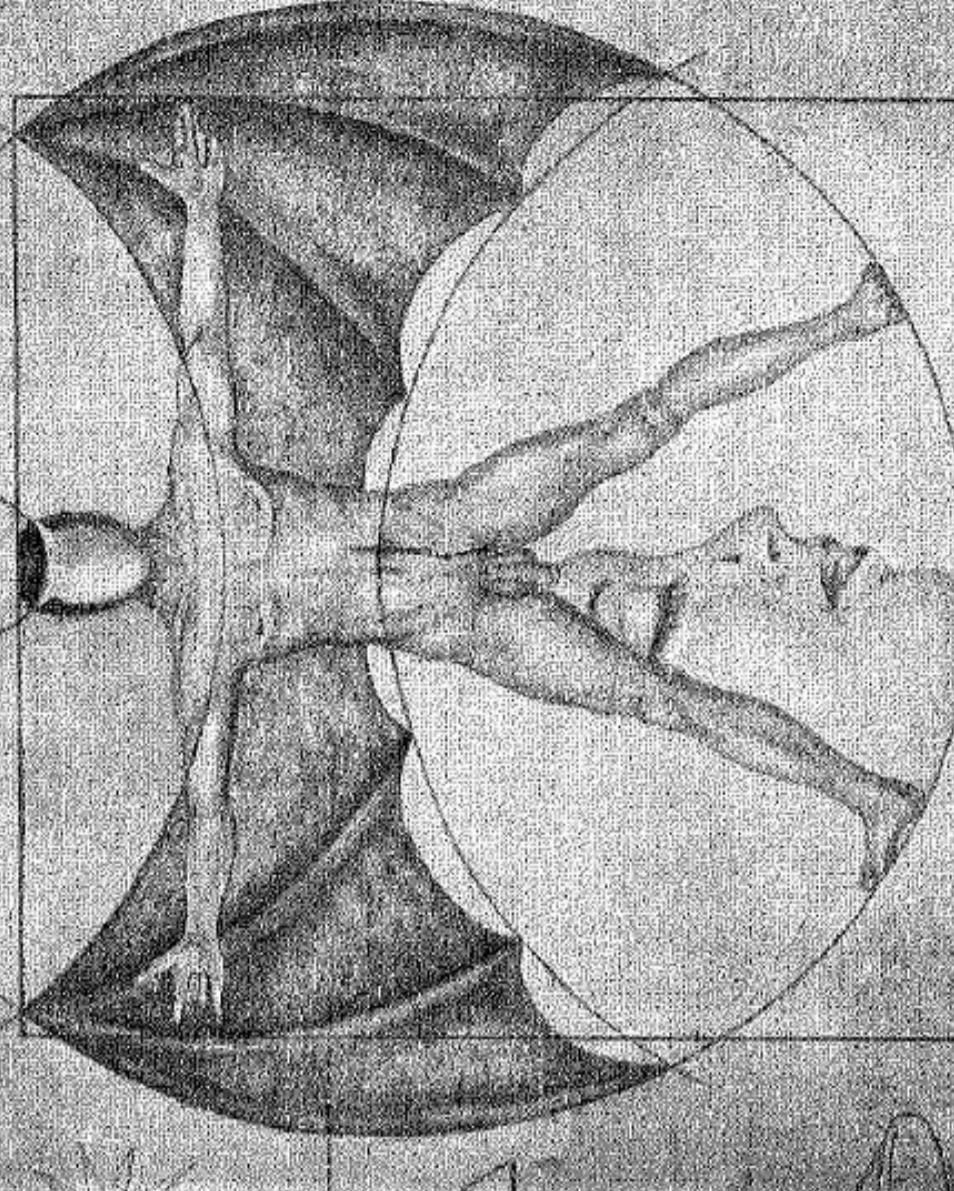


# A REVOLUÇÃO LUCIFERIANA

Na opinião do autor, o Brasil é um país que vive em um regime de exceção, diretamente inspirado na Alemanha nazista e na Itália fascista.

Adriano Camargo Monteiro  
é escritor,  
editor e artista ilustrador.

Foi admitido e "banido" de sociedades semisssegretas, de ordens secretas e discretas e supostamente de algum tipo de elite. De certo modo, ele considera isso — ser banido — um motivo de orgulho. Sempre esteve em desacordo com as burocracias excessivas e estagnantes, com as políticagens sacais e com os mi-mis de mentes frívolas.



Editora Vidas Verdes distribui este livro  
ADRIANO CAMARGO MONTEIRO

2<sup>a</sup> edição

AKW



2<sup>a</sup>, edição

## Sumário

<i>Revisão</i>	
ACM•Edições	
<i>Diagramação e arte</i>	
ACM•Edições	
<i>Ilustração da capa</i>	
Adriano Camargo Monteiro	
<i>Registro na Biblioteca Nacional</i>	
1.176.463	
Introdução .....	7
1. Mito filosofia luciferiana .....	9
2. Antropogenia luciferiana .....	47
3. Psicossociologia luciferiana .....	63
4. Revolução luciferiana .....	85
5. Cultura luciferiana .....	101
6. Alquimia luciferiana .....	121
7. Ritualística luciferiana .....	143
O RITUAL DE VÉNUS-LÚCIFER .....	158
O RITUAL DE LÚCIFER .....	175
O RITUAL DO DRAGÃO .....	182
O RITUAL DE QUETZALCOATL .....	190
O RITUAL DE IAO .....	196
Conclusão .....	201
Bibliografia .....	203

Todos os direitos reservados.



2<sup>a</sup>, edição

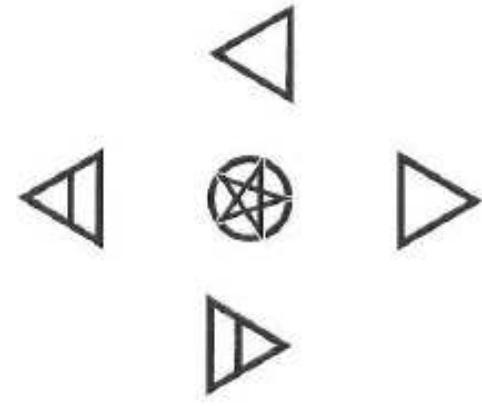
## Sumário

<i>Revisão</i>	
ACM•Edições	
<i>Diagramação e arte</i>	
ACM•Edições	
<i>Ilustração da capa</i>	
Adriano Camargo Monteiro	
<i>Registro na Biblioteca Nacional</i>	
1.176.463	
Introdução .....	7
1. Mito filosofia luciferiana .....	9
2. Antropogenia luciferiana .....	47
3. Psicossociologia luciferiana .....	63
4. Revolução luciferiana .....	85
5. Cultura luciferiana .....	101
6. Alquimia luciferiana .....	121
7. Ritualística luciferiana .....	143
O RITUAL DE VÉNUS-LÚCIFER .....	158
O RITUAL DE LÚCIFER .....	175
O RITUAL DO DRAGÃO .....	182
O RITUAL DE QUETZALCOATL .....	190
O RITUAL DE IAO .....	196
Conclusão .....	201
Bibliografia .....	203

Todos os direitos reservados.



## Introdução



Esta obra busca esclarecer a questão luciferiana e revelar o luciferianismo como algo digno e elevado, livre de tabus, medos inúteis, ignorância e hipocrisia. Para muitos, pode parecer apenas mais um rótulo entre tantos “ismos” (como o transumanismo, tido por alguns como um luciferianismo na ciência e na tecnologia). Mas, de fato, é uma via de liberdade de pensamento, conhecimento e prazer sadio, que se estende em diversas áreas da vida de quem busca deliberadamente tornar-se melhor para si mesmo.

O presente trabalho visa resgatar os valores perdidos (o paraíso perdido) e propor o despertar da autoconsciência em todo aquele que esteja preparado para tal revolução, pois somente com esse despertar o ser humano se tornará superior e poderá viver com mais compreensão, tranquilidade, sabedoria e respeito consigo mesmo e com tudo aquilo que realmente merece respeito.

É intenção aqui também dissipar a ignorância com relação ao nome Lúcifer instalada ao longo de séculos por aqueles que querem acreditar na farsa do Diabo dogmático; será mostrado que há diferenças entre Lúcifer, Satã e Diabo e que Lúcifer é anterior às religiões dogmáticas e sua expressão se encontra, sob diversas formas, em muitos povos e culturas do mundo antigo. É de conhecimento que as mentiras oficializadas servem para manter as pessoas com cabresto, sob o insistente domínio dos sistemas político-religiosos de massa, com a ilusão de liberdade religiosa e de expressão, pois as mentes mais fracas e preguiçosas são escravizadas pela opressão de persistentes e maçantes ideias absurdas de pecado, inferno e sofrimento eterno. Sendo consenso que Lúcifer é o Diabo, o mal e o instigador de pecados, as pessoas simplesmente aceitam essa ideia sem questionar, sem buscar explicações, sem procurar a verdade (ou verdades), que pode estar em muitas fontes de conhecimento.

Com esta obra, o leitor, livre de preconceitos, pode encontrar estímulo para pensar por si próprio, questionar e refletir sobre seu estado atual e sobre a condição do mundo. Pode, ainda, compreender a abrangência e a profundidade da questão luciferiana e descobrir que o verdadeiro mal nada tem a ver com Lúcifer.



## Mitofilosofia luciferiana

### CAPÍTULO 1

Há várias interpretações, conceitos, ideias e visões sobre Lúcifer e seu significado. Alguns dizem que Lúcifer é um ex-soberano extraterrestre não físico da Constelação de Órion, ou Sistema de Satânia, que realizou experiências genéticas entre criaturas reptilianas intelectuais de Órion e seres humanos. Outros afirmam que Lúcifer era um dos seres rebeldes de um sistema cuja estrela chama-se Capela e que foi exilado no planeta Terra junto com muitos desse sistema. Há quem acredita que ele é um extraterrestre fisicamente visível que veio para a Terra e manipulou o DNA de primitivos antrópoides, transformando-os na espécie humana tal como ela é hoje. Alguns acreditam que ele é o filho de Deus e verdadeiro criador dos planetas e das estrelas e que foi amaldiçoado por Deus porque era muito belo e ofuscava o próprio Deus. Dizem também que Lúcifer era o Chefe dos

Elohim, chamados popularmente de anjos ou deuses, da Ordem dos Principados (o que seria muito pertinente à condição de Lúcifer). É dito, ainda, que Lúcifer – conhecido também como Azazel, Samyaza e Samael – é o pai de Caim (civilizador da espécie humana) e o criador da magia e da feitiçaria, senhor da bruxaria, e líder dos supostos anjos caídos que transmitiram “conhecimentos proibidos” às mulheres terriáqueas e geraram as espécies de fadas e elfos por meio da cópula com essas mulheres. Às vezes, é chamado de Lumiel e Luzbel, o Chefe dos Demônios. Entretanto, a maioria das pessoas prefere identificá-lo veementemente com Satã e acredita que ele é um princípio do inferno, do mal, senhor do caos e combatente eterno de Deus e sua Criação. A ideia, muito difundida, de que Lúcifer seja um anjo caído, orgulhoso de sua sabedoria, beleza e posição altíssima e que tenha se recusado a ser um servo do homem, contestado a onipotência de Deus e sido transformado no Diabo que eternamente busca a ruína da espécie humana pode tornar muitas pessoas irresponsáveis pelos seus próprios atos e pensamentos.

Se Lúcifer caiu, certamente foi uma queda livre. Livre, porque ele personifica a verdadeira liberdade de pensamento tão condenada pelos rancorosos dogmas vigentes. Caiu, mas se libertou do agregado angelical autônomo e sem graça e foi reinar no inferno – o mundo inferior, o mundo dos humanos. Ou seja, a libertação da limitação emocional e mental condicionada por dogmas “divinos” espúrios e por “verdades” impostas.

Não se deve interpretar ao pé da letra a questão da queda. Lúcifer não é um anjo, muito menos um anjo caído. Não é também diabo algum. Convém enfatizar que Lúcifer não é Satã nem o Diabo, que tanto aterrorizam as mentes estreitas. Essa confusão, disseminada de maneira intencional, é relativamente atual.

Apesar do equivocado conceito popular, o nome Lúcifer só aparece em algumas traduções da *Biblia*, incluindo a versão do rei James (séc. XVII), e nada tem a ver com Diabo ou Satã. Na *Biblia hebraica* (Antigo Testamento), o que poderia ser uma equivocada referência a Lúcifer é o nome Heilel Ben Shachar, que se refere ao rei babilônio Nabucodonosor. Mas quem associou os nomes Lúcifer e Estrela da Manhã ao Diabo foi Orígenes de Alexandria (séc. II), iniciando assim uma sucessão de conceitos equivocados e distorções, até os dias de hoje. E com a contribuição desonesta, infame e horrível de Dante Alighieri (séc. XIII), Lúcifer tomou uma das piores formas no imaginário popular. Mas John Milton (séc. XVII) mostrou um anti-herói libertário, um Lúcifer superior com sua integridade, altivez, dignidade, honra, princípios e inteligência.

Na *Septuaginta*, tradução da *Biblia* hebraica para o grego, consta o nome Fósforos; e Lúcifer, na *Vulgata*, a *Biblia* latina oficial traduzida do grego e do hebraico por São Jerônimo e na qual se baseiam as traduções para os diversos idiomas atuais. Geralmente as supostas referências bíblicas à palavra “Lúcifer” podem ser encontradas em *Isaias 14:12, Jó 11:17 e Apocalipse 2:28 e 22:16*, de algumas bíblias, em que,

no lugar do nome, consta a equivocada tradução “estrela da manhã”, “estrela matutina” ou “estrela d’alva” (além, de modo geral, de citar dragões, serpentes e Satã).

Lúcifer – o “Portador de Luz” (do latim, *lux e fers, ferre ou fero*) – jamais deveria ser identificado com o Diabo, pois não há fundamento etimológico nem bíblico para tal; o verdadeiro sentido de Lúcifer nada tem a ver com traduções bíblicas. Assim, esse nome e seus significados podem ser desvinculados de conceitos “tradicionais” propagados por babilônias. Devem-se manter as correlações originais, mais lógicas e “educativas”.

O arquétipo luciferiano é recorrente em várias mitologias, de diversos povos, de diferentes épocas, pois é uma manifestação, expressão e personificação de uma força, de um poder, e é a reminiscência de seres superiores, que ensinavam à espécie humana como evoluir, e de eventos anticôsmicos, cósmicos e naturais, sob diversos nomes, de acordo com a época e o lugar. Um exemplo é o titã Prometeu, que se apoderou do fogo do Olimpo para doar à humanidade. Foi castigado por Zeus (o deus hipócrita, o Demiurgo) e acorrentado em uma rocha, onde uma ave de rapina todos os dias devorava-lhe o figado, e este ressurgia durante a noite.

Ainda na mitologia grega, os irmãos Eósforo (*Phosphorus*, que significa exatamente “Portador da Luz”, em grego) e Héspero (*Vesper*) são outros arquétipos luciferianos, os Portadores da Luz, a Estrela Matutina e a Estrela Vespertina, respectivamente, ou, em outras palavras, o planeta Vênus. Héspero é pai das Hespérides, as três irmãs

que guardavam as maçãs de ouro da imortalidade e da sabedoria em um jardim.

No hermetismo e na alquimia, Pimandro (Poimandres, Pymander) é Lúcifer, o Dragão de Luz e Sábedoria.

Uma mitologia do Oriente Médio fala sobre a desobediência de Iblis, chefe dos *djinns* (*jáns, jínn*), espíritos da natureza. Acredita-se que Iblis, ou Shaitan, recusou-se a adorar o homem recém-criado e por isso deveria ser castigado por Deus no dia do Juízo Final. Também do Oriente Médio, o yezidismo diz que seu deus Melek-Taus – ou Shaitan, como é chamado – “pecou” pelo orgulho, recusando-se a adorar o homem, mas depois foi perdoado por Deus. Melek-Taus, o Anjo-Pavão andrórgino, é considerado, pelos yezides, o primeiro grande anjo de Deus e governa sobre todas as criaturas do céu e da Terra.

No hinduísmo, Sukra é o chefe e o instrutor dos Daityas, deuses antigos “rebeldes” que lutaram contra a mórbida passividade celestial para obter a soberania dos céus e a liberdade. Sukra é o regente da esfera de Vênus, logo fica evidente sua relação com Lúcifer. Outros arquétipos luciferianos hindus são os Devas e os Asuras. Considerados demônios (assim como os anjos caídos), são forças inteligentes originalmente da vida. Os brâmanes degradaram os Asuras, vistos agora como meros demônios perversos. Importante ressaltar que os Asuras, Daityas e até mesmo os Elohim dos hebreus podem ser correlacionados aos Titãs dos gregos. *Elohim* significa “deuses”, e são o coro angélico da esfera de Vênus, de acordo com o sistema cabalístico.

Na mitologia egípcia, pode ser citado o deus Set, chamado de Tifon, posteriormente. Deus antigo, lutou pelo trono, matando e esquartejando Osiris e arrancando o olho direito de Hórus. Foi considerado depois como um deus do mal, das trevas e da morte, o que certamente não diz muito respeito aos deuses de caráter propriamente luciferiano, mas, sim, satânico.

A *stregheria* (antiga bruxaria italiana), da qual algumas vertentes da religião *wicca* procuram assimilar alguns elementos, busca ensinar que Lúcifer era irmão e esposo da deusa Diana e que dessa união nasceu Aradia, a deusa que ensinou a bruxaria de seus pais aos humanos para libertá-los da opressão e exploração cristãs. Entre os romanos e entre as *streghe* (bruxas italianas), Lúcifer é chamado de Dianus Lucifer (um deus tríplice: Cornífero, deus da fertilidade e da sexualidade; Encapuzado, deus ceifador, dos campos cultivados e dos bosques; Ancião, deus da sabedoria e do conhecimento). E Dianus Lucifer não tem nada a ver com o conceito de demonização judaico-cristão, mas, sim, está relacionado aos cultos pagãos da Antiguidade – especialmente greco-romanos –, e aos deuses da natureza, da luz, do Sol, da fertilidade, da vida, da morte, da sabedoria etc. Entre os maias, Kukulkan – ou Quetzalcoatl, entre os astecas –, a “Serpente Emplumada”, pode ser considerado o maior arquétipo luciferiano. Deus do conhecimento secreto, dos ventos, da fertilidade, criou o homem dotado de inteligência e doou-lhe as sementes de cacau, o alimento dos deuses, para o preparo do *xocoatl*. Durante uma batalha,

esquartejou a deusa reptiliana Tlaltecuhtli (Cipactli), de cujo corpo criou o céu e a Terra.

O aspecto feminino luciferiano (lucivenusiano) tem sua representação em vários arquétipos mitológicos também. Todas as deusas da beleza, do amor, da sabedoria, das artes, da natureza, do prazer, do desejo, do sexo, da harmonia etc., são expressões luciferianas. Exemplos: a grega Afrodite (Vênus, para os romanos), deusa da beleza, do amor, do desejo e da vida; Hera (Juno, para os romanos), a deusa grega do casamento, do prazer, da vegetação e do paraíso olímpico; Palas-Atenas (Minerva, para os romanos), deusa grega da sabedoria, das artes, da beleza e da justiça; as Musas gregas, inspiradoras das artes; a egípcia Hathor, deusa do paraíso, da alegria, do amor, dos prazeres e das artes; a escandinava Frigga, deusa da sabedoria, da fertilidade, do amor, do desejo sexual e do matrimônio; a escandinava Iduna, deusa da beleza e do amor, guardiã das maçãs da vida eterna; a hindu Lakshmi, deusa do amor, da beleza, da sabedoria; a celta Druantia, deusa da sabedoria, da criatividade e do amor; a sumeriana Inanna (Ishtar, para os babilônios; Astarte e Astaroth, para os fenícios), deusa do amor, do casamento, da natureza e dos prazeres; a asteca Xochiquetzal, deusa do paraíso, do amor, da beleza, da natureza e das artes; Erzulie, a deusa vodu, ou *loa*, da beleza, do amor, do desejo, dos prazeres, das artes; Tiamat-Tehom, a deusa draconiana sumeriana de cujo corpo foi criado o mundo dos humanos. Há muito mais arquétipos mitológicos em vários panteões, e

o leitor pode se aprofundar em literatura especializada, obras sérias de mitologia.

Para o propósito de estudo comparado, os eventos bíblicos — que são derivados de outros mitos — são considerados como mitologia (hebraica), assim como a grega, a egípcia, a sumeriana, a hindu etc., não sendo melhor nem pior do que qualquer outra do mundo, apesar de que as religiões monoteistas se creem melhores do que as outras, condenando-as como cultos do demônio. Mas cada um tem o direito de ser opositor ao que quiser — sem violação e repressão.

Então qual é a diferença entre monoteísmo e politeísmo? Em essência, nenhuma. As grandes religiões monoteístas surgiram do politeísmo, assimilando alguns deuses pagãos e relegando muitos outros à categoria de demônios, que são “bem acolhidos” no seio religioso. As religiões consideradas pagãs são, portanto, a origem das religiões que insistem em ser monoteístas. Toda a hierarquia angélica e as hordas de demônios das religiões judaico-cristãs e os santos católicos nada são do que um panteão de muitos “deuses” especializados, do mesmo modo que os deuses mitológicos hindus, celtas, gregos, romanos, egípcios etc., com sua organização hierárquica tendo um deus superior e “mais poderoso” e muitos outros deuses menores e locais com suas funções, atividades, características específicas e peculiaridades.

O bestiário mitológico, que é parte dos cultos politeístas, existe no “monoteísmo” judaico-cristão também.

Parece óbvio que animais como a pomba, o cordeiro, o peixe, o bode, o leão, o touro, a águia, a baleia, a serpente, o dragão etc. são bestas adoradas ou não e citadas e representadas nas bíblias. Portanto, eis um bestiário, relativamente limitado, presente no monoteísmo.

O universo e toda a vida foram criados e são mantidos por forças que trabalham em conjunto e em muitos níveis e graus. Essas forças são personificadas por anjos, deuses, demônios, bestas, semideuses e, até mesmo, de forma distorcida, por santos do “monoteísmo politeísta” e do “politeísmo monoteísta”. São formas mentais vivificadas por forças cósmicas e naturais primitivas, específicas, ativas e funcionais e tipificadas pela própria etnia, ou povo, de um determinado lugar, e que se manifestam para aqueles que as buscam, sendo sustentadas ao longo de gerações pelos próprios cultos e rituais. Assim, pode-se dizer que deus, ou deuses, anjos e demônios são feitos à imagem do homem (e da natureza), e não o contrário. O homem “veste” as todas forças anticôsmicas, cósmicas e naturais com as formas antropomórficas, ou híbridas de besta e gente, para que possa compreendê-las e contatá-las de acordo suas necessidades mais íntimas e seu temperamento e afinidade. Muitos seres humanos têm essa necessidade, mesmo inconscientemente e sem instrução, de buscar algo mais específico e imediato para seus anseios, algo mais próximo de si.

Todos os exemplos mitológicos citados mostram as correlações e semelhanças em várias religiões e mitologias de vários povos e a importância de seu estudo comparado.

Pelo que precede, pode-se considerar a via luciferiana independente de teologias bíblicas, dogmas monoteístas etc., tendo como fundamento, um arquétipo universal originado de eventos anticósmicos, cósmicos, naturais e humanos.

Além disso, é importante saber as implicações da questão luciferiana de modo geral, pois há muitos equívocos. Lúcifer, em todos os seus aspectos, está muito longe de ser algo diabólico, como o querem as limitadas mentes perversas e hipócritas que exergam heresia e “pecado” em tudo, sem o menor critério ou discernimento.

Afinal, uma pessoa, para ser considerada herege – de acordo com a conotação pejorativa ortodoxa da palavra “heresia” –, precisa primeiramente fazer parte de um contexto religioso que considera qualquer coisa fora de seu sistema uma heresia. O indivíduo, antes de cometer qualquer “heresia”, deve ser convicto em sua fé ou religião, crer e temer o dogma imposto, mesmo com hipocrisia e negligência, para depois ser tido como um herege, se for o caso. Portanto, a heresia não existe fora das “prisões” religiosas ortodoxas que estorvam a evolução e criam o inferno patológico para os seres humanos de caráter fraco e de mente estreita escravizada.

A palavra “heresia” vem do grego, *haeresis*, e do latim, *haeresis*, e significa “escolha”, “preferência”, “opção”, “opinião”. Assim, todos aqueles que têm liberdade de escolha, preferências e opiniões próprias são hereges, sem qualquer conotação religiosa ou valor moral. Mas, infelizmente, como sempre, a religião deturpa o significado

das coisas, adultera o conhecimento, procura impedir o acesso à informação e coibir a manifestação do livre-pensar. Somos todos hereges, de acordo com o significado original da palavra, inclusive as religiões ortodoxas que escolhem e opinam (e impõem), mas na verdade não toleram que os outros o façam. Eis a hipocrisia e a arrogância pretensiosa. Os indivíduos deveriam ser livres para expressar ou manifestar o pensamento e as ideias (de preferência, coerentes, sensatas).

A heresia, ou escolha e opinião, com a inflada hipocrisia das religiões, transformou Lúcifer no Diabo e no mal simplesmente porque representava a liberdade de pensamento, a força de caráter, o conhecimento de si mesmo. Transformou também todos os deuses pagãos da Antiguidade em servos infernais do Diabo, amaldiçoando e deturpando a cultura e a mitologia de vários povos e as próprias manifestações naturais da vida como um todo. Tudo o que não se encaixava em seus dogmas perversos era classificado como coisa do Diabo e do mal.

Mas Diabo é diferente de demônio. A palavra “demônio” vem do grego, *daimonos*, ou *daimon*, e significa somente “espírito” ou “deus”, estando muito longe de ser um diabo que busca a desgraça humana. “Diabo” também vem do grego, *diabolos*, e significa “intrigante”, “enganador”, “caluniador”, e é evidente que esses significados dizem mais respeito aos próprios seres humanos de mente maligna do que a algum “títtere” inventado pelos dogmas ortodoxos. O Diabo é filho da religião e de seus fanáticos fiéis. É um filho muito

querido, bajulado, que recebe muitas atenções e está sempre na mente dos “bons” e piedosos religiosos.

Provavelmente, se não fosse pelo escravagista e misógino Paulo, um judeu romano nascido em Tarso (atual Turquia), que disseminou uma falsa doutrina paulinista em suas viagens de evangelização, no século I, e, depois, pelo imperador romano Constantino, que, no ano 313, começou a privilegiar o cristianismo, a negligenciar a religião original de Roma e a transformar o culto pagão e a feiçaria em crimes, o cristianismo e sua criação, o Diabo, não teriam se espalhado e causado tantos sofrimentos, mortes, dissociações mentais etc.

Todo religioso que se preze deveria saber que, no decorrer da história, a religião institucionalizada se enriqueceu à custa de opressões, heresias fabricadas, confisco de bens etc. Que inventou a conspiração do papado, que foi se estabelecendo gradativamente, sendo sustentado, no inicio, pelo Império Romano. Possivelmente, por meio de corrupção e de mentiras desde o seu surgimento, o papado cresceu em poder político, econômico e até militar. Era parte do plano incitar guerras e escravizar povos com o confisco de seus bens e terras, assim como canonizar (outra invenção) assassinos de não católicos. Para sustentar sua rica posição, a religião institucionalizada sempre comercializou cargos eclesiásticos e títulos, forjou relíquias para venda, negociou o perdão dos pecados, vendeu indulgências e missas a elevados preços, tornando-se, assim, bilionária com esse comércio religioso e hipócrita. Os confessórios também foram criados com o objetivo de sondar a vida íntima das pessoas,

principalmente dos políticos, para vender-lhes perdões e exigir-lhes ricas doações em troca de salvação. Um mecanismo “religioso” de leis foi inventado para escravizar por meio das farsas do inferno, do purgatório, do pecado, da culpa e das heresias intrincadas que não deixavam qualquer recurso de defesa para os acusados. No passado, a própria *Biblia*, rejeitada pelos papas e proibida sua impressão e publicação, era vista como uma praga que poderia destruir o papado, pois todas as farsas religiosas não constavam nos textos bíblicos originais.

Em nome da religião, milhões de homens, mulheres, idosos, crianças inocentes e, até mesmo, cristãos não católicos foram torturados e dizimados e tiveram seus bens destruídos ou saqueados durante séculos. Ricos, nobres, trabalhadores, mendigos, honrados, desonrados, fiéis e infiéis, eram todos destruídos, a não ser que se submettessem aos caprichos e tirania da religião. Para manter sua riqueza e dominação, novas e infames “heresias” eram criadas constantemente, e a feitiçaria ou a religião pagã das pessoas simples foi, assim, considerada e difundida como algo do Diabo. Até mesmo o fato de alguém não acreditar em bruxa e no Diabo já era considerado uma heresia.

Com a lamentável publicação do *maledicus Malleus Maleficarum*, no século XV, o verdadeiro inferno cristão foi estabelecido. Esse livro descreve métodos absurdos para identificar bruxas, enfeitiçamentos e supostos pactos com o Diabo e procedimentos de execução, torturas abomináveis e questionários tendenciosos e depravados para extrair

confissões, pois ninguém poderia ser condenado sem a própria confissão. Após a prisão, o confisco de bens e tantas torturas, o acusado, já sem forças, era coagido a confessar seu “crime” publicamente como se fosse por vontade própria. Confessava os maiores absurdos que jamais havia cometido e era forçado a delatar outras pessoas (inocentes), até mesmo do próprio núcleo familiar. O acusado ainda deveria pagar por todo o custo das torturas (equipamentos e serviços dos carrascos) e da execução, muitas vezes, na fogeira (representação do fogo do inferno). As mulheres eram despidas e estupradas antes de serem torturadas. As terríveis torturas poderiam incluir a amputação de dedos e mãos, esmagamento de membros, deslocamento de membros, esticamento de membros, açoitamento, imersão em água gelada ou óleo fervente, além de decepar a língua, queimar o corpo e a boca com ferro em brasa, espetar o corpo com pinças quentes etc.

A Santa Inquisição, juntamente com o *Malleus Maleficarum*, foi a mais verdadeira e maldita criação baseada em pura e extrema maldade, ganância, depravação, covardia, injustiça e desonestidade. Portanto, aqueles pseudossatanistas com inútil e estagnante índole maligna que preferiram adorar o Diabo (uma criação cristã que “serve” fielmente à Igreja) estariam muito mais certos em sua crença se adorassem e se submettessem à própria Igreja e aos seus clérigos.

É claro que a Inquisição e suas atrocidades não mais existem e muita coisa mudou, mas sabe-se que a instituição religiosa ainda é um sepulcro caiado cheio de politicagem,

hipocrisia, degeneração moral, perversão, intrigas e sofrimentos por entre seus corredores escuros e por debaixo dos hábitos de padres e freiras, desde a sua origem. E a tão alardeada castidade religiosa é somente uma desequilibrada abominação psicomental e sexual que provoca degradação e escândalos. O celibato provavelmente foi criado para burlar a lei de herança patrimonial de família. O celibatário vive fortemente obsessado por suas próprias fantasias sexuais sádicas e é tão débil que chega a cometer os piores “peccados” sexuais que ele tanto condena e amaldiçoa nos outros. O celibato é uma contradição. As palavras *papa* e *padre* significam “pai”, para ser pai, é preciso ter filhos; para ter filhos, é preciso ter mulher; para ter mulher, é preciso não se submeter à farsa do celibato. Apesar de celibatários aos olhos do povo, papas e padres sempre estiveram envolvidos em escândalos sexuais no decorrer da história da religião, mesmo considerando a mulher como apenas um instrumento para atrair e dominar famílias e comunidades, além de ser vista como a origem dos males. Em suas aventuras de escândalos, estupravam mulheres casadas, viúvas e freiras virgens, praticavam incestos e produziam muitos filhos ilegítimos que “desapareciam” de repente, para reaparecerem como esqueletos velhos e empoeirados em algum porão ou catacumba.

Eis o verdadeiro mal. De fato, o mal – esse divulgado e propagado pelas religiões ortodoxas e pelas massas – é uma estúpida criação humana, ou melhor, desumana. O mal está em cada indivíduo de mente perversa e degradada e nas grandes religiões abusivas que disseminam doutrinas falsas,

interesseiras e escravistas, o verdadeiro mal e um estorvo social. Pois o mal é todo prejuízo, ou dano, que um ser recebe de outro. Seja dano moral, emocional, mental, físico ou material. Simples assim. Nada mais.

Os fanáticos religiosos chegam a criar templos de escravidão para resistir às tentações da carne e do Diabo (sempre o Diabo). Mas essas “tentações” nada mais são do que a força de desejos reprimidos, contidos e prestes a explodir. Com lavagem cerebral, tolhimento da liberdade de pensamento e de expressão e com instrumentos de tortura para autoflagelação e abstinência sexual forçada, os ingênuos fiéis se tornam cativos dessa coisa nociva dogmática e perdem a família, a vida pessoal, o dinheiro, a moral, a dignidade, o respeito, a honra, a liberdade, a alegria, a vontade etc., sendo contaminados lentamente pelos manipuladores da fé, os verdadeiros criadores do mal. Enfim, dogmas de sofrimento, para escravos fracos, enfermos e ignorantes, cujo objetivo é disseminar a doença, a corrupção humana e a decadência e tornar a humanidade aleijada intelectual, mental e sexualmente.

Há também muitas outras seitas fanáticas espalhadas que buscam arrebanhar cada vez mais pessoas desorientadas por meio de uma manifestação excessiva de (falso) amor, afeto, bajulações, apoio emocional, interesse nos problemas pessoais, criando a ilusão de que a “vítima” é extremamente importante para a seita e para o mundo. A pessoa fraca é condicionada pela exposição das ideias e acaba por ingressar na seita, escravizando-se a ela e vivendo sob opressão e

ameaças morais e psicológicas, gerando culpas inúteis e “dívidas com Deus”. Deus é um pretexto para que as seitas dominem sobre os fracos e “confisquem” todos os seus bens mais importantes: o autorrespeito, a autoestima, o amor, o livre-arbitrio, a intimidade, a saúde mental e até mesmo o patrimônio material.

A existência abrange coisas que o ser humano não conhece. Há muitos mistérios que a ciência e a religião ainda não podem resolver. Mas com a existência surgem, infelizmente, a confusão, o fanatismo, o ceticismo e a credulidade.

Assim, o ateísmo e o teísmo, a ciência e a religião, os crentes e os descrentes, buscam se combater mutuamente. Muitos ateus são tão fanáticos em sua crença materialista quanto religiosos em sua fé em um Deus que eles nunca viram. Ambos são unilaterais, cegamente apegados em seus extremos opostos, são cegos em suas crenças, completamente fechados para novas experiências além de suas limitações acadêmicas e dogmáticas. O ateu não pode provar científicamente que Deus (ou deuses, espíritos, demônios etc.) não existe, e o crente não pode provar para o ateu que o Deus bíblico é um fato. É um conflito inútil. O ateu e o crente compreendem Deus como uma entidade pessoal que é negada pelo fanatismo materialista ou aceita pelo fanatismo religioso. O que importa de quem é o ônus da prova? A ânsia por provas é um desgate inútil e mostra indivíduos fracos que não têm convicção de suas próprias experiências provadas

para si mesmos. De fato, a própria ciência se tornou uma espécie de deus para muitos ateu.

O ateísmo pode almejar a ataraxia – a tranquilidade imperturbável –, mas esta não está na negação daquilo que se desconhece para se livrar de temores inúteis como uma ideia muito confortável e conveniente; não é simplesmente negando por desconhecimento que se liberta do medo. Essa serenidade prazerosa, ou paz atarásica, somente é atingida mediante o autoconhecimento, a experiência e a harmonia consigo mesmo, usufruindo dos prazeres sadios da vida em toda a sua amplitude emocional, mental e material, sem a interferência das paixões grosseiras e das futilidades mais vulgares.

O indivíduo de inteligência expandida – não aquela mera inteligência de ofício, específica, automática – busca a verdade e o conhecimento direto pela experiência em si mesmo e pela observação, com discernimento e compreensão. Com relação a isso, Lúcifer pode ser uma força em nossos nervos, o poder do nosso pensamento, o conhecimento disponível para ser descoberto e usufruído, o esforço de vontade para realizar algo, a atração sexual e a libido etc. Aqueles que são capazes de pensar e raciocinar por analogias, são capazes também de compreender, discernir e utilizar o conhecimento disponível.

Mas de nada adianta discutir exaustivamente as teorias científicas, os dogmas religiosos e as questões existenciais, seja lá quais forem suas ramificações – e são muitas –, nem participar dos vaidosos conflitos verborrágicos

entre a ciência e a religião e suas invencionices que, de fato, não resolvem os problemas da humanidade.

Com a criação dogmática de um Deus antropomórfico masculino, machista e misógino, incapaz de responder e solucionar a maioria dos problemas humanos, foi preciso criar, de maneira muito eficaz, também um Diabo zooantropomorfizado e infernal para ser o responsável por toda desgraça e perdição humanas, um culpado “virtual” por todos os erros, injustiças, crueldades e vícios que assolam o mundo. Assim, o Deus teológico, que deveria ser (mas não é) absolutamente perfeito, cheio de misericórdia, bondade e sabedoria, foi inocentado. E como a grande maioria dos seres humanos ignorantes e hipócritas não assume os próprios atos, pensamentos, sentimentos e as próprias responsabilidades, tal invenção odiosa foi rapidamente aceita. A falsa teológica se espalhou pelo mundo, e agora muitos tolos da fé cega acreditam em um Diabo forjado pelos manipuladores da fé, em um Diabo que combate Deus e que deseja a desgraça dos fiéis. Mas não percebem que sua fé está, na verdade, dividida entre Deus e o Diabo, assim como esses dois fantasiosamente dividem o domínio do mundo. Entretanto, tudo é culpa do Diabo, estando os fiéis isentos, nunca se responsabilizando por seus atos, pensamentos e desejos, por piores que sejam. O pobre Diabo inventado carrega toda a culpa das ações catastróficas de uma civilização doente. Sem o Diabo frankensteiniano e seus servos, a quem os tolos irão culpar pelos males de suas vidas e do mundo? Subtrairá o Diabo da religião, e a religião toda desaparecerá.

Mas, por outro lado, paradoxalmente, os crédulos religiosos dizem também que a desgraça, a doença e a morte são a “vontade de Deus”. Então por que as pessoas se desesperam diante da morte e da dor se vão para perto de Deus? Por que o desgosto e a tristeza quando morre um ente querido? Conclui-se, então, que Lúcifer não é o verdadeiro maligno, mas, sim, o Deus teológico cuja “vontade” é ver a desgraça do mundo e a morte de seus devotos que o temem. Dizem que até o próprio “filho de Deus” foi torturado e assassinado para a glória do Senhor e “salvação” da prole humana, e não o Diabo tão mal-afamado.

É lógico que o verdadeiro mal, como algo nocivo mesmo, não está em Lúcifer ou em Satã, mas na própria teologia das religiões dogmáticas e em seus fiéis e cegos seguidores cheios de ódio inútil e irracional por algo que não conhecem. O dogmatismo fanático pode estar destruindo a cultura ocidental, tolhendo o crescimento sadio da sociedade, que não tem liberdade e paz, tornando o mundo grosseiramente materialista, mecanicista, consumista, sem maiores aspirações e sem nobres perspectivas, nivelando todos os indivíduos de maneira igualitária, ou seja, “cabeças de rebanho” desprovidas de individualidade.

Como uma espécie de conspiração mundial para escravizar os povos, tudo parece minuciosamente planejado para gerar caos, discórdias, guerras, miséria, colapso econômico, degradação moral, zumbificação social etc., principalmente em países de terceiro mundo. Em nome de um Deus imaginário, muita crueldade gratuita tem sido

perpetrada, assim como em nome do materialismo violento, que é um resultado do monoteísmo. Este ensina a falácia de que o mundo material e a natureza são coisas desprovidas de essência espiritual e que devem servir aos caprichos e excessos do ser humano. Em virtude de tal crença em uma separação inútil entre o sagrado e o profano, os religiosos dogmáticos difundem a ideia de que Deus e seus desígnios estão muito além do alcance dos “pecadores” e da compreensão humana.

Mas o materialismo também está na ciência que, por vezes, opõe-se à religião. O desequilíbrio causado pelo desenvolvimento da ciência materialista está levando o mundo ao apocalipse tecnológico. Apesar do progresso em muitas áreas, a obsessão científica isenta de autoconsciência expandida pode gerar complicações materiais, aborrecendo e prejudicando com seu excesso tecnológico desenfreado e abusivo, porém insensível e deliberadamente limitado em sua utilização para a evolução mental da espécie humana. A ciência se desenvolve em um ritmo que a autoconsciência, a percepção interior e o discernimento da humanidade não são capazes de acompanhar. É possível que exista uma “guerra” tecnológica religiosa e científica em todas as mídias e uma larga disseminação da discordia, disfarçadas pelas vias informatizadas ao redor do mundo.

A ciência parece muito moderna e avançada, mas uma pessoa observadora perceberá também que a vida se tornou muito mecanicista e artificial e a civilização se atrofiou com os excessos de “facilidades” tecnológicas; criou-se uma

sociedade de aleijados psicometais, assim como os aleijados “espirituais” das religiões. Muitos seres humanos, as massas, estão se desumanizando com a ilusão do maquinismo tecnológico, da ciência ao alcance doméstico, adquirindo um comportamento grosseiro e isento de caráter, apesar de uma minoria inteligente usar a ciência no transumanismo, para transformar o indivíduo em um ser pós-humano, transumano, superior. A tecnologia evolui, é claro. Mas também faz estagnar as massas em seus aspectos mais importantes, reduzindo-as a meros servos autômatos das máquinas, que pululam dos confins mais ruidosos, em um caos materialista em expansão.

O materialismo religioso tem algumas semelhanças com o materialismo científico, pois ambos propagam a ideia de que o mundo material e todas as coisas da natureza são desprovidos de qualquer inteligência inherente ou princípio vital. O materialismo é uma consequência visível do monoteísmo dogmático, e ambos estão destruindo a vida, idiotizando e “mecanizando” o ser humano. A Guerra Santa progrediu e, hoje, presenteia a humanidade com maravilhosos explosivos, armamentos incendiários de poder extremamente destrutivo, utilizados amplamente de maneira assombrosa. A guerra de Deus está altamente equipada para matar, incendiar e destruir de maneira cega em nome de um ideal enganoso. A Santa Inquisição – a irmã mais nova da Santa Ignorância – e as perseguições religiosas violentas e desumanas do passado, mas que no presente ainda persistem suas reminiscências, são evidentes demonstrações do verdadeiro mal dogmático em

ação. O terrível poder do ódio sem propósito, da intolerância, da ignorância e da ganância, fluindo nos degradados indivíduos, criou o monoteísmo patriarcal com seu Deus autoritário, vingativo, opressor, ciumento e vaidoso, à imagem do homem. Instituições religiosas dogmáticas se tornaram negócios lucrativos financeiramente, além de, até certo ponto, conquistar alguma autoridade política. Seus dirigentes extremamente gananciosos escravizam fiéis de mente fraca que “compram” a salvação por grandes quantias em dinheiro para “a glória do Senhor”. Portanto, não são Lúcifer nem Satã os verdadeiros responsáveis pela complicada desgraça e malignidade do mundo.

Procurando situar Lúcifer, Satã e outros “demônios” nos conceitos hierárquicos teológicos, a Igreja medieval desenvolveu a demonologia cristã. Categorizou Lúcifer como um soberano infernal, juntamente com Satã, além de muitas outras entidades consideradas diabólicas organizadas em hierarquia. Isso porque os grimórios de feitiçaria seguem a demonologia judaico-cristã, mas variam de autor para autor. No *Grimoirium Verum*, Lúcifer aparece com Belzebu e Astaroth como os principais demônios; no *Corvo Negro do Dr. Fausto*, Lúcifer é o imperador, seguido de vários outros espíritos infernais; no *Livro das Conjurações de Honório III*, Lúcifer vem seguido por Frimost, entre outros, mas parece que Satã não faz parte da hierarquia; no *Gran Grimoire*, Lúcifer é imperador; no *Grimório de Armael*, ele é príncipe, seguido também por Belzebu e Astaroth; na *Magia Sagrada*

de Abramelin, o Mago, os espíritos superiores na hierarquia são Lúcifer, Satã, Leviatã e Belial.

Contudo, muitos dos grimórios são considerados fraudes e parece não haver muita concordância entre eles com relação à hierarquia e denominação, havendo até mesmo grandes diferenças nas assinaturas e nos selos dos supostos demônios. É importante enfatizar que os grimórios são de caráter medieval densamente judaico-cristão e que Lúcifer e Satã jamais foram considerados entidades diabólicas ou malevolas antes da criação falaciosa dos dogmas religiosos.

E com relação ao mal-afamado Satã, apesar de todas as aberrações dogmáticas e os equívocos das massas, é preciso explicar, pois ele expressa profundos conceitos filosóficos, sem a horrível máscara da pseudomaldade.

Satan significa “adversário”, “opositor”, em hebraico, e tem representações arquéticas em várias culturas e mitologias do mundo, sob diversos nomes. Satã representa primordialmente a criação da forma e da matéria que geram limitação e restrição, sendo o oposto da força e da fluidez – ou seja, o opositor. Satã é o arquétipo criador original da raça humana física, o doador da vida no mundo material. Ele, ou melhor, o poder que ele expressa, criou a humanidade dotada de instintos primitivos, mas ainda sem mente ou inteligência em seus primórdios. Porém essa força (Satã) pode abrir os olhos da humanidade para a compreensão da vida na carne e acerca da matéria, dando-lhe a consciência de seus instintos e necessidades e o livre-arbitrio com responsabilidade e discernimento, livrando-a da ignorância. Mas são poucos

aqueles que comprehendem e são fortes o suficiente para não se tornarem meros escravos patéticos dos instintos, da matéria e dos vícios físicos.

Entretanto, o livre-arbitrio é um pecado para a teologia, e a ignorância de seus fiéis é uma fé cega e muito bem-vinda. Assim, Satã é o “adversário” da ignorância institucionalizada, da hipocrisia, da ilusão material e dos dogmas enganosos. Ele é o portador do conhecimento secreto por trás da matéria e dos instintos da carne. Está na humanidade, em seus instintos mais primitivos e necessários à sobrevivência; está no corpo físico biológico e em seu funcionamento natural; está nas leis físicas da matéria, que pode ser convertida em energia, ou seja, o verdadeiro sacrifício (transformação) satânico da matéria em algo mais poderoso, sutil e ativo. É uma transmutação de princípios inferiores materiais em energia, consciência iluminada e sabedoria, o que equivale a dizer que no ser humano “sacrifica-se” algo inferior por algo superior para que se possa sempre evoluir; unimos a matéria ao espírito equilibradamente. Eis a fórmula da transmutação no plano microcósmico ou individual humano. Lúcifer transcende Satã, e juntos atuam no indivíduo e no universo manifestado; a vontade, a inteligência e o conhecimento luciferianos se unem às necessidades naturais, aos instintos e aos desejos satânicos.

Satã é a força instintiva e natural da vida e da morte, como também o tempo e o espaço nos quais os ciclos da vida-morte de toda a existência se processam. É Cronos e

Saturno – o tempo, que é relativo para cada ser humano, para cada estado de consciência, humor e percepção. Todo indivíduo, independentemente de seu grau evolutivo, já sentiu a lentidão terrível e angustiante e o peso esmagador de Saturno-Cronos, que parece segurar, reter, cada minuto por um longo tempo, demorando os momentos de ansiedade, tristeza, desespero e até mesmo tédio, com sua foice negra sorrindo, mas inerte. O tempo, muitas vezes, pode ser um flagelo e um suplício, açoitando lentamente, deixando marcas na essência individual aprisionada pelas formas densas e pelos desejos ansiosos e insatisfeitos que o tempo custa a ceifar. A mente vê grão por grão de areia a se depositar no fundo da torturante ampulheta, que reflete sua imagem sofrida, querendo se libertar do interior desse instrumento. Mas por que é preciso viver a eternidade morosa de Cronos? O tempo é a morte lenta, quando Cronos dá a vida, mas é também a vida rápida que se evai, quando ele a devora dando a morte no momento em que a vida, em sua inconsciência, não sente mais o tempo, que age rapidamente e esgota o momento de felicidade. Cruel ou não, mas certamente poderoso, Saturno infiltra a dor na lentidão do longo tempo e torna a alegria, que não dura mais que breves momentos.

Isso tudo pode parecer alegoria ou metáfora. O importante é que todo indivíduo sente a força satânica (saturnina, setiana, tifoniana) em sua vida, pois Satã, em suas manifestações e aspectos, flui, muitas vezes, de maneira inconsciente. É uma grande força impessoal, natural e

subliminar do universo manifestado. Satã nada tem a ver com as ideias muito mal-intencionadas de pessoas manipuladoras e com os dogmas e os conceitos teológicos equivocados.

Mas todo aquele que deseja agressivamente ser opositor da Igreja e também da sociedade tornou-se satanista (não luciferiano, exatamente). O satanista busca a satisfação dos desejos, os prazeres carnais e materiais ao extremo e a exaltação da consciência do ego, ou personalidade, o que é contrário aos dogmas religiosos.

Adeptos do satanismo buscam executar missas negras, além de ritos de iniciação no qual se afirma Satã e se renuncia a Cristo, com supostas blasfêmias, entre outros (rito de consagração do templo, funeral, casamento, nascimento etc.). Em alguns rituais pode haver elementos de feitiçaria vodu. Alguns satanistas parecem misturar paganismo, feitiçaria e monoteísmo panteísta com inversões de dogmas cristãos e sexo. Sobre este último, parece mais uma válvula de escape, uma possível reação organizada à repressão sexual sociorreligiosa predominante e uma justificativa – “gerar energia” – para extravasar os desejos, por vezes sem muito bom senso. Mas realmente o sexo gera energia, assim como outras atividades físicas e psicomotoras combinadas.

Alguns adeptos do satanismo pretendem, ainda, demonstrar para os não satanistas um comportamento meio aterrorizante e com supostas tendências políticas ditatoriais. Outros parecem rejeitar a dramatização teatral ritualística, buscam enfatizar práticas perigosas e de risco para a superação individual e visam a práticas de magia invertendo a

missa cristã como um meio de blasfêmia, de renúncia a Cristo e à Igreja, e, ao mesmo tempo, como libertação dos dogmas cristãos e para gerar forças pelas convicções dos participantes nessa missa.

Mas o autodeclarado satanista necessita se livrar dos entraves cristãos? Seria a convicção nesses próprios entraves a necessidade de se livrar deles para poder realizar todos os desejos e impulsos desenfreadamente sem qualquer culpa ou repressão? O que há para renunciar com tanto alvoroço se não se vive sob o látigo da cristandade? Uma renúncia pressupõe uma desistência, uma recusa com certo sacrifício, o que é muito diferente de reconhecer algo nocivo e abandoná-lo sem qualquer resistência. O indivíduo de mente livre não tem necessidade de se desfazer de grilhões, nem de renunciar a nada, apenas segue sua vontade, objetivo e propósitos, ignorando tudo o que não faz parte de seu ideal e de seu caminho, sem alvoroço, assimilando o que é útil para sua evolução, com discernimento e disciplina.

Todos têm a liberdade de culto, religião e modos de proceder – com responsabilidade –, e se alguém quer ser satanista ou qualquer coisa, não importa, desde que exista respeito pela liberdade de escolha, de opinião e de questionamento. Esta é só uma análise das reações adversas entre o satanismo e o cristianismo e seus procedimentos.

Há satanistas que podem diferir em alguns pontos. Alguns pregam a religião da carne e da matéria, adoram o ego e fazem seus rituais com esses objetivos, porém não praticam sacrifícios de sangue. Consideram Satã uma força

impessoal da natureza, especialmente a natureza humana, e fazem uso de elementos pagãos em suas práticas. O satanismo como religião tem uma igreja satânica, um papa satânico, uma bíblia satânica, uma missa satânica, uma lista de pecados satânicos, enfim, todos os elementos da cristandade – satânicos. Como oposição, eles praticam todos os sete pecados capitais católicos com muito orgulho. Natural. Muitas pessoas que não se consideram satanistas o fazem até mesmo sem se dar conta, e esses “pecados” nada mais são que forças inerentes à condição meramente humana que sempre existiram, mas jamais eram vistos como pecados; o pecado é uma invenção teológica catastrófica. As pessoas, contudo, não sabem que os desejos obsessivos e desesperados podem levá-las aos efeitos opostos do que se persegue: a gula vira repulsa e nojo; a vaidade se torna auto-humilhação e desprezo; a paixonite vira ódio e aversão; etc.

O próprio Deus judaico-cristão parece ter sido um grande exemplo de pecador, de acordo com os textos bíblicos – ou pecar incessantemente se tornou uma grande virtude nos tenebrosos dias de hoje (e de ontem).

O pecado da ira de Deus foi sempre muito temido pelos crédulos, que pecam pela tentação do Diabo. Muitos crentes se converteram após perceber que pecaram muito (mas continuam pecando); além disso, eles têm um medo absurdo de ir para o inferno e ficar sob o jugo do Diabo. Segundo consta na *Bíblia*, o pecado do Deus iracundo pode ser visto no castigo infligido à serpente do Éden e à mulher Eva, além de “estender sua vingança” desde o ser humano até

os animais, destruindo-os por meio do dilúvio; a destruição de Sodoma e Gomorra é também outro ato da ira pecaminosa do Senhor, que está sempre se vingando de suas criações.

Pode-se ver o pecado da gula de Deus em sua sede de sangue e carne. Ele obriga seus temerários servos a praticar sacrifícios sangrentos de animais, isso desde o carniceiro Abel, passando por Noé, Abraão, Moisés, que cumprem a vontade de pecar do Deus glutão. A propósito, a eucaristia também poderia ser interpretada como uma espécie de canibalismo ou vampirismo ritualístico, no qual o vinho é o sangue e o pão, ou a hóstia, a carne, que são oferecidos aos “comensais” na Santa Ceia, semelhante ao ritual tibetano do *chöd*, em que o adepto se oferece como alimento aos demônios que ele mesmo convoca. Não seria, então, essa mesma eucaristia uma reminiscência de primitivos ritos antropofágicos? Ou pode-se interpretar como uma real manifestação da consciência subliminar por meio de um ritual simbólico e metafísico de autoaniquilação, quer dizer, a morte do eu inferior, ou personalidade?

Outro pecado, a avareza, manifesta-se quando Deus exige todos os santuários de fina matéria-prima, todas as oferendas e ricos presentes e todos os cultos e adorações para si, sob pena de vingança até a quarta geração daqueles que adorarem outros deuses. Deus também peca quando exige todas as festas e celebrações do ano (seriam as celebrações dos pagãos?) e todos os dízimos em sua honra.

Deus cometeu o pecado da preguiça quando abençoou somente o sétimo dia, para total “descanso”, ou melhor,

completo ócio improdutivo que é imposto insistentemente ao seu “povo escolhido”; somente um preguiçoso não abençoaria os dias de criação, de trabalho criativo, de atividades prazerosas.

O Senhor pecou com a inveja quando invejou a liberdade, a sabedoria e a ousadia de Satã – uma de suas criações? – na suposta forma da serpente. Teve inveja também de Adão e Eva, que adquiriram o conhecimento do bem e do mal, “como um deles” (?), como os deuses (?); Deus invejava também a força de vontade e os feitos dos “filhos de Adão”, que queriam chegar aos céus por meio da Torre de Babel.

Deus era libidinoso também, tinha muita luxúria. Pecou deleitosamente criando e mantendo Adão e Eva nus, pois “não se envergonhavam”. Além de luxurioso, era sádico, infligindo sofrimento no primeiro ato sexual e no parto – resultado da cópula – de Eva e de todas as mulheres do mundo. Deus considerava o parto algo impuro e parecia querer a virgindade feminina reservada para si, pois também “copulou” com Maria, estando ela já casada e ainda virgem, o que significa adultério. Maria era uma adolescente, em matrimônio mundano, e deflorada por Deus (como isso não parece horrível para os ocidentais religiosos de hoje, que pretendem seguir “honestamente” as leis modernas e os ditames da religião?). Mas não é o amor, tão exaltado no sacramento matrimonial, uma máscara menos “feia” para a união sexual com fins de procriação e propagação da espécie,

o qual o padre está “proibido” porque transfere esse “amor pecaminoso” ou “tentação carnal diabólica” a Deus?

Finalmente, o pecado do orgulho do Senhor está em admitir que todas as coisas que ele tinha feito “eram muito boas”, que suas criações eram perfeitas (assim como ele próprio se vê), e em criar o homem à sua imagem e semelhança, como um espelho para contemplar a si mesmo (o que, de fato, parece mais o contrário) – ou seja, um Deus tão cheio de defeitos quanto o ser humano. E, obviamente, ele se orgulha também de todo culto, sacrifício e adoração em santuários e altares suntuosos e de todo o seu poder para mandar, desmandar e castigar. Orgulhou-se por ter gerado o “filho de Deus” na jovem e virgem Maria, que continuava “virgem” talvez devido a um “hímen complacente”, quer dizer, elástico e que não se rompe tão facilmente.

Eis os sete pecados do Senhor, que viola as próprias leis, se o texto bíblico for interpretado literalmente, como o fazem muitos fiéis, apesar de pecarem tanto em seu foro íntimo (e não muito íntimo também), talvez querendo seguir o exemplo de Deus.

Mas parece, de fato, que o “terrível” Deus monoteista judaico-cristão é somente o deus *judaico-cristão*, não sendo adorado nem cultuado pelos outros povos do mundo antigo (e que não eram muito mais primitivos do que as tribos de hebreus). Então o que aconteceu no resto do mundo por um período de uns 3000 anos, ou mais, antes de Cristo? A princípio, a ideia de “deus” dos europeus, dos gregos, dos egípcios, dos hindus, dos persas, dos sumerianos, dos

babilônios, dos africanos, dos polinésios, dos americanos, dos japoneses, dos chineses e de muitos outros povos e etnias não era exatamente o que é demonstrado na *Bíblia* e provavelmente nem sabiam o que era pecado. É suposto que todas as pessoas do resto do mundo que não seguem o Deus bíblico, por melhores que sejam, deverão ser castigadas e amaldiçoadas por esse Deus local e arremessadas em um inferno de eterno sofrimento sob as patas do Diabo?

Voltando ao satanismo, que parece querer aterrorizar os seguidores da *Bíblia*, os covardes fiéis que tremem de medo do Diabo, mas são os que mais falam dele em seus cultos de ignorância.

Apesar de “pecarem” com gosto, os satanistas também têm seus “códigos de moral satânica”, como não matar, não violentar, não roubar, não mentir, não enganar, não aborrecer, não reclamar à toa, códigos que todos os indivíduos mais ou menos inteligentes e de bom senso deveriam seguir para que sejam mantidos o respeito e a paz – pois o convívio social é necessário para a grande maioria –, independentemente de crença religiosa ou filosófica.

Algumas vertentes modernas do satanismo têm rituais básicos: o ritual do sexo, que é uma espécie de feitiçaria – muitas vezes com autoerotismo como meio de gerar força – que busca a satisfação sexual com a “conquista” da pessoa desejada; o ritual da compaixão, que tem por objetivo ajudar os irmãos satanistas; e o ritual da destruição, que, obviamente, visa destruir os inimigos declarados. O satanismo também faz uso da demonologia cristã, já

mencionada anteriormente, e de diversos deuses pagãos. Assim, o sistema satanista é organizado tendo por base os supostos príncipes infernais bastante conhecidos – Lúcifer, Satã, Leviatã e Belial –, atribuindo-os aos pontos cardinais e seus respectivos elementos (Ar, Fogo, Água e Terra).

Os satanistas parecem acreditar nos nomes infernais da demonologia, mas dizem que não existe um inferno e um céu eternos. A via luciferiana busca ensinar que não há um inferno de sofrimento eterno nem um céu de felicidade infinita; não existem como lugares objetivos situados em um espaço físico, mas, sim, como estados de consciência, níveis de percepção psicomental além dos sentidos puramente físicos, e que podem ser atingidos e vivenciados por qualquer indivíduo capaz ainda encarnado no mundo material.

O satanismo propõe o desenvolvimento do ego, da mente e da inteligência, mas, ao mesmo tempo, afirma que o homem é um mero animal, às vezes melhor, às vezes pior, do que os quadrípedes, e que deve satisfazer todos os seus impulsos, e assim deve viver. Limita a existência do ser humano à condição puramente animal, material e grosseira. Mas se o homem é um simples animal, então não haveria necessidade de inteligência e evolução mental.

O ser humano não é só animalidade. O indivíduo superior, evoluído, aprende a viver harmoniosamente com sua condição animal, que realmente é um fato. Pode-se observar isso nas representações dos deuses egípcios com cabeças de animais, que expressam profundos significados; ou nos cultos xamânicos, em que o indivíduo busca conhecer

e assimilar o seu animal-totem. O homem animal deve também se elevar à condição de entidade autoconsciente, sábia e completa, acabando com a absurda dicotomia conflitante e inútil entre humano e animal, mente e matéria, Deus e Diabo, virtude e pecado, perdão e culpa, castidade e sexo, moral e imoral, *ad infinitum...*

Mas o satanismo segue a religião da carne, a religião dos profanos que buscam se livrar da hipocrisia cristã. Em essência, na verdade não há nada de mais na carne para o homem superior. Usufruir da carne e da matéria é necessário à vida na carne e na matéria como a vivemos. Porém a via luciferiana busca o equilíbrio saudável na totalidade do ser humano; fruição da carne, da matéria, das emoções e da mente senciente no indivíduo em evolução. Há satanistas que têm o conceito judaico-cristão sobre o sexo, a animalidade e o pecado, que deve ser praticado, além de ater-se à própria demonologia cristã, que é um ramo dogmático da teologia. Querem combater a cristandade por oposição extrema, mas atrelados aos conceitos da Igreja. Se as contradições existem, é porque o satanismo busca ser opositor do cristianismo dentro dos dogmas e das invenções do cristianismo. A própria religião criou o Satã dogmático (a maldade e o pecado absolutos, o eterno adversário), assim como o Deus dogmático (a bondade e a perfeição absolutas, mesmo quando “devemos temê-lo”). E aqueles que se indignaram – com razão – com a repressão, a opressão, a ganância e a crueldade da Igreja, substituíram esta por Satã; a própria Igreja deu as duas opções: escolha Deus ou Satã. Portanto, é cristão o

satanismo que adota a invenção judaico-cristã de Satã. Mas alguns seguidores de Satã, querendo se fazer de malvados, não compreenderam o significado de Satã e mantiveram a imagem corrompida que foi forjada por seus detratores de oposição, relegando-o à condição meramente animalesca, grosseira, antifilosófica, sem atributos positivos, como um reflexo de seus adoradores viciados que se limitam a práticas que pouco contribuem para o desenvolvimento da autoconsciência e para a evolução real.

É importante falar sobre o satanismo porque há muita confusão entre os nomes de Satã e Lúcifer, incluindo a invenção chamada Diabo. E há algumas diferenças entre as ideias satanistas e a via luciferiana, não tendo esta última qualquer ligação com a doutrina do bispo Lúcifer (São Lúcifer), século IV, na Sardenha. Devem-se também desconsiderar todos os conceitos absurdos, limitantes e supersticiosos inventados e largamente difundidos entre as mentes estreitas e fracas.

A via luciferiana é bela, elevada e nobre. Conduz o ser humano ao conhecimento e ao autoconhecimento pelo próprio esforço e vontade e busca a sabedoria interior da própria individualidade. É, de algum modo, hermética, pois esse conhecimento é compreensível apenas por aqueles que estão evoluindo conscientemente e são capazes de usufruí-lo com bom senso e sabedoria. Busca também – com discernimento – o prazer sadio como um meio de atingir algas alegrias da vida e o bem-estar. A via luciferiana pretende instruir, ensinar, transmitir princípios para aqueles que têm

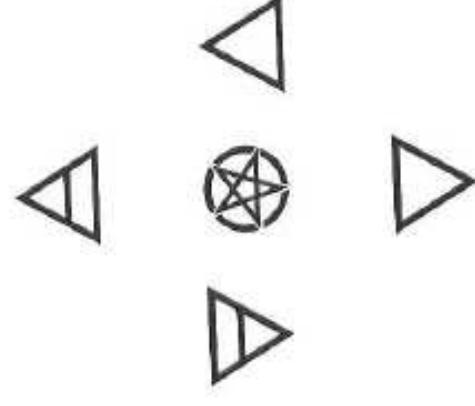
vontade livre de aprender sem temor e opressão, sem os dogmatismos terroristas escravizantes e falaciosos, não devendo ser considerada heresia nem blasfêmia. É uma via de liberdade mental, para pessoas que pensam, que questionam, que têm discernimento, inquietudes interiores, e não para fracos, covardes e escravos de seus próprios vícios. Não é para “cabeças de rebanho” nem para “pecadores piedosos” que não são capazes de pensar por si mesmos, de trabalhar pela própria evolução e buscar o conhecimento. Não é para as cabeças estagnadas, obscurecidas, embotadas, que entregam suas débeis vidas a uma suposta “autoridade” religiosa igualmente débil e interesseira. É uma via difícil para todos esses, pois a covardia e a hipocrisia não lhes permitem que assumam as responsabilidades de seus próprios atos, pensamentos e emoções.

Sendo uma via especialmente de evolução e liberdade de pensamento – sempre com discernimento e conhecimento, é preciso frisar –, não é imposta a ninguém, mas, sim, é trilhada voluntariamente por aqueles que são capazes de comprometimento consigo mesmos como deuses individuais em potencial e que buscam a expansão da consciência, vivenciando e experimentando o caminho em sua totalidade. O indivíduo é livre para agregar todo o conhecimento que considerar útil, seja filosófico, científico, artístico etc., com compreensão e critério, com o objetivo de se tornar um ser superior sempre em desenvolvimento.



## Antropogenia luciferiana

### CAPÍTULO 2



Como força, Lúcifer, em seus aspectos – luz e trevas, manifesta-se fluindo de Vênus para Terra. A força luciférica luminosa e trevosa se une à força venérea, representadas pelo Planeta Vênus em sua manifestação como Estrela da Manhã e como Estrela da Tarde, que aparece ao anoitecer e depois desaparece na escuridão. Da esfera venusiana – não o planeta físico, mas a sua contraparte energética – surgem as causas formadoras da existência em seus ciclos de evolução. É o centro de atividade das energias da natureza criativa, da beleza e do amor que são emanadas e infundidas no universo material, fazendo com que tudo cresça e evolua. A força luciférica/venérea também desenvolve o poder criativo e criador nos seres racionais e irracionais.

As forças da natureza com todos os seus reinos são representadas pelas hostes luciferianas/venusianas (que se

transformaram em hordas malignas, na visão dos ignorantes). São forças criadoras polarizadas, pois tudo é gerado por meio dos opostos, da união do positivo com o negativo, sendo uma lei universal e natural. As forças venéreas se manifestam por meio das formas exteriores e mais grosseiras no universo natural, criando os fenômenos naturais e a vida física. Mas, para isso, primeiro elas formam os moldes genéticos causais da vida, que são o meio energético que promove o desenvolvimento orgânico dos veículos físicos das espécies viventes. Nesse meio, as forças venéreas da vida estão em movimento para criar. São forças primitivas e obscuras do processo evolutivo orgânico, armazenadas no subconsciente da espécie humana como uma memória genética e racial de um passado muito remoto. Esse é o elo entre a vida terrestre e a vida galáctica, uma constante união energética sexual polarizada entre as forças universais subjacentes à natureza. As correntes de forças positivas e negativas fluem e “copulam” para criar e expandir a teia da vida, criando cada molde genético causal, ou alma-grupo, de todo e cada ser não intelectual, sem mente, e os moldes de seres individualizados que serão providos de mente, e encarnados na Terra. Esses moldes vibraram no sangue das espécies como uma “inteligência sanguínea” fluindo de geração a geração em todo o planeta. São as forças que criaram, ao longo de eras, os padrões arquetípicos que dão continuidade às gerações pela conexão com a linhagem de sangue, ou herança genética, o fio da vida.

Nas correntes energéticas luciféricas e venéreas, respectivamente, estão o mistério da inteligência (Lúcifer) e a sabedoria oculta sombria da Natureza (Vênus). As forças venéreas são muito primitivas, obscuras e poderosas; são a manifestação negativa (em termos de polaridade, e não de malignidade, ou seja, polaridade feminina) de Lúcifer.

A vida assim, manifestando-se por meio da Natureza em todas as suas formas, sejam belas, repugnantes ou indiferentes, tenebrosas, selvagens e cruas, sem a inteligência intelectual, sem a mente, sem a razão, é amor puro (Vênus). Mas é um amor incompreensível e desconhecido para a espécie humana, que foi dotada de mente, personalidade e “civilidade”; é um amor que se manifesta na forma de desejo pelos aspectos mais subluminares da Natureza, um amor tenebroso e bruto que mantém a vida continuamente se proliferando. Esse amor realiza os processos mais primitivos de atração, reprodução e morte de todas as formas de vida, constituindo um ciclo que renova e vitaliza todos os seres que trabalham para a seleção e desenvolvimento das espécies. Quando no plano físico, a transformação da “morte” no fluxo cíclico de forças venéreas movimenta as energias formativas para que se dissipem no mundo material e retornem à sua primitiva origem causal, que é o plano energético de Vênus.

Desse modo, existem os inter-relacionamentos nos reinos da Natureza – criação e destruição, prazer e dor, vida e morte, luz e trevas. Tudo é mantido pelo constante fluxo de força venérea e é traduzido no amor abstrato da Natureza, que existe entre todas as formas de vida que buscam unir-se para

criar ou procriar. No mundo densamente físico de modo geral, todas as coisas são impregnadas por essa força, que é o amor cósmico e natural – atração, união e geração no mundo físico, na Terra.

A manifestação mais elevada dessa força venérea é o amor verdadeiro e completo (ideal, mental, emocional, físico e sexual) entre homem e mulher, pois esse é o amor gerador, criador e criativo em diversos níveis de existência (ideal, mental, emocional, físico). Depois, é o autoamor, como uma força magnética para atrair o sexo oposto, pois a lei hermética do gênero e da polaridade são os princípios harmonizadores e regentes da vida. Entretanto, essa força venérea é mais do que a mera atração e relação sexual; é uma interação dos pares de opostos com suas forças vitais e mentais que se equilibram, gerando um estímulo criador e uma inspiração criativa, suprindo e completando o indivíduo. Mas esse amor como atração de forças é superior ao “amor” banal das massas humanas, que pode ser volátil, instável, “maculado” com sentimentais grosseiros.

O ódio anticosmico também é superior ao ódio humano e é a origem do mal, quer dizer, das forças desagregadoras do universo. É uma repulsão de partículas, de forças que se dissipam, que se espalham e se propagam de maneira caótica, sem equilíbrio, sem ordem e sem criar nada. O ódio anticosmico, em seu aspecto inferior, se traduz no ser humano como aversão, repúdio e destruição daquilo que o prejudica, que o magoa e que o desestabiliza em todos os

aspectos de seu ser, mesmo que ele não tenha consciência disso.

Pelo que precede, fica claro que Vênus expressa amor, prazer, satisfação, criação; Lúcifer é consciência, inteligência, vontade, criatividade. Assim poderia ser resumido o conceito de paraíso, de jardim paradisíaco. As forças luciféricas e venéreas, representadas de maneira simplória pelas ideias de anjos, projetaram gradativamente o paradisíaco mundo natural – uma reprodução incompleta e mais ou menos grosseira – na Terra em seus primórdios.

A força luciférica, quando na Terra, despertou uma relativa percepção na humanidade, até então inconsciente, que deveria se desenvolver. Lúcifer, em sua suposta “queda”, mostrou a luz de sua tocha àqueles capazes de segurá-la para si, ou seja, despertou a inteligência e a consciência no ser humano primitivo. Mas nem todos evoluíram o suficiente para expandir essa luz da consciência e da individualidade, nem puderam amar a liberdade de pensamento e a sabedoria. A conquista plena da felicidade consciente para além do plano físico só é possível àquele que atingiu um alto grau de evolução individual e a superioridade luciférica.

Porém, antes de se atingir essa superioridade, a humanidade foi um “experimento” fracassado, e talvez ainda seja, em parte.

A semelhança dos deuses, ou “anjos”, os protótipos hermafroditas do gênero humano foram criados e projetados do plano das causas naturais (Vênus) – quer dizer, a humanidade foi gerada de acordo com os moldes genéticos

Tais protótipos foram se densificando no mundo já causais. Tais protótipos foram se densificando no mundo já criado e, no decorrer de muitas e longas eras, eles se desenvolveram em sexos separados.

Assim, em um passado muito remoto, surgiu na Terra a espécie humana primitiva sem mente, sem vontade e sem livre-arbitrio, porém semelhante aos deuses andróginos da coletividade autômata (os moldes causais sem consciência individual), forças cósmicas naturais geradoras mecanoides. A humanidade era muito diferente do que é hoje e vivia em um estado de pré-consciência e animalidade irracional. Na Terra, a espécie humana ainda em evolução gerava aberrações genéticas, e a busca natural pelo aperfeiçoamento era terrível e cruel como em um pesadelo, mas não havia consciência disso. Em um estado semianimal e inconsciente de sua condição ignobil, porém relativamente "normal", a primitiva humanidade de então vivia estupidamente e, sem compreensão, copulava com outras espécies de animais não humanos, dando origem aos primeiros simios antropoides, cujos descendentes remanescentes são o orangotango, o gorila e o chimpanzé – o antropoide e o próprio homem, como são conhecidos hoje, têm um ancestral comum, pois são descendentes de um único gênero humano extremamente primitivo, e não de uma espécie de macacos. Naquele remoto período, Lúcifer (ou seja, a força luciférica) não havia ainda dotado a humanidade com mente, inteligência, pensamento e razão, o que a deixava incapaz de discernir, de raciocinar e, principalmente, de evoluir conscientemente. Tudo isso se processou em um longo período de muitas eras, logicamente,

e pode-se dizer que o primeiro período humano foi uma criação fracassada.

Então Lúcifer se exaltou entre os deuses e revolucionou a criação da espécie humana até então inconscientemente "feliz" e que tinha o que ela necessitava, como qualquer animal, sem noção do sofrimento, sem prazer, sem vontade, sem mente. Lúcifer se "rebelou", desgarrou-se da coletividade angelical autômata, quer dizer, despertou a autoconsciência, a inteligência e a percepção da Criação e se pôs a desenvolver uma nova espécie superior e inteligente, dotada de vontade e livre-arbitrio. Em outras palavras, a mente e a consciência começaram a surgir nos seres humanos criados para que estes pudesssem perceber que também podiam ser deuses individuais no esquema do universo, que é a sua própria origem.

Lúcifer é a revolução do espírito humano, da mente, da inteligência, é a manifestação da vontade, do livre-arbitrio com discernimento e da Individualidade. Conduz o ser humano ao conhecimento, à sabedoria, a um estado pós-humano, estimulando-o a evoluir, libertando-o da escravidão cega do mundo e das massas ignorantes. Sem Lúcifer, o homem seria pouco ou nada mais que um mero animal selvagem, sem sua luz luciférica para guiá-lo em seu caminho evolutivo em meio às dificuldades brutais do mundo material.

No processo de criação de uma nova espécie, o impulso evolutivo da força luciférica então alterou o DNA (a serpente do jardim, ou qualquer outra serpente mitológica, "inteligente" e de "vontade própria"), desenvolvendo muito

gradativamente o sistema cérebro-espinal do ser humano, despertando a consciência de si, de seus desejos e necessidades e da própria vida, “abrindo os olhos” para o bem e para o mal da existência. Com essa genética e eugenia metafísicas, Lúcifer “moldou” energeticamente o cérebro e todo o sistema nervoso que se desenvolveu na nova espécie humana no decorrer de períodos de processo evolutivo, buscando melhorá-la e estabelecer um equilíbrio cérebro-mental entre a razão e a imaginação criativa. Era necessário que a humanidade evoluísse também fisicamente, com uma estrutura adequada ao desenvolvimento da inteligência, da consciência, da vontade e do amor lucivenusiano.

Como criação, expressão e manifestação venusiana, o gênero humano feminino recebeu um influxo de força que despertou o desejo pelo prazer e a curiosidade pelo desconhecido, o desejo de sentir e saber, tornando-se a inspiração e o estímulo da vontade criativa e ativa do gênero masculino, a união ideal e perfeita para o crescimento e para a busca do conhecimento e da sabedoria. A humanidade teve seus olhos abertos para os segredos da vida, capaz de sentir, pensar, imaginar, querer, e com o poder de criar e destruir. A espécie humana foi mostrada a possibilidade de conhecer o bem e o mal. Lúcifer, expresso na forma simbólica do Dragão do Conhecimento, e Vênus, na forma da Serpente (o desejo de saber e sentir), foram os iniciadores da humanidade nos níveis da mente, da inteligência, da imaginação, da intuição e da sensação, do amor e do prazer saudável, possibilitando a evolução deliberada de cada indivíduo por si mesmo.

O propósito de Lúcifer – ou a finalidade da força luciférica – é criar na espécie humana uma vida consciente, proveitosa, sadia. A força “desce” para desenvolver uma individualidade organizada no ser humano pensante e consciente, de posse de sua vontade, com o instinto primitivo venéreo essencial herdado de seu passado pré-racional, com as elevadas emoções e a intuição. São dádivas luciferianas que deveriam ser exercidas com plena consciência e discernimento e aplicadas na busca por conhecimento e sabedoria com entusiasmo, rebeldia interior e inspiração. Portanto, Lúcifer só pode brilhar naquele que segue o caminho evolutivo por vontade própria, adquirindo graus de consciência mais elevados, vencendo as adversidades e superando as fraquezas.

Mas, apesar de a espécie humana ter recebido a luz da inteligência, o conhecimento e o livre-arbitrio, houve um grande desequilíbrio global devido à falta de discernimento com relação ao conhecimento. A luz de Lúcifer foi mal recebida pela maioria dos humanos e mal aplicada, o que causou o consequente e complicado atraso evolutivo em toda a espécie, exceto em algumas minorias de indivíduos ao longo das eras.

O primordial processo metagenético para criar uma nova espécie humana se refletiu de maneira distorcida no posterior e lento desenvolvimento científico, gerando um obscurecimento das percepções sutis. O conhecimento se degradou, e podem-se ver seus resultados nas experiências genéticas e nas mutações e aberrações criadas nesses

experimentos científicos, além da criação de vírus em laboratório, da utilização indiscriminada da energia atômica, que afeta o DNA, podendo criar formas de vidas mutantes e propagar enfermidades físicas e mentais resultantes de radiação. E, ainda, manipulação química do meio ambiente, gerando o desequilíbrio dos ciclos da natureza e as catástrofes para se reequilibrar.

O intelecto se desenvolveu e se tornou grosseiro, ficando separado de sua fonte saudável. O efeito disso tudo foi uma ausência de inspiração, de ideais e de conexão com a vida anticósmica e cósmica. A manifestação do materialismo científico instalou-se e o mundo foi “condenado” por aqueles seres humanos que não se desenvolvem, que não evoluem em sua totalidade, mas apenas unilateralmente. A nobre e elevada causa luciferiana teve, assim, um “efeito colateral”. A força luciférica desce e se manifesta naqueles que estão preparados para recebê-la e para cumprir um propósito transumano, sobre-humano, sob vontade, trazendo o conhecimento de maneiras diversas, conforme a época e o lugar, para aqueles escolhidos – quer dizer, preparados por si mesmos.

Lúcifer não caiu. Desceu à humanidade animalesca, primitiva e inepta para transformá-la em espécie superior e autoconsciente em constante processo evolutivo, pois aqueles que não assimilam a consciência acabam se estagnando e começam a degenerar e se extinguir – e isso pode ser visto hoje ao redor do mundo. Mas existia ainda (como existe hoje) uma grande porção humana fraca e incapaz de assimilar e

desenvolver a força mental e a inteligência e que cometia lamentáveis atrocidades, sofria e fazia sofrer, era uma humanidade atrasada e impulsiva sofrendo perturbações mentais e físicas.

No decorrer do desenvolvimento da espécie, sua constituição fisiológica foi gradativamente prejudicada por todo tipo de abuso. Vícios e degradações causaram desequilíbrios, resultando em muitas enfermidades físicas e mentais. Assim, a humanidade, em sua grande maioria, tornou-se débil e frágil, a única espécie animal “inteligente” a contrair doenças hereditárias e a desenvolver patologias sociais, amaldiçoando torpemente seus descendentes. Os seres humanos comuns e correntes agora se tornaram fracos e escravos da ignorância, do medo, do desespero, do sofrimento e de toda espécie de vício físico e mental. Mas os poucos indivíduos mais fortes e conscientes da raça luciferiana, ou prometeica, desenvolveram uma percepção maior das coisas e uma autoconsciência bastante ativa.

Nos primórdios da “nova” geração luciferiana, ou da humanidade com inteligência, não havia dogmas de fé nem o inferno das “guerras religiosas” das instituições interessadas em politicagem, poder e dinheiro. Os indivíduos sentiam e tinham consciência de que eles eram como deuses em potencial, que cada um era um deus de si mesmo em união com o universo. Mas parte da espécie foi se enfraquecendo com o peso da matéria, foi se obscurecendo e gerando uma descendência de seres débeis e degradados, tendo seu poder mental muito reduzido, limitado e com tendências grosseiras,

Mas desenvolvendo vícios e impulsos descontrolados. Enfim, uma espécie escrava do mundo, temerária e temente aos deuses, criando cultos pessoais à matéria e aos ídolos de todo tipo.

Lúcifer não é um anjo caído; muitos seres humanos são caídos, degradados, pois fracassaram em evoluir, em desenvolver a autoconsciência, em expandir as percepções da legião caída é a humanidade fraca que obscureceu sua consciência interior, criando o Diabo patético cuja personificação é ela própria, uma espécie malévola, degenerada e quase irracional, vítima de si mesma.

As ações desastrosas dessa humanidade deficiente, ao que parece, sempre foram “relativamente” toleradas e incentivadas pelo Deus dogmático, antropomórfico, em suas “experiências” iniciais. Esse Deus defeituoso e “pecador” era, muitas vezes, conivente com os mais ridículos e desprezíveis comportamentos e atos humanos, como incesto, poligamia, adultério, embriaguez, vilanias, sacrifícios sangrentos crueis “agradáveis ao Senhor”, homicídios por “inspiração divina”, machismo grosseiro, desrespeito à mulher etc., além de instituir “impurezas legais” especialmente às mulheres. A hipocrisia ditava que até mesmo um inocente animal deveria ser sacrificado no lugar de um suposto pecador, como um pretexto estúpido para se livrar da culpa. Simples assim: substitui-se o pecado por um animal morto, mas peca-se novamente no futuro. Seria muito mais válido se esses autoproclamados pecadores se oferecessem em sacrifício e acabassem com sua lastimável existência.

Mas a grandeza luciferiana é mostrada na desgraça do homem fraco, que não é capaz de vislumbrar a luz de Lúcifer e se beneficiar de Sofia, quer dizer, elevar-se à sabedoria – que é o conhecimento aplicado com compreensão. Lúcifer tornou disponível esse conhecimento, mas oculto na natureza e nos níveis mais sutis da consciência, a todos. Contudo somente uns poucos são capazes de alcançá-lo e assimilá-lo para que se livrem da ignorância que cega e atrasa. A luz luciférica, ou o fogo fosfórico de Prometeu, reduz a cinzas toda a escória psicológica daquele que busca a evolução individual, mas também fulmina de terror o espírito vacilante do fraco e hipócrita, destrói a semente que não germina e que estorva o campo de cultivo sadio dos luciferianos da Terra. Estes são os humanos superiores, em constante evolução autoconsciente; são os “filhos” de Lúcifer e Vênus.

A importância luciferiana também pode ser vista no espaço sideral. Lúcifer, como Estrela Matutina e Estrela Vespertina, é também a manifestação astronômica e astrológica da revolução sideral de Vênus, na qual ocorrem duas conjunções, uma inferior e outra superior. Na conjunção inferior, que tem início no nodo sul da órbita venusiana, o planeta Vênus se posiciona entre a Terra e o Sol, surgindo antes do nascer do Sol no horizonte leste da Terra; é o nascimento da Estrela Matutina. Na conjunção superior, o Sol está entre Vênus e a Terra e começa a declinar de seu apogeu celeste matutino para reaparecer à tarde, ao leste, junto ao pôr do sol; é o desaparecimento da Estrela da Manhã para dar surgimento à Estrela da Tarde. Cinco desses períodos são

concluídos, então, para que Vênus faça uma conjunção ou alinhamento com a Terra no nodo sul.



Conjunção inferior:  
Vênus entre o Sol e a Terra

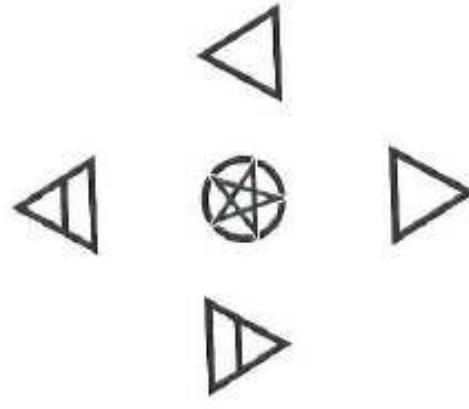
Vênus nasce como Estrela Matutina na conjunção inferior e tem seu apogeu na conjunção superior para começar a decair, no leste, e se levantar como Estrela da Tarde na conjunção superior, no oeste. No plano individual, microcósmico, corresponde ao (re)nascimento da consciência luciférica, o surgimento do amor e do prazer sadio que se manifestam no ser humano superior. Sob o aspecto extraterrestre ou metafísico, é a descida de Lúcifer à Terra para criar uma espécie superior dotada de inteligência, mente, autoconsciência, pensamento, raciocínio. Na conjunção superior, os indivíduos que não crescem, os fracos, os atrasados e os degenerados que não buscam evoluir são “condenados” (por eles mesmos). Com o apogeu da Estrela da Tarde e sua queda subsequente na conjunção inferior, Lúcifer desce para dar inteligência, liberdade mental e

capacidade de crescer ao ser humano, assim como Prometeu deu o fogo à humanidade. A Estrela Vespertina indica a morte e as transformações individuais nas trevas (interiores) da noite e a autossuperação luciférica do indivíduo guiado por sua luz logica, o que resulta no renascimento e elevação à condição de um deus individual; é quando o ciclo recomeça no ressurgimento da Estrela Matutina no horizonte leste no nascer do Sol. São ciclos em espirais cada vez mais elevadas de autoconsciência.



# Psicossociologia luciferiana

## CAPÍTULO 3



Além da busca pelo conhecimento, um indivíduo da via luciferiana não pode ser afetado pelas idiossincrasias da sociedade comum e corrente, ao mesmo tempo que busca uma boa relação social, na medida em que haja respeito por parte dos outros indivíduos. Mas o humano superior, sempre que possível, mantém um relativo distanciamento discreto das pessoas incompatíveis com seu ideal de vida. Isso porque um relacionamento forçado e relativamente íntimo com aqueles que não têm afinidade alguma pode gerar conflitos e aborrecimentos de várias ordens e graus, estorvando o caminho para a autoconsciência. É importante estar mental e emocionalmente imune às vibrações perturbadoras e nocivas

das grandes massas e não desperdiçar tempo com as excessivas futilidades nas quais a sociedade está imersa e “adormecida”. O indivíduo da via luciferiana não se deixa ir com o fluxo de entropia que arrasta as multidões para a enfermidade e autodestruição. A evolução deliberada e consciente não é para as massas, quase estagnadas, que evoluem muito lentamente de maneira inconsciente.

A evolução começa logo no inicio da infância, e a vida do indivíduo superior segue fases que devem ser observadas. Na fase da infância, quer dizer, nos primeiros sete anos de vida, tem inicio a formação da personalidade, e seu desenvolvimento pode ter um direcionamento bom ou ruim. A espontaneidade da criança deve ser usada em favor dela mesma, sem repressões inúteis e prejudiciais, mas com orientação e identificação de suas tendências e dons por parte dos pais. A criança superior, por vezes, pode já nascer com uma pré-disposição para evoluir deliberadamente quando despertar uma consciência de si. Pode manter uma aura de inocência e beleza mesmo na idade adulta, e seus olhos expressam magnetismo e ideais nobres.

Dos 7 aos 13 anos de idade, a criança deve se divertir com brincadeiras saudáveis e longe das vulgaridades e da escória geral disseminada pelas mídias de massa, para que deserte apenas ideais elevados, dignidade, autoestima. Precisa ser orientada e estimulada ao aprendizado da escrita e da leitura com obras construtivas e divertidas ao mesmo tempo, sem dogmas falaciosos e absurdos, e educada de

acordo com os princípios do individualismo sadio, com liberdade e discernimento.

Dos 14 aos 20 anos, há uma forte influência luciférica. O corpo físico se desenvolve rapidamente, sendo necessária uma adequada orientação nutricional. As emoções desabrocham e começam a fluir como uma exxurrada e os interesses e desejos sexuais surgem para gerar um caos psicofísico no adolescente. Já antes dessa fase, antes dos 14 anos, quando já afloram os questionamentos, a orientação sexual essencialmente deve estar isenta de dogmas repressores religiosos. O sexo deve ser tratado honestamente e sem os tabus ridículos de pecado, culpa e sofrimento e a absurda vulgaridade, grosseria e desrespeito, que podem ser vistos nas grandes massas. Explicações simples, inteligíveis e baseadas no discernimento e no bom senso são a melhor maneira de encaminhar uma pessoa em desenvolvimento para a saúde do corpo, das emoções e da mente.

No inicio da maturidade e na maturidade, dos 21 aos 34 anos, o indivíduo provavelmente já tem sua personalidade definida e uma estabilidade emocional, mental, física e sexual. Deve ter bem claro em sua mente suas ideias e ideais, agindo de acordo com a convicção e o caminho escolhido, sendo totalmente responsável por seus próprios atos, pensamentos e emoções.

Dos 35 em diante, o indivíduo assimila as experiências de vida e se desenvolve conscientemente, expandindo a consciência, até o fim de sua existência física, que entrará em decadência para a transição da morte. Essa

transição deve ser bem compreendida antecipadamente a esse momento. Já antes da maturidade, o indivíduo deve compreender os ciclos da vida e suas transformações, aprender a mudar para evoluir. Muitas pessoas têm um medo da morte e do que ela pode trazer que torna extremamente difícil sua compreensão. Apenas os ignorantes e temerários tratam a morte como um tabu e sentem-se horrorizados só de falar nela, sentem tristeza, sofrem em sua personalidade efêmera, temem mudanças e esforços para quebrar tabus e evoluir. E, apesar do absurdo medo da morte, as pessoas continuam com seus péssimos hábitos de vida, o que as leva mais rapidamente à autodestruição e à morte, porém com sofrimento, o que é muito pior. É preciso entender que a morte é uma transformação de estados de consciência e existência e de matéria e energia. Infelizmente, nessa questão também, os dogmas religiosos conseguiram arruinar mais ainda a vida das massas.

No decorrer do constante avanço evolutivo, o indivíduo busca se livrar do sentimento de casta, tribo, clã ou nação, mesmo vivendo em sociedade (pois isso às vezes é inevitável). Esse sentimento é algo um tanto primitivo que, em um passado remoto da espécie humana, gerava uma necessidade torpe de relações incestuosas para perpetuar a família sem a mescla com outras famílias ou tribos, pretendendo fortalecer assim a egrégora tribal. É claro que tais comportamentos são raros hoje em dia, mas, ainda assim, ficar agarrado ao senso de casta, tribo ou nação é limitante e não condiz com o individualismo daqueles que pensam por si

mesmos e são livres das fortes amarras sociorreligiosas preestabelecidas, ultrapassadas e condicionantes. É preciso liberta-se do senso tribal que vem regendo até nações, gradativamente, ao longo das existências; é preciso tornar-se um cidadão universal que não se limita apenas à egrégora típica e característica de sua terra, em seu sentido especialmente exclusivista. Mas, claro, também existem as afinidades e tendências individuais naturais de cada um com determinadas culturas e regiões do mundo, mas, ainda, isso se trata de uma força do espírito tribal ao qual a pessoa está ligada. O humano que busca evoluir deveria, em seu íntimo, livrar-se desses vínculos tribais e nacionais exclusivistas e do cego senso patriótico extremamente ufanista, seja lá onde for. O indivíduo se coloca acima das massas, não estimando ou compartilhando dos ataques histéricos e patéticos de patriotismo ufanista, mas, sim, comportando-se como um ser superior, equilibrado e de bom senso. É importante enfatizar que o individualista é mentalmente livre, não pertence a nenhuma tribo, nenhuma facção, nenhuma seita religiosa; eis o princípio da liberdade de pensamento e do individualismo sadio: sem religião, sem partido político, sem facções. Portanto, devem-se quebrar os laços de sangue e de nação, mental e emocionalmente, não se identificar com nenhum país ou tribo de maneira excessiva e cega, tendo autoindulgência, autoafirmação e bastando-se a si mesmo, pois assim seu próprio ser se expandirá, evoluindo pelo próprio esforço e vontade. É preciso libertar-se do espírito tribal e do sentido de ufanismo tolo, cultivando ideais

elevados, buscando aquilo que realmente importa, com discernimento e sabedoria.

Esse comportamento pode fazer com que o humano superior pareça um misantropo. A suposta misantropia diz respeito apenas às indesejáveis relações e envolvimentos, em todos os níveis essenciais, com indivíduos mental e emocionalmente muito inferiores, degenerados, ignorantes, grosseiros, sem responsabilidade e sem discernimento. Esses seres humanoides realmente não têm nada a acrescentar e não têm condições de se elevar e expandir sua consciência e compreensão, e isso, de fato, em qualquer lugar do mundo, independentemente de nação, tribo, casta, família e *status socioeconômico*. Mas todos têm o mesmo direito de existir e suas próprias condições, mesmo em sua inferioridade e atraso mental e emocional, e desde que não violem os direitos alheios. E o humano superior procura respeitar essas formas de vidas humanoides, por mais mediocres que sejam, e, por vezes, pode até ajudá-las. É importante ter discernimento até para ajudar os outros, já que muita gente que busca ajuda faz uso da chantagem emocional e tem intenções ilícitas.

Mas superioridade é mais do que meras convenções sociais e políticas. O caminho da evolução está muito além das limitações dos círculos restritos e condicionados impostos pela sociedade entrópica. O humano superior deve estar livre das densas vibrações mentais e emocionais descontroladas desses círculos viciados e estagnantes. Aqui, com relação à entropia, até mesmo os conceitos da física são aplicáveis: o grau de desordem de um sistema, a medida da energia de um

sistema (humano individual), que se dissipá e não gera trabalho (no contexto desta obra, trabalho evolutivo de uma sociedade como resultado do trabalho de cada indivíduo por si mesmo); é a desordem individual que não produz nada que contribua para a própria evolução e expansão da consciência.

O ser humano mais evoluído tem consciência de si mesmo e senso de observação suficiente para ficar livre das más influências psicosociais. Podem-se ver as horríveis máscaras que a sociedade usa no dia a dia, são imagens que os indivíduos projetam para si mesmos, fachadas que visam causar impressões favoráveis ou desfavoráveis. As pessoas, em seu meio social e familiar, raras vezes comportam-se como realmente gostariam, dizendo e fazendo o que gostariam, sentindo-se, assim, "obrigadas" a usar essas máscaras de conformidade e falsidade que são mostradas para o mundo, de maneira até inconsciente e mecanoide; são falsas projeções que, muitas vezes, não correspondem à verdadeira intenção e sentimento do indivíduo. Tal comportamento cria uma autoilusão de si mesmo para ser aceito no meio social e para se beneficiar, até mesmo em detrimento de outros indivíduos. Surge, então, a falsidade, a mentira e as discórdias. Mas o humano superior é honesto por livre e espontânea vontade, diz o que pensa sempre que necessário e, por isso, parece assustar os mediocres, que vão procurar manter distância dele.

Viver em uma sociedade decadente é quase uma fatalidade, pois somente uns poucos se propõem a evoluir, enquanto indivíduos atrasados que não querem crescer são

um peso e um estorvo à evolução desses poucos que trabalham por si mesmos, que produzem, que criam. De fato, a grande massa social é um peso que pode induzir semelhante sentimento em alguns indivíduos que ignoram sua capacidade e força, acreditando que eles são um peso para os outros. Assim como o titã Atlas, da mitologia grega, parece que alguns indivíduos são condenados a carregar o mundo nas costas porque são conscientes da incompetência e da miséria humanas e dos problemas insolúveis.

O indivíduo não deve se desgastar e se atrasar na evolução por causa de uma humanidade que mais funciona como um grande rebanho de cabeças que não enxergam além do traseiro de seu próximo – os indivíduos não pensam por si mesmos, não raciocinam, não observam, não são capazes de discernir. Se ainda há senhores e escravos e governos que subjugam massas, porque é fácil dominar aqueles que não pensam. E quando, educadamente, é solicitado às massas que pensem e evoluam, que busquem um aprendizado consciente, elas se ofendem em sua cegueira, em seus temores, em seus tabus sociorreligiosos, e permanecem na mediocridade. Infelizmente, quando a mediocridade é exaltada nas massas, a excelência não existe.

Para o autoconhecimento e a evolução, é preciso polir a personalidade por meio do exercício da sinceridade e da honestidade – consigo mesmo e com os outros –, da prudência, em todos os aspectos da vida, e da vontade. E fora do caminho evolutivo, os seres degenerados acabarão se extinguindo por si mesmos, ou melhor, pelas garras da

natureza, que eliminam as sementes que não dão frutos e estragam o solo. Todo aquele que não é capaz de se desenvolver e evoluir deve degenerar-se e desaparecer lamentavelmente, seja um indivíduo, uma família, um povo ou uma nação, em seu devido tempo.

Evoluir no meio social também requer equilíbrio e autodisciplina. Contudo, é necessário discernimento, especialmente com relação à disciplina. Apesar de parecer uma grande virtude, a disciplina, quando em excesso, converte-se em escravidão. E em uma guerra motivada por ganância e ódio, seus combatentes cegamente “disciplinados” são meros e condicionados bonecos do sistema, passíveis de serem substituídos por outros, como uma peça inanimada em um jogo manipulado por vontades políticas e religiosas geralmente perversas e hipócritas.

A hipocrisia é uma característica muito predominante nas organizações políticas e nas grandes religiões de massa, até mesmo entre aqueles que se dizem fiéis, mas são não praticantes. É um descarado e patético fingimento de virtudes, moralismo torpe e inútil e devoção religiosa. Os hipócritas normalmente se escoram com prazer no pedestal de um Deus falso criado à imagem e semelhança deles mesmos, eximindo-se de qualquer responsabilidade com relação aos seus atos, condenando, nos outros, o que eles mesmos desejam muito fazer, ou mesmo fazem às escondidas. Para os hipócritas, tudo o que acontece ou deixa de acontecer é “a vontade de Deus”, crendo-se sempre muito corretos e bondosos, e com muito alarde. E são hipócritas e

irresponsáveis a ponto de sempre pedir perdão ou alguma dávida, na clássica e estereotipada atitude de oração, que nada mais é que um ato de submissão degradante e humilhante. Ajoelhar-se de mãos unidas para o alto é a maior entrega à escravidão ou à rendição, uma atitude de derrota, entregando-se passivamente para ser acometido pelos pulsos e arrastado pelos joelhos, como verdadeiros prisioneiros de um carrasco.

Mas o hipócrita pode se tornar, ainda, um tirano se puder estar no comando de alguma organização. Ele pode manter sua hipocrisia em segurança, pondo-se a fazer todas as coisas que sempre quis, mas proibindo, julgando e condenando seus subordinados ou seguidores. É realmente um fato social e uma enfermidade que, muitas vezes, infecta até o núcleo familiar constituído de pessoas fracas. O tirano destrói uma sociedade, pois quer apenas seu desejo satisfeito, seja lá como for, cometendo com crueldade o maior e pior de todos os atos de desrespeito: a violação do livre-arbitrio (com bom senso) e do livre-pensar.

Assim como o excesso de disciplina, a misericórdia excessiva torna o indivíduo covarde, de vontade fraca (ou de má vontade), sem autoridade alguma sobre si mesmo. Como ensina a via draconiana: tirania para os tiranos; liberdade para os libertários. Aquela que dá primeiro recebe da mesma medida. Nada mais justo.

E não há injustiça maior do que o crime gratuito e a impunidade, pois é uma violação do direito à liberdade, uma restrição. Portanto, o violador afirma com suas intenções e

atos que a liberdade, a justiça, o livre-arbitrio e o direito à vida e o direito de usufruir dos bens pessoais não existem. Assim, qualquer direito e liberdade também devem ser negados a ele. Os indivíduos que buscam evoluir condemnам a injustiça e devem segregar aqueles que violam a liberdade pessoal e os direitos alheios injustamente.

O discernimento é imperativo também em relação ao amor e ao prazer, pois a raiz de muitos problemas psicossociais está na busca desenfreada e ansiosa pelo amor perfeito e pelo prazer absoluto. A via luciferiana está de acordo com o epicurismo somente no que diz respeito ao prazer como sendo um bem do ser humano. Entretanto, todo esforço para adquiri-lo não deveria jamais ser maior do que seu desfrute; é inútil gastar tempo e energia por algo que não vale a pena. O indivíduo deve, sim, buscar o prazer físico salutar e enriquecedor, com bom senso, e não os prazeres viciados, doentios, estúpidos e desenfreadados, que conduzem à dor e ao sofrimento. Além do prazer físico sadio, há também os prazeres da mente e das emoções, aqueles prazeres proporcionados pelo conhecimento e pelo autoconhecimento, pela aquisição de cultura útil, o prazer da expansão da consciência, do desfrute das artes inspiradas, da literatura, que despertam inquietudes. Mas o que importa realmente é a evolução do ser e não as convenções sociais, as futilidades de massa e os modismos extravagantes e efêmeros.

Com a ridícula desculpa de "liberdade" sexual, os "moderninhos" se tornam vítimas de seus próprios vícios torpes, crendo-se muito liberais e descolados. Em nome de tal

liberalismo, e de discursos machistas ou feministas, muitas porcarias e absurdos têm sido disseminados, mas não passa de mera oposição extremista ao falso puritanismo religioso. A liberdade não existe em nenhum desses extremos. Não há equilíbrio, bom senso, discernimento (novamente, o discernimento), esclarecimento e compreensão alguma. As religiões inventaram o pecado; o liberalismo promiscuo peca esse pecado apenas para contrariar e fazer pose. Tal é a lastimável herança sociorreligiosa das massas enfermas.

A prática sexual indiscriminada e obsessiva é contrária à via luciferiana, pois conduz à escravidão, ao vício, à degradação, à fraqueza e ao embotamento do ser, do indivíduo. A promiscuidade, a permissividade e as banalidades dos “moderninhos” e “liberais” não têm lugar na vida do humano superior. Lamentavelmente, muitas pessoas confundem as coisas, associam o nome Lúcifer, e até mesmo Satã, a conceitos totalmente equivocados e abjetos. Mas que fique claro: Lúcifer não tem nada a ver com putarias – essas coisas são para qualquer um e todo o mundo, e a via luciferiana não é para qualquer um, muito menos para os fracos, viciados, grosseiros, néscios, obtusos e metidos a malvadões. Estar na via luciferiana não é fazer as asneiras que todo o mundo faz porque todo o mundo está fazendo. Contudo, supõe-se que cada um seja “livre” (?) para fazer o que bem entender, desde que assuma a responsabilidade e as consequências das próprias ações sem reclamar e sem envolver outros.

Além do prazer, o amor é perseguido ansiosamente, na esperança, ou na ilusão, de se atingir a perfeita felicidade na Terra. Muito tem sido falado a respeito e inúmeras obras têm sido escritas, abordando de todas as maneiras possíveis essa questão, na tentativa de sanar o desespero, a angústia e as esperanças não realizadas dos casados e dos solteiros. Mas é preciso aprender a não alimentar vãs esperanças nem temores irracionais, e sim agir com conhecimento e vontade consciente em busca dos resultados almejados. Vontade pressupõe ação, seja qual for o objetivo. E nos assuntos do amor, a vontade (não muito forte) pode ser abalada e o indivíduo acabar ficando desorientado e vítima das emoções descontroladas e confusas.

Amor não é paixão. Não se deve confundir o amor luciferiano, que é o amor sadio e gratificante, com o desejo passionall ou paixonite grosseira e irracional. Por mais que tenha se tornado vulgar essa palavra, o amor se dá em todas as esferas do ser, unindo-se pensamento, sentimento e vontade do casal que se ama. Aliás, o mais adequado para quando se ama é dizer que se está “enamorado”, e não “apaixonado”.

Para que possa haver uma união amorosa perfeita (ou quase), o casal deve ter algumas afinidades de pensamentos, sentimentos e vontades. O ideal filosófico de vida, o nível cultural, os interesses mais importantes etc., devem ser afins. Talvez o fracasso da maioria das uniões “amorosas” resida na falta de amor verdadeiro nascido e fortalecido pela afinidade em todos (ou quase) os níveis ou planos. Quando não é assim,

as uniões não passam de meras aparências para manter um ridículo contrato legal perante uma sociedade igualmente hipócrita e de fachada. Isso também acontece, em grande parte, devido a uma perniciosa educação moral e religiosa completamente equivocada e escravizante. Assim, não há evolução mútua na união. Com o desequilíbrio em todos os níveis do ser (pensamento, sentimento e vontade), surgem as diferenças gritantes, as brigas, desenvolvem-se a antipatia e a aversão, que podem chegar ao ódio, muitas vezes, calado e passivo, e não há mais atração, diálogo, objetivos nobres, apenas estagnação. Cada um fica reduzido em sua mediocridade inconsciente.

Há, ainda, aqueles que já começam mal, casando-se por motivos e interesses dos mais diversos, exceto por amor verdadeiro. Casam para satisfazer as pressões da família; casam para satisfazer um desejo vaidoso; para ostentar luxo diante de uma plateia de convidados; para conseguir riqueza financeira, *status* e por interesses materiais etc. São pseudomatrônios que fedem a vaidade, extratos bancários, cheques e modismos. Lamentáveis desequilíbrios que somente levam ao fracasso, ao desgosto, à insatisfação e ao vazio interior, quando ainda não descambam em odiosos e temerários adultérios e crimes passionais.

As pessoas sofrem por causa dos sentimentos, desesperam-se, choram, ficam alegres, ficam tristes, sofrem uns pelos outros, sofrem porque estão apaixonadas, sofrem porque foram magoadas e não correspondidas. O ser humano

é débil, é marionete dos próprios sentimentos, que se manifestam antes da razão e do discernimento.

Os casais desequilibrados que acabam por cometer adultério e promiscuidade certamente não se amam, e, lamentavelmente, já estão em estado de degeneração. O indivíduo débil começa a se relacionar com muitos outros tão ou mais débeis do que ele, fracos e enfermos física e mentalmente. Tal comportamento sexual transmite substância energética de um para outro, e absorve-se parte do que o outro é, seja vil ou nobre, compartilhando parte da vida dolorosa alheia. E assim cria-se uma complicada e indesejável teia de vida de muitos indivíduos promiscuos e irresponsáveis se complicando cada vez mais. O sexo obsessivo e sem amor é um estorvo à evolução individual, é uma escravidão aos níveis mais baixos de vibração do ser.

O amor perfeito e ideal se manifesta com afeto, ternura, amizade, compreensão, zelo e, por outro lado, intimidade sexual, desejo e prazer saudável. O casal superior se educa na arte de amar para evoluir e desenvolve o amor pela vontade de amar.

Por isso, entre vários motivos, o humano superior em constante evolução não deveria se relacionar e se envolver intimamente com indivíduos mental e emocionalmente inferiores, atrasados, grosseiros e ignorantes. É uma simples questão prática sobre evolução individual. Aquele que convive constantemente com pessoas de determinado nível acaba por tornar-se uma delas, é “absorvido” pelo grupo ou meio e pode degradar-se devido à sua própria fraqueza

inerente e às más influências. Muitas vezes, é possível conhecer um indivíduo por suas companhias e lugares preferidos. É, também, por trás dos momentos de diversão e lazer que se esconde a verdade. Nessas ocasiões, dá para conhecer a verdadeira face de uma pessoa. E o ser humano superior se coloca imune à enfermidade do ar circundante dos degenerados, para que seu caminho esteja livre de obstáculos inúteis, pois ninguém tem a obrigação de lidar com a bestialidade alheia, em administrar os infundáveis conflitos psicossociais e as idiossincrasias das massas.

Os problemas psicossociais, até o momento, são insolúveis para a grande maioria dos civilizados modernos. A raiz do problema está além das aparências, e as pessoas sofrem enormes desequilíbrios emocionais. Parece que o fato de existir sentimentos não é nada bom. Mas as pessoas não têm poder sobre si e sofrem pelas emoções. Deveriam ser capazes, se fossem seres superiores, de sentir no momento em que quisessem sentir e o sentimento que quisessem sentir, de maneira adequada e conveniente às circunstâncias, ao momento e às pessoas em questão.

A solução dos problemas humanos está na evolução individual, no discernimento individual, na compreensão e na vontade de mudar, buscando os meios mais eficazes. Os problemas são muitos e diversos e devem ser solucionados de maneira adequada. Exemplos: problemas de relacionamentos se resolvem com diálogos e compreensão nas relações; problemas emocionais requerem soluções emocionais; problemas financeiros são resolvidos com soluções

financeiras etc. Parece óbvio, mas a maioria não enxerga isso. As pessoas se equivocam ao pensar que o dinheiro pode resolver todos os problemas das mais diversas ordens, achando que todos os seus problemas afetivos, psicológicos, mentais, intelectuais, familiares etc., podem ser solucionados simplesmente com dinheiro em espécie. Não percebem que sua própria incapacidade de aprender e evoluir é que as mantém em seus problemas. O indivíduo pode "despertar" do torpor em que se encontra e decidir mudar completamente o rumo de sua vida, porque se a vida é simplesmente a mediocridade que parece ser, então qual é o sentido? Nascer, crescer, reproduzir-se desenfreadamente, envelhecer e logo morrer? Realmente não há nenhuma dignidade ou qualquer anelio superior.

No caminho para a superioridade luciferiana, o ser humano busca atingir o equilíbrio individual e não ser mais vítima de nada nem de ninguém. E equilíbrio significa interação de forças opostas em todos os seus aspectos e abrangência, especialmente entre o masculino e o feminino, considerando-os em pé de igualdade, dentro dos limites de suas naturezas, é claro.

O homem – propriamente o gênero masculino – não pode ser somente uma máquina grosseira, bruta e insensível. Evolução requer mudanças de paradigmas, equilíbrio, busca. O homem tem que estar consciente de si e de suas atitudes com relação à mulher e equilibrar-se com seu aspecto feminino interno sem necessariamente comprometer sua masculinidade natural e inata. Um homem consciente e

satisfeito com sua condição e adorador do sexo oposto pode naturalmente ser afetuoso, demonstrar docura, delicadeza e sensibilidade, conforme as circunstâncias e os momentos apropriados, sem parecer fraco ou efeminado. Ele deve saber que pode ser muito mais que um mero macho grosseiro, rude e desprovido de compreensão sobre o feminino e sua importância para a evolução. Porém deve ser enfatizado que isso não tem nada a ver somente com questões vulgarmente sexuais, fisiológicas e anatômicas, e, sim, com interação e equilíbrio de polaridades naturais não desvirtuadas.

Com relação à mulher, o mesmo é verdadeiro. A mulher superior pode trabalhar o aspecto masculino de seu interior, equilibrando-o com sua natureza feminina, mas sem comprometer sua feminilidade inata e evidente. A mulher satisfeita com sua natureza feminina e que deseja o sexo oposto pode, e deve, quando necessário, manifestar naturalmente atitudes energicas, de força e ímpeto, sem parecer embrutecida ou masculinizada.

É importante compreender que tudo pode ser equilibrado e manifestado conforme a vontade e as circunstâncias. É uma evolução no estado de ser do homem e da mulher que se conscientizam das partes de sua psique e aplicam esse conhecimento. É necessário também saber encontrar o par ideal para ser a companhia na vida, não sofrendo, assim, deceções e insatisfações por não ter conhecimento.

E no que diz respeito ao sexo, há certamente muitas mulheres insatisfeitas e decepcionadas que não se revelam e

que ignoram as causas dessa insatisfação. Pode ser o trauma de uma infância repressora com uma péssima educação religiosa; pode ser uma experiência dolorosa com algum homem grosseiro, machista e ignorante; pode ser o desconhecimento do próprio corpo e a inexperiência para lidar com o sexo oposto. E as mulheres solitárias por muito tempo, mesmo as “casadas solitárias”, começam a sofrer um desequilíbrio por não haver a polarização de todos os aspectos de seu ser físico e mental. Elas podem tornar-se muito insatisfeitas, insensíveis, imaturas emocionalmente, neuróticas, histéricas, amargas e, às vezes, malvadas. Sentem-se vazias e infelizes por não viverem uma troca de energias sexuais e um amor compartilhado, mas não sabem exatamente o que lhes falta. Algumas vivem com uma “pseudocastidade” a contragosto, desiludidas, privadas do prazer amoroso e salutar, podendo até mesmo se tornar promíscuas. Outras sofrem o tabu da virgindade, que, para fins de evolução pessoal e amor sincero em uma união, não tem a menor importância, pois algum conhecimento sexual e experiência se tornam úteis em uma relação amorosa superior com objetivos mútuos. Parte-se do princípio de que as pessoas já tenham tido outros relacionamentos que não deram certo, e não se considera – enfaticamente – a promiscuidade como justificativa para adquirir alguma experiência nesse sentido e muito menos para atingir algo elevado, digno, belo e salutar.

Mais uma vez, como tantas outras coisas lamentáveis, o tabu social da virgindade vem dos dogmas religiosos. Por

fanatismo, ignorância e falsas bases, as famílias se desesperam e se agrideem em nome de sua suposta vergonha inútil diante de uma igualmente inútil membrana vaginal rompida: o “segredo guardião” himen. Muitas mulheres, no decorrer da história, foram agredidas física e moralmente, e até mesmo sacrificadas por causa de uma simples defloração natural e que diz respeito somente a elas e a mais ninguém. As reais qualidades de caráter de uma mulher não têm nada a ver com o inconveniente himen, do mesmo modo que as qualidades de um homem estão muito distantes da arrogância machista e misógina.

Como todo tabu é algo primitivo e temerário, as religiões equivocadas e velhacas ainda não saíram de seu primitivismo tosco sociorreligioso. As religiões patriarcais opressoras, repressoras, limitantes e estagnadoras devem muitas desculpas à sociedade enferma e desequilibrada que ajudaram a criar, especialmente desculpas às mulheres.

O sexo é também um problema psicosocial para muitas pessoas, e o conhecimento, sem tabus e medos, de tal faceta da vida é incentivado na via luciferiana. E isso inclui a busca pela satisfação saudável e pelo conhecimento do próprio corpo e suas sensações, para que se possa atingir o prazer no equilíbrio. O homem e a mulher devem ser senhores de seus cérebros, corações e genitálias. O casal superior se liberta de todos os traumas, conceitos equivocados e limitantes, medos e insegurança e busca a harmonia e a satisfação no amor e no prazer recíprocos em sua existência inteligente.

A grande capacidade de trabalhar a razão com a emoção, ter autodomínio, auto-observação, autoestima e controle emocional é um poder pessoal de homens e mulheres mais evoluídos. Tudo isso constitui a inteligência emocional daqueles que buscam o equilíbrio, e não é novidade alguma, pois sempre existiu essa preocupação nos círculos restritos de indivíduos pensantes.

O fato é que estar ciente das próprias reações emocionais e poder reconhecê-las nas outras pessoas, saber como lidar com os sentimentos mais difíceis, saber canalizar e dirigir essas emoções para objetivos determinados são habilidades do indivíduo superior. É só lembrar os arquétipos principais e mais conhecidos da via luciferiana para ver que a inteligência emocional é, em nível psicomental, Lúcifer (inteligência, conhecimento, razão, autodomínio, vontade, liberdade de pensamento) harmonizado com o seu outro aspecto, que é Vênus (emoção, desejo, instinto, criação, sensação, prazer), como os lados esquerdo e direito do cérebro. Assim, as emoções influenciam todos os aspectos do ser humano e atuam em todos os momentos da vida, mas só a inteligência e a vontade para percebê-la, assimiliá-la e administrá-la adequadamente em favor do próprio indivíduo. O desequilíbrio emocional, o sentimentalismo grosseiro e os sentimentos vulgares atrasam e enfraquece. O humano superior busca transcender os sentimentos frívolos, inferiores e iracionais e cultivar emoções elevadas.

O caráter deve ser moldado pela vontade consciente, apesar das predisposições dos temperamentos, da constituição

fisiológica e das influências do mundo exterior. O indivíduo pode se beneficiar do conhecimento sobre os temperamentos, podendo, assim, conduzir melhor seus estados emocionais e suas necessidades. Por exemplo, o sangue se relaciona com o temperamento sanguíneo, significando pensamento sintético, inteligência, astúcia, rapidez de raciocínio, impulsividade, entusiasmo etc.; a bile amarela está relacionada com o temperamento colérico, que é responsável pela vontade, a coragem, a vitalidade, a ira, a impaciência; a fleuma tem relação com o temperamento flemático, o que pode tornar um indivíduo inconstante, indeciso, desmotivado, temeroso, sentimental, conivente, passivo, mas também conduz à tranquilidade, à sensibilidade animica e à fluidez emocional superior; e a bile preta está relacionada com o temperamento melancólico, causando melancolia, seriedade, introspecção, fobia social, frieza, pessimismo (quer dizer, realismo), além de manifestar também as inquietudes profundas, o idealismo e a necessidade de autoconhecimento. Às vezes, a melancolia pode se tornar tristeza, mas nem a tristeza nem a alegria extremas podem interferir na via draconiana; há uma melancolia criadora, mas nunca desespero; pode haver uma alegria honesta, sincera, espontânea, mas nunca histeria e exaltação exageradas, desconroladas e inúteis.

A via luciferiana ensina o respeito pelo corpo e suas funções e também pelos fenômenos naturais na busca por conhecimento, equilíbrio e por uma vida melhor, seja em nível físico, mental e emocional, nas inevitáveis relações sociais e no relacionamento amoroso.



## Revolução luciferiana

### CAPÍTULO 4

No caminho da revolução luciferiana, o indivíduo busca revolucionar sua própria consciência, fortalecer o caráter, a vontade, desenvolver-se mental e emocionalmente, expandir a compreensão e exercer sua liberdade de pensamento e de ideias baseada no conhecimento. O principal objetivo do indivíduo que busca sua superioridade é trabalhar pela própria evolução constantemente, buscando a transumanidade, a condição pós-humana, sem que nada interfira, tendo ele mesmo como o centro de seus esforços, conhecendo sua força, e também seus limites, e reconhecendo seus erros e debilidades, em vez de se comportar como todo o mundo. Pois, de modo geral, não há muita qualidade de caráter nem dignidade consciente nas massas, e muita gente nem tem noção do que isso seja. Assim, para não haver

decepções e desilusões, o humano superior não pode esperar nada de ninguém e apenas devolver o que ele recebe.

Contudo, a evolução não diz muito respeito ao tipo de progresso “moderninho” de gente que faz pose de descolada, o que é evidente na sociedade; a questão aqui é evolução pessoal integral, crescimento e fortalecimento do indivíduo, o que conduz à transformação em um ser superior, mais elevado. Era o que provavelmente buscava a Renascença, com seu ideal de revalorização da inteligência humana (homem superior), da razão, da ciência, da literatura e das artes, tendo o ser humano como o centro de tudo em busca de elevação, autoconhecimento, prazer saudável e honesto e libertação dos grillhões sociorreligiosos e da repressão e opressão medievais.

Na via luciferiana não há regras impostas, nem “leis” absurdas de uma sociedade de humanos defeituosos, nem normas inúteis e estagnantes, nem pecados mortais de pseudorreligiosos, nem inversão de valores, nem ameaças infundadas.

Um ponto importante, sempre mencionado aqui, é o autoconhecimento. Este é o reconhecimento de si mesmo como um deus em potencial, a consciência de seu verdadeiro ser interior e pessoal, ou Individualidade, que é uma manifestação luciférica no humano superior. Esse conhecimento implica descobrir os próprios poderes e capacidades e uma compreensão do universo e de sua relação com o próprio ser humano. Com o autoconhecimento, o indivíduo pode adorar a si próprio como um deus e como um

ser humano, ou seja, como um semideus, que de fato é, mortal em sua carne e imortal em seu espírito logoico. Esse indivíduo pode, então, instruir aqueles que buscam sincera e honestamente por conhecimento, mas se negando aos meros curiosos, hipócritas e volúveis que não têm inquietudes e questionamentos construtivos. O homem superior e sábio pode desprezar os ignorantes por opção e debocha de suas palavras néscias, busca se elevar acima dos outros sem fazer alarde e tem prudência no pensar, no falar e no agir, estando, assim, livre de aborrecimentos e problemas desnecessários. Com o reconhecimento da condição superior do ser humano, a via luciferiana conduz ao amor por si mesmo, ou autoamor. Amar a si próprio conscientemente é condição essencial para que se possa amar mais alguém, com relativo equilíbrio e segurança. Amar verdadeiramente quem merece o seu amor e não desperdiçá-lo como um pródigo, porque o amor é força e energia preciosas que devem ser bem direcionadas para o crescimento individual e para o prazer mútuo. Aqueles que não merecem e não valorizam o seu amor e o seu afeto devem ser desprezados. O amor saudável não adoece nem destroi porque não é paixonite cega que enlouquece o fraco, não devendo jamais ser confundida com amor. Portanto, ama com consciência, pois amar a todos é uma ilusão, é impossível.

O ódio é também uma força poderosa, e aquele que ama a si mesmo deve saber lidar com tal sentimento destrutivo sem se destruir. O ódio pode ser traduzido como repulência, repúdio, aversão, repugnância, extrema antipatia e

como reação instintiva e preservadora a uma insistência de um desejo e de ato danosos dirigidos contra o indivíduo. Assim como o ser humano ama de verdade, ele também odeia verdadeira e naturalmente quando é constantemente ameaçado e atacado agressivamente. Todo indivíduo que ama a si mesmo também odeia, para a sua própria preservação, eliminando ou evitando o mal que o prejudica, seja lá qual for sua origem e foco, dissipando e esgotando o ódio, livrando-se dos nocivos efeitos psicosomáticos do ódio reprimido. A obrigação de cada um é defender-se e atacar quando necessário. Se for traído, busque banir o traidor de sua vida e eliminar tudo o que possa lembrá-lo, qualquer vínculo, seja palpável ou não, definitivamente. Mas ignore os seus inimigos publicamente e mantenha-se observador e com autocontrole.

É importante ressaltar que a agressão física ou moral gratuita a pessoas e animais não é praticada pelo humano superior. Não se deve permitir a violência contra inocentes, nem ser conivente com as injustiças, defendendo-os de maneira severa contra a fonte da agressão.

Assim, o luciferiano pode tipificar o indivíduo heroico, por sua nobreza, senso de justiça impensoal, força, coragem, vontade, responsabilidade, liberdade, inteligência, bem como saúde e vitalidade. O arquétipo do herói, ou heroína, está implícito na ideia luciferiana, como pode ser visto em Prometeu, Orfeu, Odin, Quetzalcoatl e em Lúcifer, nas mulheres Ishtar, Inanna, Brünnhilde e nas outras Valquírias etc. Os heróis são nobres, honrados, guiados por

elevados ideais e buscam o que é justo e correto, mesmo que seja por meio de agressividade e severidade e mesmo que vá contra os desejos das massas e os interesses dos corruptos políticos e religiosos – nesses casos, o indivíduo é considerado um anti-herói, justamente porque não atende ao que é comum e corrente, ao senso artificial das massas. Podem-se praticar atos de heroísmos em vários graus e circunstâncias, de acordo com a necessidade. O anti-herói é um tipo de humano superior que evolui além da passividade comum do *Homo sapiens* atual e da grande maioria de “*Homo imbecillus*”.

O respeito é um direito e um dever que muitas pessoas não sabem exatamente o que significa. O luciferiano respeita aqueles que o respeitam e entende que o respeito é igual para todos, e ninguém tem o direito de exigir respeito quando desrespeita outros gratuitamente. Idosos, crianças, jovens e adultos merecem o mesmo respeito e devem se respeitar, não importa onde; aquele que desrespeita deve ser desrespeitado; quem começa leva o troco. Há um desrespeito generalizado, mecanizado e inconsciente que as populações insistem torpemente em manter. E a ideia de pecado, muito arraigada e massificada, reforça o desrespeito e a invasão à individualidade no convívio social, familiar e profissional. As pessoas se offendem gratuitamente com seus egos de porcelana, sentem-se feridas por nada e ainda exigem que lhes peçam perdão, que se retratem inutilmente, simplesmente porque outros vivem e pensam diferente de seus iguais cabeças de rebanho.

A autoindulgência também é salutar. O indivíduo é capaz de baster-se a si mesmo e de reconhecer o que ele tem de melhor e de pior, qualidades e talentos, defeitos e imaptidões. Na via luciferiana, é degradante e humilhante pedir perdão e confessar supostos “pecados” e se redimir diante de uma pessoa qualquer que se diz intermediário de um Deus. O humano superior não culpa por nada, a menos que realmente reconheça uma falta cometida com razão, e jamais tenta agradar a todos, pois isso exaure e desestabiliza seu centro que é ele mesmo, o único imprescindível para si mesmo.

Outra fonte de fraqueza, além da culpa, é a compaixão; o indivíduo superior deve estar livre de tal sentimento ilógico. Compaixão é sofrer inutilmente uma dor irreal, que não existe em você. É compadecer, ou melhor, padecer com aqueles que sofrem, o que é desnecessário, porque já existe sofrimento demais no mundo. Então para que você vai sofrer se não está realmente soffrendo por si mesmo? Mais um sofredor que se soma aos muitos sofredores simplesmente porque quer ser muito compassivo, alastrando o sofrimento? Ajudar aqueles que realmente têm vontade de melhorar é uma coisa; sofrer passivamente junto àqueles que se envaidecem em sua miséria e condição de vítimas é tolice. Aliás, nem mesmo os religiosos crédulos se põem a sofrer junto aos desgraçados que, muitas vezes, buscaram a própria desgraça; permanecem na hipocrisia da compaixão. E quando realmente soffrem, ficam desesperados, crendo que é a vontade de Deus ou obra do Diabo, implorando por uma

bênção e esperando-a passivamente, sem agir de maneira inteligente para a solução do problema e do sofrimento.

A compaixão deprime, exaure a força e a energia vital, enfraquece a vontade. Ser compassivo é ser conivente com a miséria e com a estagnação. Portanto, o indivíduo superior não deve ter compaixão, apenas segue sua vida com propósitos, não aborrece ninguém e não conta seus problemas e dores aos outros, pois eles não querem ouvir, e quando querem, deleitam-se com seus sofrimentos e dificuldades, irradiando pensamentos e sentimentos nocivos que só vão embaraçar ainda mais sua vida. Deve-se ficar longe dos hipócritas e dos mediocres que não aprendem a viver, assim como desprezar a escória humana que não quer evoluir. Deve-se cultivar a si mesmo, cuidar da própria vida e ficar livre de preocupações que não lhe dizem respeito.

O humano superior também evita a tagarelice dissipante que incomoda e provoca esgotamento e não se envolve em desgastantes pelejas ansiosas e tensas de pessoas exaltadas e descontroladas. Não desperdiça energia e tempo muito valiosos com futilidades, pavonices e tagarelices inúteis nem reclama à toa. Pode-se observar o lástimoável comportamento das pessoas inconscientes e débeis que vivem reclamando, que se queixam de tudo, o tempo todo, parecendo nunca satisfeitas, muitas vezes, “chorando de barriga cheia”, sem jamais ter passado por algum sofrimento real; resmungam mesmo depois de cometer suas idiotices e excessos, como se fossem inocentes soffrendo injustiça.

O indivíduo superior também não se importa se falam bem ou mal dele, pois sabe que a maioria das pessoas sempre fala contra ou a favor, as pessoas adoram fazer intrigas e mexericos e se excitam muito com esse comportamento estúpido. O silêncio é especialmente difícil para a maioria das pessoas; estão sempre ansiosas por falar e tagarelar, principalmente sobre si mesmas e suas façanhas, estando distraídas para escutar o que é realmente importante. As pessoas falam demais, fazem perguntas e não ouvem as respostas porque estão muito ocupadas em falar. Mas, logo após esses momentos de exaltação verborrágica, elas se esquecem do que falaram.

É importante evitar as aglomerações onde há conversações inúteis e exaltadas demais e não se envolver com faladores, mexeriqueiros impulsivos, com pessoas que gostam mais de um “monólogo”, apesar das intenções de diálogo, e com pessoas que apenas querem sua companhia para despejar seus desgostos e problemas. Essas aglomerações, inclusive em muitas famílias, em que existe uma frequência de tagarelices, desordens interpessoais, insultos, ofensas etc., são um verdadeiro campo contaminado de ondas mentais e emocionais destrutivas que afetam todos, inclusive aquele que se esforça para evoluir e resistir a essas escórias energéticas. O total equilíbrio emocional aliado à vontade pode ser uma das maneiras de banir e se defender das ondas nocivas humanas.

Às vezes, silenciar é preciso, para que se possa escutar e aprender e assim pensar, refletir, imaginar de

maneira criativa e criar exteriormente. É no silêncio que está a seriedade no trabalho de crescimento individual por meio do estudo, da observação e da continuidade de propósitos e ideais. Aquele que é incapaz de manter silêncio conscientemente está em grande desvantagem no caminho evolutivo. E o homem superior, reservado, discreto e cauteloso, não desperdiça suas palavras com ignóbeis que não têm a menor capacidade e compreensão para apreciá-las, pois o conhecimento é adquirido com muito custo e esforço de vontade. O silêncio também implica não propagar comentários e boatos falsos sobre pessoas ou acontecimentos, equívocos, má interpretações de fatos ou informações.

Ao contrário do que as pessoas tagarelas e “simpáticas” pensam, o silêncio não tem nada a ver com o comportamento antissocial — embora não seja problema algum o indivíduo ser antissocial, se assim ele quiser e tiver condições para isso. É apenas a capacidade de não sentir necessidade alguma de fazer comentários, de ser reservado, discreto, prudente no falar e, principalmente, de acumular força nervosa e mental em si. O indivíduo silencioso e magnético evita falar de si mesmo, de se envaidecer incessantemente e de exibir um constante e estúpido “sorriso de plástico”, o que pode resultar em uma admiração natural e espontânea da parte dos outros. O esforço para mudar o comportamento, os paradigmas mentais e conservar a energia também desenvolve o poder da vontade, que se tornará algo bastante normal.

O humano superior deve se desenvolver como um todo, na medida do possível. Além da busca por autoconhecimento, compreensão interior, poder mental, cultura, prazer saudável, deve-se educar o corpo físico em conjunto com o caráter e a sensibilidade emocional. O corpo expressa as emoções e as intenções da pessoa, principalmente com relação a gestos, posturas, movimentos dos olhos e tons de timbre da voz, e isso tem implicações boas ou ruins, favoráveis ou desfavoráveis no indivíduo. E os aspectos psicofísicos podem demonstrar relativamente o atraso ou avanço evolutivo de alguém.

Os olhos são os primeiros a se manifestar em determinadas situações, expressando os reais sentimentos e intenções. O olhar deve ser firme, calmo, confiante, de maneira geral.

A voz deve ser clara, agradável, bem articulada, que inspire respeito e seriedade, ao contrário da voz trêmula, balbuciante, áspera, estridente ou, até mesmo, repulsiva, como pode ser ouvida em muitas pessoas extremamente grosseiras, vis e constantemente agressivas e impulsivas. A voz é o verbo individual; o indivíduo é a manifestação do Logos; o Logos é Lúcifer no ser humano, e sua voz pode indicar algo sobre si. Um indivíduo atrasado, embrutecido, obscurecido, com uma voz torpe que reflete sua miserável condição, não pode ser um veículo adequado para a manifestação luciférica da inteligência e da sabedoria. Mas, é claro, há graus de evolução pessoal, inteligência e autocontrole. Uma voz controlada, clara e agradável indica

uma pessoa tal como sua voz. Uma estridente e muito alta, gritada, com má dicção, reflete uma pessoa grosseira, bruta, ignorante e irresponsável. Uma voz frequentemente suave e baixa em volume sugere, por vezes, uma índole muito calma ou passiva e medrosa. Já uma voz gutural, rouca e aspirada possivelmente indica um indivíduo bruto, amargurado ou malévolos. Basta observar as pessoas e suas falas para constatar isso. Portanto, a voz pode influir positivamente ou negativamente naqueles com quem se fala.

Com relação ao corpo, seus movimentos devem ser suaves, equilibrados, elegantes, com postura ereta, com gestos delicados e educados. Logicamente que a delicadeza e a suavidade aqui não dizem respeito aos trejeitos efeminados, no caso masculino, e que são, muitas vezes, movimentos desajeitados, bruscos, espalhafatosos, inconvenientes e desagradáveis. A masculinidade luciferiana jamais é comprometida pela elegância e porte no andar, no falar e no gesticular. Os movimentos equilibrados e harmoniosos do corpo, tanto do homem como da mulher, indicam seres mais evoluídos e mais sensíveis.

E como seres evoluídos em meio a tantas dificuldades, na busca de se tornarem deuses, há desfrutes e deleites merecidos, pois a vida não é só deveres e supostas obrigações impostas ou não. O humano consciente e equilibrado necessita, para o seu fortalecimento e esforço criativo, buscar a alegria, a satisfação e os prazeres elevados, mas com relativa parcimônia para que não se manifestem a náusea e a repulsa de sua saciedade que conduzem ao

desânimo e ao desgosto. Os prazeres e as alegrias significam saúde física e mental, e não enfermidades para serem remedias com drogarias de qualquer espécie, como quase sempre acontece. Assim, é importante o prazer saudável com discernimento, e que o esforço para adquiri-lo não seja maior do que o seu desfrute, para que seja vitalizante, energizante e compensador.

O indivíduo superior deve ser responsável por seu próprio prazer ou o de quem ele ama, se quiser, mas como uma ação da vontade livre e não como uma obrigação. É preciso saber pedir o que deseja no momento adequado e para a pessoa certa, mas também negar quando necessário ou conforme sua vontade e motivações. O humano superior valoriza tudo o que possui e não o que os outros acham que ele deveria possuir nem o que eles possam ter; focaliza suas energias para o seu prazer, em vez de preocupações tolas com os outros. E não permite que parasitas roubem o que é dele, sejam interesses, ideias, méritos, créditos, objetos, prazeres, dignidade, integridade etc.

É ideal que o humano luciferiano sinta-se feliz e satisfeito. Deve buscar os meios para o contentamento e a alegria e estar satisfeito também com o caminho escolhido, com os ideais e as aspirações, desfrutar todas as dávidas merecidas e estar contente com quem ele ama. Entretanto, ele sabe aproveitar as coisas sem tornar-se escravo delas; é desapegado das ostentações, das vaidades excessivas e das futilidades do mundo e livre do desejo obcecado de acúmulo de coisas, até mesmo inúteis, pois tudo isso também dissipá-

energia e dispersa a vontade, que se enfraquece. Porém, é necessário ser zeloso com suas aquisições e com as pessoas que lhe são queridas.

A revolução proposta aqui também inclui uma transformação nos hábitos alimentares, pois um ser humano em evolução não destrói sua saúde e paz para contribuir com o rico crescimento das indústrias da enfermidade, ou seja, a “conspiração” alimentícia e farmacêutica que escraviza corpos e mentes no ciclo infundável da doença e da hipocondria. O luciferiano não se entrega aos interesses das indústrias que lucram em detrimento de sua saúde e segurança. A vida do ser humano moderno é extremamente artificial. Nesses tempos de modernidade e degradação, o humano superior deve buscar viver e alimentar-se de maneira adequada e saudável, para que não comprometa seu corpo e sua mente. O organismo deve manter-se “limpo”, resistente e com uma constituição superior para equilibrar-se com a mente luciférica.

As pessoas, de modo geral, têm péssimos hábitos alimentares, impulsos de glotonaria e vícios, tornando-se escravas da boca, padecendo lentamente, com o acréscimo de drogas farmacêuticas que apenas conduzem a mais visitas ao consultório médico e, consequentemente, à farmácia. A gula tem um poder notável de gerar disfunções orgânicas e patologias, às vezes até irreversíveis. E, é claro, essas pessoas sempre reclamam depois de cometer seus desatinos e excessos e vivem com medo de morrer por causa de suas diversas enfermidades. Mas, por outro lado, como uma

contradição, essas mesmas pessoas desequilibradas são obcecadas pela aparência e pela juventude, que se vai prematuramente, buscando meios de prolongamento da vida, mas não têm discernimento, bom senso e conhecimento que as preservem de sua autodestruição. Certamente, são pessoas obscurecidas mentalmente, com baixa autoestima.

A saúde é o estado natural e normal do ser humano; doença é a ausência de saúde e uma condição anormal. A degradação desse estado natural de saúde ocorre devido aos maus hábitos alimentares, entre outros fatores, como hereditariedade, infecções, contaminações etc. Entretanto, a alimentação é o fator principal que pode manter a saúde ou desenvolver enfermidades em longo prazo, para a grande maioria das pessoas. É claro que cada um tem a liberdade (ou a falsa liberdade) de comer o que bem entender, mas é lógico também que existe aquilo que é bom, mais adequado e saudável e aquilo que é ruim, desequilibrado e prejudicial. Sabe-se que os alimentos industrializados contêm diversos aditivos químicos perigosos à saúde, mas deve-se tentar se livrar dessa dominação e evitar vários produtos, pelo menos os piores, e não se iludir com propagandas espalhafatosas enganosas e rótulos atraentes.

A questão da alimentação é muito ampla e envolve muitos outros produtos duvidosos, mas o indivíduo inteligente sabe discernir honestamente o que é melhor para a sua saúde, buscando informações de várias fontes e comparando-as, experimentando dietas alimentares que sejam

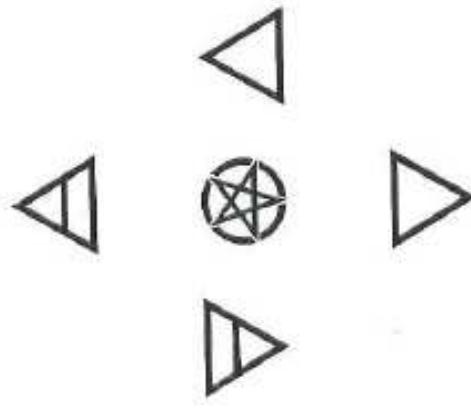
mais adequadas e observando as mudanças em si mesmo, com disciplina e seriedade.

Com discernimento, o ser humano superior vai seguindo sua senda luciferiana, sem alarde, em busca do autoconhecimento, da superioridade individual, com autoconsciência, autovvalorização e autorrespeito.



## Cultura luciferiana

### CAPÍTULO 5



A capacidade de vislumbrar os ideais, devê-los com vida no olho da mente e se emocionar com eles, sentindo as nobres aspirações que a introspecção nas artes superiores pode desencadear, é um dos resultados e objetivos da cultura luciferiana, ou transumana.

Lamentavelmente, o nome Lúcifer tem sido muito banalizado e inserido em conceitos e contextos equivocados e em diversas manifestações artísticas, ou pseudoartísticas, que não condizem em nada com os seus profundos e abrangentes significados. As artes luciferianas, e tudo o que o conceito elevado de Lúcifer pode abranger, requerem sentidos apurados, conhecimentos específicos, técnicas esmeradas e inspiração para a busca da perfeição (ou quase), com os recursos do nobre ofício disponíveis. A arte que pode ser chamada de

luciferiana deve ser primorosa, bem elaborada, bem executada, de qualidade reconhecida, buscando sempre estar muito acima do geral mediocre comum e corrente. Pois quando a mediocridade é exaltada nas massas, a excelência inexiste. Portanto, música não é barulho, pintura não é entulho, desenho não é rabisco, escultura não é entulho, literatura não é sopa de letras.

A aquisição de cultura pessoal luciferiana baseia-se em três pilares fundamentais, podendo subdividir-se em muitas ramificações do conhecimento. Esses pilares são: arte, ciência e filosofia, não necessariamente nessa ordem.

A arte representa, desenvolve e é o resultado da vontade (*thēlema*, em grego) do humano superior. É a expressão ousada das ideias intuitivas, do impeto e dos insights do Logos luciférico (a Individualidade), das emoções, da imaginação criativa. Mas para a consecução da arte, o indivíduo deve adquirir as habilidades e os conhecimentos necessários, teóricos e práticos, exercendo sua vontade, capacidade e talento com entusiasmo, para realizar seu ideal artístico por meio de imagens, sons ou palavras, ou seja, pintura, escultura, música e literatura.

A ciência do indivíduo reflete seu conhecimento (*gnosis*, em grego) direto, experimentado, do objeto de suas buscas e práticas, das causas e dos efeitos das coisas. Esse conhecimento, ou ciência, é organizado pelo intelecto, formando um conjunto das experiências diretas do indivíduo.

A filosofia é o verdadeiro ideal de vida do luciferiano que é guiado pela sabedoria (*Sophia*, em grego), sendo esta o

conhecimento adquirido mais a sua compreensão interior. É a prática de métodos e sistemas para a aquisição da sabedoria individual. É a busca pela verdade individual, sua razão e valor no esquema do universo. Praticar a filosofia é estudar a natureza íntima das coisas e de si próprio, é questionar, indagar, refletir, analisar e concluir, em um processo contínuo de aprendizado e autoconsciência. Como a filosofia é o amor pela sabedoria, está implícito o amor também pela sua expressão na forma humana feminina. Assim, a filosofia é uma manifestação das emoções superiores de maneira consciente, a expressão do amor do homem por sua mulher, que partilha dos mesmos ideais e da mesma devação mútua. O amor filosófico luciferiano é o que está dentro de cada um. Aprender a filosofia luciferiana é buscar a união entre dois seres que se amam e entre esses seres e o cosmos e o além-cosmos (anticosmos, para alguns).

O ser em evolução, muitas vezes, tem necessidade de criar, de manifestar sua criatividade e ideias, seus ideais e anseios, seja por meio das artes, da literatura ou da ciência. Criar é ser como um deus – mas em nível ou escala individual – que cria, que modela, que constrói, com a matéria mental e emocional e com ferramentas e recursos adequados para manifestar no mundo físico como existência concreta à vida física; criar é ser um Artífice de si mesmo e de suas próprias criações, com vontade e livre-arbitrio (com discernimento). Enfim, criar é desenvolver-se, é evoluir, é crescer, é autoconstruir-se. Mas, para isso, é preciso ser mais do que meramente alfabetizado. Saber ler palavras e números

não é suficiente; é importante saber interpretar tudo o que é lido (palavras, imagens). Alfabetizados, semialfabetizados e analfabetos funcionais são nada mais que cabeças de rebanho, a massa analfabeta, em sentido amplo. O analfabetismo deveria ser inadmissível em toda sociedade urbana, em toda grande metrópole, pois os analfabetos estorvam o já ruim sistema social.

Um indivíduo inteligente, culto e sensível também pode querer buscar emoções mais elevadas por meio das artes (pintura, música, literatura etc.) e ama a cultura que toque seu íntimo e que se afine aos seus ideais estéticos e filosóficos. Usufrui do bem-estar e do prazer emocional e mental que tudo isso pode lhe proporcionar, o que significa que o ser humano superior tem uma consciência astral (inteligência emocional) sadia, e que responde aos seus anseios culturais, e uma consciência luciférica que reflete as suas maiores aspirações. A consciência luciférica pode manifestar-se no indivíduo e para o indivíduo, na forma de arte, ciência e filosofia.

Entre os valores culturais luciferianos estão aqueles – e não somente – que refletem o transumanismo psicomental, artístico e científico e o individualismo da Renascença (aproximadamente, entre os séculos XIV e XVI), que era baseada nos ideais greco-romanos da Antiguidade. Assim como na Renascença, a cultura luciferiana é uma manifestação da autoafirmação humana, individual, da valorização das capacidades intelectuais e emocionais, bem como da sede por conhecimento (interior) e descobertas

(interiores), do senso crítico, da busca pela fruição das coisas boas, pelo prazer saudável, pela educação pessoal e pelo enaltecimento do ser humano superior (o pós-humano comum, o transumano). Foi no período da Renascença que os opressores grilhões religiosos começaram a se enfraquecer, principalmente nos pensadores da época, apesar da persistência da religião (também “reformada”), que tentou agir como um vírus no transumanismo renascentista.

Na abrangente cultura luciferiana há, também, o romantismo, que exalta a ultrassensibilidade e a imaginação emotiva, e o goticismo, que expressa o lado oculto do indivíduo, o aspecto sombrio, fonte poderosa de inspiração e experiências profundas e primitivas (arcaicas).

Por outro lado, é fato que, disseminada pelo mundo, existe uma cultura inferior que apela e faz apologias ao que há de mais baixo e degradado na existência. Tem também a nobre cultura útil e dignificante, mas é sufocada pela grande massa que não se interessa e se agarra à própria ignorância e à degradação cultural e social. Como as grandes massas humanas não buscam se elevar e evoluir de maneira consciente, é interessante para os governantes mantê-las na ignorância e na estupidez, bombardeando-as, assim, com pseudocultura, para escravizá-las. As grandes mídias, que manipulam a opinião pública, com seus programas vulgares, de entretenimentos fúteis, estúpidos e prejudiciais, cumprem o papel de idiotizar a grande maioria de indivíduos fracos, inconscientes e mecanoides, para mantê-los distraídos, iludidos, dispersos e confusos com infundáveis informações

ímutes e “ordens” de ações subliminares. Infelizmente, é uma subcultura entorpecedora e desagregadora do ser, cheia de modismos efêmeros e modernismos que não expressam nada além de degradação repetitiva e enfadonha e não contribuem nem um pouco para o autoconhecimento, autorrespeito e expansão das potencialidades da consciência.

A arte superior é o resultado de emoções profundas que nascem da inspiração e da criatividade artísticas potencializadas; a criatividade é uma força luciférica que se manifesta em diversos níveis da existência. E o que é demonstrado por aqueles muitos movimentos artísticos intelectualoides disseminados pelo mundo moderno, e em décadas passadas, não é a arte superior referida aqui. Esses movimentos inutilmente elitizados produzem uma pseudoarte abstrata grosseira. A arte superior também não é a arte popular esca que tenta representar as banalidades da vida cotidiana, vulgar e bagunçada e os desejos mediocres, de maneira tosca, irradiando vibrações nocivas, deprimindo e empobrecendo os ambientes onde ela é exposta.

Entre as artes apreciadas estão: Leonardo Da Vinci (1452-1519), John Martin (1789-1854), William Blake (1757-1827), Gustave Doré (1832-1883), John William Waterhouse (1849-1917), Aubrey Beardsley (1872-1898), Max Ernst (1891-1976), Salvador Dalí (1904-1989), Hans Rudolf Giger (1940-2014), Boris Vallejo (1941-), Luis Royo (1954-), Julie Bell (1958-), entre muitos outros. São consideradas também na cultura luciferiana: a arte visionária do realismo fantástico, da ficção científica e da fantasia, com

sua técnica impecável, beleza e estímulo mental e emocional; as artes grega, egípcia, hindu, celta, nórdica, maia etc.

As influências da música não são menos notáveis, pois afetam diretamente os aspectos emocionais e mentais, de acordo com o caráter das composições e o grau de compreensão e desenvolvimento do ouvinte. Os sons criam imagens no plano mental e podem construir paisagens e estruturas sonoras, descrever cores e até mesmo sabores. É possível experimentar, de maneira muito perceptível, toda a gama gustativa, se o ouvinte atencioso se predispor à experiência da música rica e mais ou menos intrincada. O indivíduo deve estar relaxado, imóvel e mergulhar na música, isolando-se de todo o resto, para que ocorra a experiência. Por exemplo, o sabor picante é perceptido em passagens dissonantes súbitas e intensas; o amargo e o azedo podem ser percebidos em harmonias de tons menores e levemente dissonantes, tristes e melancólicas; o doce e o salgado, em melodias suaves, de tons maiores, ternamente emotivas e, às vezes, docemente infantis e inocentes. A dissonância relativamente complexa e sabiamente aplicada em uma sequência harmônica é um elemento importante da vida mental e emocional do indivíduo.

Mas a música é compreendida por poucos, apesar de fascinar a todos (ou quase). Caso contrário, a sociedade seria muito diferente do que é. A música tem cores, luzes e sombras, pode estimular a imaginação, a criatividade e, principalmente, interagir com as emoções e os pensamentos e influenciar o comportamento – é um fato observável. Música

é arte, ciência, filosofia. Sua influência pode ser benéfica ou malefica, superior ou inferior, salutar ou nociva. Essa influência, mesmo que as pessoas não tenham consciência disso, pode determinar o perfil individual e a condição de uma sociedade, podendo levá-la à degradação e à estagnação, ou moldar o caráter, elevar a cultura e o nível de consciência e percepção de cada indivíduo. As pessoas podem ainda não ter percebido que estão imersas em música, porém, infelizmente, música nociva, em grande parte. A degeneração cultural da música leva as pessoas ao fanatismo irracional, à violência, à histeria e à exaltação descontrolada do que pode haver de pior no interior de cada um. Os indivíduos inconscientes e degradados não percebem que o abuso da música inferior é evidente, pois está em todos os lugares, se é que se pode chamar de música qualquer tipo de manifestação sonora. A energia vibratória – física, emocional e mental – produzida pela música influencia a saúde geral, pois pode gerar formas mentais que afetam o todo.

A vida da sociedade e de cada indivíduo é também um reflexo daquilo que se ouve como música. As atitudes e comportamentos em geral refletem o gênero musical ao qual indivíduo é afeiado e o grau de inteligência pessoal. A música afeta a psique, principalmente se for utilizada com intenção e consciência. Pode trazer à tona elementos atávicos e ajudar na solução de problemas psicológicos, ou então piorá-los, porque cada tonalidade, cada modo de escala, cada harmonia construída, cada modo de ritmo e cada tipo e timbre de instrumento, tudo tem sua característica que corresponde

aos aspectos mentais e emocionais, seja inferior ou superior. A arte musical pode levar ao êxtase consciente e ao autodescobrimento, ou, também, à insanidade e à perdição; à contemplação mental, ou à submersão nas trevas demoníacas de si mesmo; à tranquilidade filosófica, ou à angústia existencial; infunde coragem e alegria, ou medo e tristezas.

A boa música desenvolve a percepção e a sensibilidade auditivas, a capacidade de ouvir mais e falar menos e ainda potencializa a imaginação criativa e as visualizações mentais, o que é muito útil para o crescimento do ser humano superior. A música pode aliviar a solidão – escutar música, sozinho, no aconchego de sua privacidade, pode ser sempre um grande prazer íntimo e valioso, apesar de que uma companhia respeitável que tenha grandes afinidades e compreensão é sempre bem-vinda no modo de vida luciferiano. A música só será uma boa companhia de “viagem” se o ouvinte souber escutá-la com atenção e dedicação, livre de qualquer outro ruído ou atividade que exija concentração, para que se desenvolva uma inteligência musical.

É possível aprender a escutar, intercalando audições musicais com períodos de silêncio, para uma boa educação e compreensão cultural da música, desenvolvendo a apreciação da música bem elaborada e inspirada, sentindo seu poder e influência sobre a consciência e as emoções. Essa educação musical pode fazer sentir irritação e repugnância pelas manifestações sonoras inferiores e pseudomusicais que poluem densamente quase todos os lugares. Outra coisa

muito útil para a consciência é manter instrumentos musicais visíveis decorando a casa; é uma prática que também favorece um ambiente cultural e aconchegante.

O indivíduo superior aprende por si mesmo e consigo mesmo a fazer sua própria musicoterapia. Para cada objetivo, ocasião, intenção, momento, sentimento e pensamento, existe a música certa. É só saber o que quer. Porém o grande problema é que nem sempre as pessoas comuns e correntes sabem o que querem e ficam se deteriorando em meio à poluição excessiva de qualquer ruído ou “música” degenerada e mal feita em todos os aspectos. E o barulho excessivo propriamente dito é um dos grandes males da civilização atual, e suas violentas e desequilibradas vibrações vão golpeando e destruindo gradativamente a psique, o que resulta em graves consequências para o sistema nervoso, podendo provocar irritabilidade permanente, dificuldade de raciocínio, incapacidade de criar, fraqueza mental e colapso nervoso.

Infelizmente, a grande maioria das pessoas aceita, e produz, a poluição sonora, sem qualquer discernimento e sem jamais se conscientizar de que o ruído deve ser controlado. Os mais sensíveis e cultos – porque o ruído e a poluição sonora são uma questão também de educação – sofrem em meio a esse caos sonoro incontrolável. Apesar de difícil, na sociedade moderna, o controle e a seleitividade do que as pessoas escutam devem sempre prevalecer. É preciso ser seletivo e não aceitar tudo o que é gerado pelas fontes sonoras ao redor, mesmo que, às vezes, isso possa parecer

inconveniente, pois não há coisa mais inconveniente do que ruído constante e excessivo e poluição sonora.

A importância da música, seus efeitos e simbolismos são evidentes, e há referências em todo o conhecimento universal. Para Pitágoras, a música era extremamente importante devido à relação com a matemática do cosmos. Ele só era admitido em sua escola pitagórica quem já tivesse um prévio conhecimento de música, assim como astronomia e geometria. Há muitos outros exemplos da significância da música: o conto do flautista de Hamelin, com sua música hipnótica que influencia toda a população infantil da cidade; a mitológica sereia, que, com seu canto belo e sedutor, atrai os navegantes para a destruição; Apolo e sua lira, que cura as enfermidades da psique; o mitológico deus Pã, criador da flauta de bambu e símbolo da natureza, que tocava nos festejos ébrios de Baco-Dioniso; os bardos celtas, que cantam os hinos épicos dos deuses nas clareiras das florestas; o deus hindu Shiva Nataraja e sua dança sagrada representando a criação e a destruição do universo manifestado; a insanidade de Nero, que mandou incendiar Roma enquanto tocava hinos em sua lira; a música tarantela como antídoto para picadas de tarântulas; a dança do ventre, para o esposo, que evoca o amor e o erotismo saudável e elevado; o vodu, com seus ritmos caóticos e agressivos que visam alterar a consciência de maneira “insana” durante seus rituais; o compositor e violinista Giuseppe Tartini (1692-1770), que enfeitiçava seus ouvintes com sua famosa *Sonata do Diabo*, cuja inspiração, segundo a lenda, veio do próprio Diabo, que a executou

diantre dele; Niccolò Paganini (1782-1840), que aterrorizava o povo, na época, porque também era considerado um músico diabólico, por causa de sua extrema habilidade, técnica e aparência sinistra; Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), e sua ópera *A flauta mágica*, baseada nos ritos da maçonaria, da qual ele fazia parte; a obra herculea de Richard Wagner (1813-1883), que desafiou a Europa com seu ideal artístico supremo; a música incidental orquestral, ou *film score* ("partitura de filme", literalmente), que tem por objetivo "aclimatar", realçar e exaltar cenas cinematográficas, tornando-as impactantes, emocionantes e marcantes.

Há também exemplos de música degenerada que busca vandalizar sem nenhum bom senso ou discernimento, gerando conflitos e violência; há músicas que adoram e incitam adoração ao Diabo inventado pela religião; há músicas que empobrecem os ambientes e vulgarizam os sentimentos e os pensamentos, tornando-os mediocres; outras exaltam ainda mais a estúpida promiscuidade irracional e irresponsável, gerando homicídios, estupros, propagação de doenças físicas e mentais.

Por todos esses exemplos, percebe-se o notável e terrível poder da música na história da humanidade, desde a Antiguidade até o presente, parecendo importante e essencial na vida das pessoas.

Os principais instrumentos musicais também carregam um profundo simbolismo. O naipe de cordas de uma orquestra inclui violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, e é o naipe mais denso e extenso. As cordas são

a sustentação e a base orquestral que apoiam as linhas melódicas principais de qualquer outro instrumento ou voz solista. Esse naipe representa a expansão, o oceano envolvente e oscilante cuja maré aumenta e diminui, levando e trazendo vida e emoção. O naipe de cordas pode exprimir delicadeza, docura, fluidez, assim como grandeza, austerdade e violência.

O naipe de madeiras abrange a flauta, o flautim, o oboé, a clarineta, o corne-ingles, o contrafagote e o fagote. É o naipe de instrumentos de sopro, com diversos timbres amadeirados que podem soar lírico, delicado, sensual, idílico, bucólico, ou ameaçador, sinistro, angustiante e agressivo. O naipe se estende do mais agudo do flautim ao mais grave do contrafagote e simboliza a riqueza e a diversidade da natureza com suas vozes primitivas e sons "misteriosos". Sugere também símbolos sexuais e representa a fertilidade da vida e da natureza.

O naipe de metais é composto por trompete, trompa, tuba e trombone e tem uma sonoridade brilhante, cintilante, impactante, impetuosa e destacada, muitas vezes, estimulante e marcial. Seus timbres podem ser estridentes, perfurantes e agressivos, ou graves, exprimindo tensão e alerta. Simboliza a nobreza, a conquista, a coragem e a vivacidade e a agressividade da natureza.

O naipe de percussão é essencialmente rítmico, e seus efeitos sonoros causam um impacto sólido e, por vezes, violento. É composto por timpano, bumbo, caixa, gongo, tambor, pratos, carrilhão, marimba, triângulo, entre outros.

Sua gama de timbres pode soar do agudo agressivo e estridente ao grave mais pesado e estrondoso. A percussão simboliza a Terra, a matéria, e expressa o som primitivo e primordial da criação e dos instintos naturais.

Na orquestra, ainda, podem estar incluídos o piano, a harpa, e, às vezes, o órgão. O piano é o instrumento clássico mais moderno, mais tecnológico e mais versátil, podendo ser utilizado como instrumento solista e de base com orquestra ou sem. O piano representa a complexidade e a versatilidade e a tecnologia dos recursos mentais e emocionais de desenvolvimento pessoal.

A harpa é um belo instrumento de cordas dedilhadas, e seu timbre parece expressar algum mundo sobrenatural. Simboliza o enlevo e o prazer extático e uma beleza sobrenatural e sinistra, quando executa notas dissonantes.

O órgão é um instrumento de fole mecânico com teclado e tem uma forte e marcante sonoridade, soando imponente, denso e austero. Simboliza os aspectos sombrios e sinistros da psique, o lado escuro e oculto do indivíduo e a devoção austera a si mesmo.

A orquestra completa, com todos os seus naipes e timbres, sob a direção de um regente, expressa a unificação harmoniosa do todo conduzida por uma inteligência unificadora. Essa inteligência representa o indivíduo acima das forças biomecanoides que devem ser conduzidas e manipuladas conscientemente. Afinal, quem extrai a interpretação e o *feeling* de uma execução orquestral é o regente – e este não extraí isso dos músicos, mas, sim, dos

sons que eles podem reproduzir –, pois todos os músicos ali parecem entidades robóticas, mecânicas, apáticas, sem emoção, funcionando como máquinas de acordo com seu manual técnico.

Outros instrumentos significativos são o violão, a guitarra e o baixo. O violão é um instrumento de cordas dedilhadas de sonoridade suave e timbre inconfundível, muito popular, mas também usado em obras clássicas. Sua caixa de ressonância simboliza o grande útero de todas as deusas e sua forma sugere uma silhueta feminina – o que, óbvio, é pertinente à via luciferiana. A guitarra elétrica é um instrumento moderno e tecnológico, e sua sonoridade depende muito de seus recursos, como caixa amplificada, regulagem e equalização do som e multiefeitos. De modo geral, seu som expressa revolução musical tecnológica, rebeldia intelectual e futurismo. Pode ser usada em muitos gêneros musicais, inclusive na música erudita, e é o símbolo primordial do rock em todas as suas vertentes. O baixo elétrico representa, em muitos aspectos, o mesmo que a guitarra.

A educação musical geral na cultura pessoal é importante para se aprender a identificar a boa música e sua riqueza instrumental e harmônica, sua elaborada estrutura sonora, seus objetivos e seu poder de causar coisas interiores e estimular certas reações desejadas previamente.

Como exemplos de música artística superior apreciada pelos ideais luciferianos: Niccolò Paganini (1782-1840), Richard Wagner (1813-1883), Claude Debussy

(1862-1918), Gustav Holst (1874-1934), Maurice Ravel (1875-1937), Igor Stravinsky (1882-1971), entre alguns dos mais importantes aqui. A música dos reconhecidos compositores de cinema, ou *film scores*, é também altamente criativa, emotiva e poderosa, enfatizando as obras de caráter épico, dramático, de realismo fantástico, de ficção científica, de mistério, horror, aventura e fantasia. A música celta e indiana e sua beleza e sensibilidade, executada nos dias de hoje com mais aprimoramento, são muito apreciadas e são úteis nos exercícios de imaginação criativa e projeção mental – aliás, toda a música citada anteriormente serve para isso. Há outros gêneros de música de bom gosto que são dignos de apreciação. Importante destacar os artistas de *neoclassic dark wave*, *dark ambient*, *neoclassic ethereal*, *gothic ethereal*, *classic rock*, *occult rock*, *hard rock*, *instrumental rock*, *prog rock*, *prog metal*, *heavy metal*, entre outros, bem executados, com esmero, técnica, criatividade e inspiração.

Por outro lado, a falta de noção verdadeiramente artística, ou de algum conceito sobre o significado da arte, é quase generalizada. Mas em uma sociedade que se move pelo modismo inútil e efêmero de massa, há gosto para tudo, apesar de que nem tudo pode ser considerado arte mesmo; nem a extrema poluição sonora com seus ruidos estressantes, repetitivos e agressivos, nem o lixo da poluição visual que degrada o meio ambiente urbano, social e natural. Dizem que gosto não se discute, mas mau gosto pode ser discutível.

Na cultura literária, também há o superior e o inferior. A leitura e o estudo de obras sérias fazem parte da busca por

conhecimento e instrução, assim como são os meios teóricos e práticos para o autoestudo e o autoconhecimento. Os livros servem para instruir e entreter de maneira saudável, e todo o conhecimento neles contido contribui para o crescimento e para o aperfeiçoamento humano, o que leva a concluir que a ignorância é verdadeiramente um atraso evolutivo. Além disso, os livros podem emanar a força de seu conteúdo e manter o magnetismo das ideias de seus autores.

É lamentável ver a quantidade enorme de literatura imprestável, vulgar e degenerada que é disseminada para degradar mais as pessoas já predispostas aos vícios e às obsessões de toda espécie. Há realmente literatura para todos os gostos e desgostos, e muito material impresso e distribuído faz apologias à decadência mecanizada e inconsciente, como se fosse algo normal e aceitável por todos. Afinal, se a mídia de massa (que é manipulada) “aprova” e divulga, então é certo que todos façam? Errado. Somente aqueles que têm comportamento de rebanho e não pensam é que engolem todo o lixo produzido pelas mídias de massa, em um modismo pernicioso constante e interminável. É uma grande escravidão subcultural viciosa e dispersiva. Todas as grandes mídias consumidas por aleijados mentais que não têm discernimento nem seletividade alguma, com suas manipulações, mensagens subliminares e contradições premeditadas, para gerar o caos, a confusão e a delinquência. A propagação de uma subcultura nociva que faz apologias aos vícios, ao comportamento sexual promíscuo, às futilidades etc., estimula a degradação, a perfídia, a vilania, a ganância desmedida e violenta e o

desrespeito e estabelece a decadência globalizada e a entropia (como já mencionada) em todas as áreas e aspectos da vida. Mas o indivíduo pensante e questionador sabe discernir e buscar o que é melhor para a sua evolução, descartando o que é imprestável, pois realmente há de tudo. E o que aparenta ser uma coisa muito boa e correta, muitas vezes é uma máscara que esconde a malignidade e a podridão que corrompe e enfraquece uma civilização.

A cultura, de modo geral, é repleta de todo tipo de literatura. Em todos os ramos do conhecimento humano existem obras disponíveis, muitas são sérias e muitas outras são vulgares, banais, enganosas e sensacionalistas. As pessoas inconscientes são escravizadas, pela cultura popularresca, como zumbis controlados por algo mais forte. Há aqueles que são dotados apenas de inteligência mediana específica, condicionada unilateralmente ou, como pode ser chamada, inteligência de ofício. Esse tipo de inteligência é adquirido por meio de atividade profissional e para a atividade profissional no plano essencialmente profissional; as outras áreas e aspectos da vida e da mente são mais ou menos negligenciados, e a pessoa enxerga tudo com o referencial desse tipo de inteligência, podendo gerar uma manifestação de estupidez arrogante e de imaturidade mental emocional. Lamentavelmente, indivíduos assim abundam pelo mundo e não são capazes de se interessar por assuntos que não sejam somente o seu trabalho, ou pão e circo. Não conseguem entender e assimilar cultura de caráter evolutivo e

desenvolver uma inteligência expandida, abrangente, com uma compreensão interior e uma consciência esclarecida.

O indivíduo superior pode sempre buscar a literatura que afine com seus ideais, que preencha seus padrões culturais e que corresponda às suas inquietudes interiores. Ele busca estudar obras sérias de muitos ramos do conhecimento, na medida do possível, é claro, com discernimento e questionamentos, fazendo analogias, correspondências e comparações para tirar suas próprias conclusões. Sabe buscar os autores e estudiosos mais representativos de seus ideais e anseios e assimila o que for útil e necessário para o seu crescimento e para a expansão da consciência.

Com relação à literatura considerada na cultura luciferiana, alguns exemplos: Homero (séc. VIII a.C.), Ovídio (43-18 d.C.), Shakespeare (1564-1616), John Milton (1608-1674), William Blake (1757-827), Charles Baudelaire (1821-1867), Jules Verne (1828-1905), Edgar Allan Poe (1809-1849), Cruz e Sousa (1861-1898), Herbert George Wells (1866-1946), Augusto dos Anjos (1884-1914), Fernando Pessoa (1888-1935), Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), Aldous Huxley (1894-1963), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903-1950), Alan Moore (1953-), entre outros, do passado e do presente. Filósofos de diversos “ismos” também são apreciados. Interessantes também são as obras de mitologia greco-romana, egípcia, hindu, celta, nórdica, sumeriana, maia etc.

Na cultura proposta aqui é interessante enfatizar também o xadrez, cuja origem é ainda discutível; talvez tenha

surgido na Índia, na Pérsia ou na China. Mas o importante é que esse antigo jogo representa a própria existência, o caminho evolutivo do ser e sua expansão da consciência. É uma interação de forças opostas do próprio indivíduo com o descobrimento de suas forças e virtudes e de suas debilidades e vícios que o prejudicam. O tabuleiro com suas casas brancas e pretas é uma clara demonstração dessa interação, a união (trevas e luz, feminino e masculino, negativo e positivo, morte e vida, noite e dia etc.). O jogo de xadrez serve para desenvolver as potencialidades do indivíduo em vários aspectos, possibilita aprender com os próprios erros e desenvolve certos valores, como o respeito, a honestidade, a responsabilidade, o cavalheirismo e o reconhecimento da própria vitória ou da do oponente, além de exercitar a paciência e combater o estresse. Ajuda a aumentar a autoestima, a autorvalorização, o autorrespeito, o autocontrole e favorece a capacidade de tomar decisões. Pode desenvolver a inteligência, a concentração, a imaginação, a memória, a capacidade de análise e o senso crítico. Em suma, um jogo de caráter superior muito apreciado.

Eis o que propõe a cultura luciferiana, resumidamente.



## Alquimia luciferiana

### CAPÍTULO 6

Na via luciferiana, o indivíduo cuida para que sua personalidade esteja apta a receber o conhecimento e ser guiada pela Individualidade (Lucifer), o Logos individual, no plano material da existência, e gerar causas favoráveis à evolução pessoal. Uma personalidade forte, bem moldada, de caráter polido e desenvolvido é o resultado da influência luciférica, à qual a própria personalidade está receptiva.

Por meio da vontade e do autoconhecimento contínuo e progressivo, o ser humano pode avançar em seu processo evolutivo, alterando sua consciência, desenvolvendo-se mental e emocionalmente e, ainda, atingindo graus de iluminação luciférica, ou seja, expansão da consciência individual. “Iluminação” significa conhecimento, visão, experiência e sabedoria, e, desse ponto de vista, tanto as “trevas” como a “luz” são fontes de iluminação pessoal, pois

o indivíduo superior deve ser senhor das forças opostas e busacar estar acima dos falsos conceitos de bem e do mal, não sendo escravo de nada nem de ninguém.

Como abordado anteriormente, Vênus é a esfera principal de ação luciférica, e o indivíduo superior completamente “imerso” nesse centro de força atua em seu corpo luciférico, ou corpo causal, como pode ser chamado. Esse corpo é, em si, a consciência causal da evolução individual e proporciona poder de intuição e discernimento. É o veículo constituído de mente superior unida à emoção (alma) superior, o que caracteriza um casamento alquímico

que assimila os resultados de todas as experiências no decorrer da evolução do humano superior que se tornam as causas que vão reger o próximo grau evolutivo individual. Portanto, Vênus é um centro de força criadora, estimulante, dinâmica e de aspecto prático do ponto de vista alquímico, e que pode também trazer para a consciência as forças dos reinos elementais da natureza. Mas a força luciférica também atua em todas as outras esferas, ou planos, de existência.

A fonte de força luciférica é uma só, mas se qualifica de acordo com o filtro pelo qual ela passa e atua para se manifestar na vida em todas as suas formas e atividades; é força mental, intelectual, emocional, sexual, cinética, eletromagnética etc. Conforme o grau de poder, de vontade e de conhecimento, o indivíduo luciferiano pode direcionar a força para os seus propósitos, de acordo com a necessidade, por meio de determinados exercícios e práticas. A força pode ser trazida para o nível sexual de manifestação e ser utilizada

como um meio de se atingir o êxtase erótico e procriar; ou para a manutenção da saúde física; ou para ser transmutada e incrementar a inteligência e a criatividade; ou para expandir a consciência abstrata e atingir o êxtase mental; ou para desenvolver as emoções superiores; ou, ainda, para ser utilizada em seu nível mais inferior, na busca da experiência subconsciente primal. Até mesmo uma dura prova física de resistência em meio ao isolamento semisselvagem pode ser convertida em energia e força de vontade e caráter, desde que seja por livre-arbitrio e com consciência, como uma espécie de autoiniciação subliminar.

Nos primórdios do desenvolvimento da consciência e da mente, e da espécie humana, a força luciférica logica e venérea, fluindo da esfera de Vênus, manifestava-se por meio de imagens etérico-mentais reptilianas, já que em períodos mais arcaicos os répteis eram as formas de vida mais evidentes e abundantes na terra, no ar e no mar, e inspiravam temor, respeito e mistério à humanidade ainda sem mente, ficando suas fortes impressões retidas no inconsciente humano. Essas imagens visíveis para o olho físico-mental eram os magníficos dragões-serpentes moldados com matéria sutil carregada de energia, força e consciência lucivenusiana. Essa consciência transmitia alguns conhecimentos por telepatia e visões, pois ainda não existia a linguagem articulada e desenvolvida.

O sentimento de vínculo com os planos e seres superiores, ou inteligências superiores, desabrocharam na humanidade incipiente, e os cultos aos deuses “alienígenas” e



sabedoria; Tiamat, ou Tehom (sumeriano), dragão fêmea, do qual o corpo é a matéria para criar o mundo; Leviatã (hebreu), dragão-serpente cujo corpo será o alimento do mundo; Theli (caldeu), grande dragão-serpente que morde a própria cauda e circunda o todo o mundo; Píton (grego), dragão-serpente oracular morto por Apolo; Hidra (grego), dragão-serpente de nove cabeças que se regeneram quando cortadas; Apép-Apófis (egípcio), dragão-serpente da matéria e devorador de almas; Ananta (hindu), serpente de sete cabeças, da morte, da criação e da eternidade; Azi Dahaka (árabe), dragão-serpente do caos, da vida e da morte; Itzpapalotl (asteca), dragão fêmea que livra o ser humano do sofrimento da morte; Tatsu (chinês), dragão-serpente da sabedoria; Tenryuu (japonês), dragão celestial dos deuses; Orochi (japonês), gigante dragão-serpente de oito cabeças que circunda a Terra.

Dragões e serpentes jamais foram seres ou representações do mal ou do Diabo (a famosa invenção dogmática). Na própria *Biblia*, há o exemplo da serpente de bronze de Moisés (uma imitação oriental de Hermes e Mercúrio), e que, por sinal, não é nenhum instrumento do Diabo essa serpente, pois é a mesma do Caduceu de Mercúrio (Hermes) e da vara de Asclépio, o deus grego da medicina, e que são todas serpentes de sabedoria e de cura. Afinal, não é o antídoto antifídico, que cura, produzido com o veneno da própria serpente, sem que para isso seja preciso sacrificá-la? São as pessoas atrasadas e ignorantes e o tolo fanatismo religioso que assassinam símbolos vivos, que sacrificam seus

cordeiros, cabras, bois e pombas a um Deus iracundo sedento de sangue inocente, e ainda acusam o dragão e a serpente de coisas do Diabo.

No simbolismo luciferiano, o dragão é a expressão mais completa, perfeita e bela do ser superior, e sua imagem e significados são muito pertinentes ao simbolismo alquímico. Como criatura alada, voadora, ele expressa todos os poderes do elemento Ar, força expansiva, a mente, a inteligência, a liberdade de pensamento, a expansão da consciência e a elevação do ser, a volatilização; como criatura aquática escamosa, ele mostra os poderes do elemento Água, força fluente, as emoções profundas, os sentimentos sutis do âmago individual, o subconsciente como a fonte de conhecimento oculto; como uma criatura ígnea e impetuosa que cospe fogo, ele possui os poderes do elemento Fogo, força radiante, a energia ígnea criadora e destruidora, a intuição que vem como uma labareda ou fagulha, a chispa individual e a vontade impetuosa; e como um ser terrestre que caminha sobre quatro patas e habita cavernas, o dragão expressa seu domínio sobre o elemento Terra, a força coesiva, a matéria, o corpo físico forte e sadio, e guarda os tesouros do Indivíduo superior no interior das cavernas. Assim, há quatro dragões alquímicos subordinados a Lúcifer e sendo parte dele: o Dragão do Ar ( $\Delta$ ), o Mercúrio dos Sábios; o Dragão da Água ( $\nabla$ ), o Sal Harmônico, o Dragão do Fogo ( $\Delta$ ), o Enxofre dos Sábios; e o Dragão da Terra ( $\nabla$ ), o Chumbo dos Sábios. Nesse simbolismo, Lúcifer pode ser considerado o protótipo original do homem-deus e do

homem-bestia, em seu aspecto primitivo e selvagem, pois ele é o Dragão Iniciador, trevas e luz que devem ser convertidas em autoconsciência (⊗) e sabedoria; é o “treinador” e instrutor do indivíduo superior. Assim, a autoiniciação e o autoconhecimento ocorrem por meio dos quatro elementos e na luz e nas trevas em diversos graus e níveis. E antes de portar a luz, é necessário emergir nas trevas, ou seja, na subconsciência primitiva, que todos têm, mas negam. Porque é nas trevas que a luz (conhecimento, sabedoria) se encontra; a sabedoria perene e a origem da vida, do ser humano e das forças anticósmicas jazem na escuridão esquecida de cada um. A luz da sabedoria, ou seja, a luz do dragão Pimandro (Lucifer), só é possível por meio dessa imersão em si mesmo, naquilo que está oculto nas trevas – o chumbo da alquimia. Então, a partir daí, o novo pode nascer, crescer e evoluir; para que algo possa ser gerado e criado, processos destrutivos, porém necessários, devem ocorrer.

No simbolismo alquímico e hermético, foi o que aconteceu com a esmeralda de Lucifer. A pedra da testa dele não caiu, exatamente, mas foi dividida para que o conhecimento, a compreensão e a sabedoria se manifestassem na Terra, juntamente com a “fatal” materialização da espécie humana. A parte que ficou na testa de Lucifer representa o aspecto mais elevado do indivíduo, a mente superior, a inteligência expandida, a autoconsciência; a parte da pedra na qual foi esculpida a taça luciferiana representa o aspecto animico, emocional; a última parte serviu para talhar a Tábua de Esmeralda, segundo o mito hermético, mas representa o

indivíduo físico, materializado, assim como a manifestação do conhecimento na Terra, no plano material.

A taça, que é a “pedra verde manchada de sangue”, refere-se ao receptáculo do sangue da serpente (Sofia) e do dragão (Lucifer, Daemon) – ou Pimandro (Pymander, Poimandres), o Dragão de Sabedoria e de Luz que se manifesta sobre as trevas essenciais e necessárias do macro/micro universo. O sangue representa a linhagem luciferiana, ou seja, a encarnação de indivíduos que foram “gestados” em seus receptáculos (taças) genéticos na esfera lucivenusiana, o plano causal. Essas gerações, por seu caráter luciferiano, têm o ímpeto, o impulso e a inquietude interior que as levam a buscar a sabedoria avidamente. O sangue da serpente também representa o sangue menstrual da mulher superior que “encarna” Sofia, ou Vênus. Esse sangue representa, ainda, as regiões secretas, sombrias e “daemonicás” do universo e os planos interiores subconscientes do indivíduo. Alquimicamente, o sangue do dragão representa a fase *rubedo*, vermelha, o último estágio do processo alquímico (interior), e, também, o ácido nítrico que corói a matéria, quer dizer, destrói a ilusão (ativando o olho de Lucifer, o brilho da esmeralda de sua testa).

Nessa hermética e alquímica Tábua de Esmeralda, Lucifer-Pimandro se manifesta de maneira logoica (pela Palavra e pela Lucidez), oferecendo a sabedoria de Vênus (Sofia), ou seja, a sabedoria manifestada e disponível para aqueles que a buscam e são capazes de compreendê-la e assimilá-la.

Alquimicamente, a taça de esmeralda contém o sangue de Lúcifer e Vênus, que representam o ideal unificado do macho e fêmea no indivíduo como um ser integral autoconsciente, sábio e completo, realizando os princípios herméticos da polaridade e do gênero. Tal indivíduo torna-se, então, o “ungido” pelo sangue derramado da taça esmeraldina, assim como Siegfried é ungido, por ele mesmo, com o sangue do dragão Fafnir. “Ungir” significa também “transformar para melhor”, e isso quer dizer que aquele que desperta seu Dragão-Serpente torna-se um ser autoconsciente, de inteligência expandida e emoções profundas; ele se torna *Nachash-Mashiah*, em outras palavras, o “dragão-serpente ungido” (do hebraico, *nachash* = “serpente” e *mashiah* = “ungido”). Numericamente, as palavras *nachash* e *messiah* têm o mesmo valor, 358, assim identificando-se mutuamente como pares essenciais e necessários para a autocriação, a evolução e a expansão da consciência. O número 358, curiosamente, também constitui, em parte, a sequência de Fibonacci, presente na natureza, no corpo humano, na arte, na literatura, na música, na geometria, em símbolos como o pentagrama.

O pentagrama é a estrela de cinco pontas e linhas (penta = cinco; grama = linha). Além de simplesmente representar os cinco elementos da alquimia – Ar, Fogo, Água e Terra, e a quintessência, a Individualidade –, o pentagrama sempre foi, desde a Antiguidade (cerca de 4000), um símbolo da deusa Vênus (*Phosphorus*) e do planeta de mesmo nome – obviamente que a deusa e o planeta eram chamados por

outros nomes no passado. Os elementos alquímicos associados ao pentagrama estão relacionados às suas manifestações no indivíduo, como segue: Ar, inteligência, mente expandida, intelecto; Fogo, amor e ódio impetuosos, impulso sexual; Água, emoções, sentimentos, instintos; Terra, corpo físico, força, resistência, veículo que carrega e suporta todas as consequências da inteligência e também da inépcia que leva ao aprendizado pela dor indesejável, do amor, do ódio, das emoções caudalosas e dos sentimentos mais profundos; a Individualidade, o Logos luciférico, o Eu Superior, que assimila todas as experiências do indivíduo.

No passado remoto, Vênus era considerada mãe e esposa dos homens, que a cultuavam para obter as dádivas da fertilidade (em seu sentido amplo), prosperidade para o povo, riquezas, ascensão social, criatividade, inspiração e êxito no amor, além de marcar as fases do ano, as celebrações e os rituais de morte e renascimento.

Na Mesopotâmia, Vênus era conhecida por diversos outros nomes, como Asherah, Ashtart, Baalat, Ishtar, Shekinah, Shahar, Inanna, Anat e Astaroth. Este último é também o nome de uma entidade goética da *Clavicula Salomonis: Lemegeton*, um grimório atribuído a Salomão, mas possivelmente escrito por clérigos na Idade Média. Interessante notar que o sigilo, ou selo, de Astaroth é composto principalmente por um pentagrama. Está claro aqui que a religião medieval transformou a deusa em demônio.

Como planeta, Vênus é o terceiro corpo sideral mais brilhante no céu visto da Terra, tendo um albedo de 75% (o

Portador da Luz, Lúcifer), e aparece de manhã, ao leste, antes do nascer do Sol, sendo, portanto, chamado de Estrela da Manhã, Estrela d'Alva ou Estrela Matutina. Quando aparece à tarde, é chamado de Estrela Vespertina ou Vésper.

Desde a Antiguidade, Vênus tem sido observado e seu movimento, estudado. O percurso que faz em sua órbita para formar conjunções com a Terra e o Sol descreve o pentagrama invertido a partir do ponto inicial da primeira conjunção com a Terra; cada ponto de conjunção é uma ponta do pentagrama. A cada oito anos, um pentagrama invertido se forma no espaço sideral, com as conjunções entre Vênus, Terra e Sol, demonstrando uma relação de “amor” em nível astronômico.

Na prática luciferiana, o pentagrama invertido traçado no ar significa que forças venusianas estão sendo invocadas para a Terra, que influências astrais e siderais de Vênus estão sendo “puxadas” para o plano do indivíduo, para atuarem em seu trabalho. Na união amorosa e sexual entre uma mulher e um homem que se amam, o pentagrama invertido é usado para fortalecer essa relação e particularmente para invocar a Serpente do Sexo e o Dragão de Sabedoria.

É preciso compreender que não existe um pentagrama positivo e um pentagrama negativo, um pentagrama do bem e um pentagrama do mal etc. Tanto um como o outro é disposto e usado segundo a perspectiva do indivíduo. Se, por exemplo, desenhado e colocado na soleira da porta com uma ponta voltada para fora, o pentagrama parecerá invertido aos olhos de quem está chegando, de quem está do lado de fora

do aposento, e parecerá “de pé” para quem está do lado de dentro. Em um caso tal, qual é então o pentagrama “do mal” e o pentagrama “do bem”? Percebe-se que esses conceitos dicotônicos e maniqueístas não existem.

Os dois pentagramas (o invertido e o “normal”) podem ser usados para trabalhar as quatro forças elementais alquímicas dos quadrantes. Tais forças são inerentes à vida e à evolução, são forças da inteligência, da razão, das emoções, do amor, das paixões, dos instintos e dos prazeres sensoriais e materiais, tudo o que é necessário à vida, ao aprendizado e à evolução, especialmente a evolução deliberada e por livre vontade. O pentagrama invertido traz essas forças para o indivíduo na Terra. Usar no pescoço ou no anel um pentagrama invertido ou “de pé” não tem qualquer conotação moral ou dogmática com relação ao que é “do mal” ou “do bem” e nada tem a ver com coisas malignas, diabo, inferno eterno e outras asneiras do gênero.

Como o pentagrama invertido também sugere a cabeça do Dragão de Sabedoria (conhecido como Poimandres ou Pimandro, no hermetismo) e a cabeça de Baphomet, o caprino híbrido, isso indica sua associação com a natureza, com a fertilidade, o crescimento e a vida, pois Baphomet é outra representação do deus grego Pâ (“Tudo”), o fauno que amava uma ninfã. Pâ é o deus da natureza, representação dos instintos naturais e da sabedoria da natureza.

No contexto luciferiano, o pentagrama é também um símbolo da Sabedoria e do Amor, pois Sofia é Vênus, a deusa do Amor e esposa do filósofo Portador da Luz, Lúcifer – a

Estrela Matutina e Vespertina, ou Fósforo e Héspero, o mesmo planeta.

A sabedoria sempre foi o ideal dos filósofos. O termo “filósofo” é originalmente pitagórico e significa “amante da sabedoria”, ou de Vênus em toda sua significância, incluindo, a prática do amor com a esposa que encarna Sofia-Vênus nas práticas lucivenianas. Além disso, as escolas pitagóricas, semissecretas, tinha como símbolo o pentagrama, considerado como a representação da perfeição, do microcosmo (indivíduo), da harmonia entre as forças opostas (homem e mulher, luz e trevas, positivo e negativo) e da natureza. Todos esses significados do pentagrama se justificam, pois ele próprio apresenta em suas medidas a razão áurea que está presente em tudo (Pâ).

A palavra *sophia* (“sabedoria”) é um anagrama da palavra *ophis* (“serpente”). Em ambas, a letra grega *phi* ( $\Phi$ ) é central, e representa a sequência de Fibonacci, identificando, assim, a sabedoria com a serpente. *Phi* é também um símbolo da filosofia e da união do *phallus* com a *kteis* (pênis e vagina, masculino e feminino); na palavra *philosophia*, essa letra indica uma união amorosa entre Sofia e Pimandro (a mulher e o homem, no casamento alquímico) que leva à expansão do amor e da autoconsciência.

Assim, em “alquimia” está implícita a ideia de interação de forças, energias e substâncias. E considerando o aspecto do amor, do prazer e da harmonia, a alquimia sexual é um dos meios de trabalhar com a polaridade em uma relação amorosa e afetiva honesta e sólida, sob o controle da

vontade. A alquimia sexual é uma comunhão de forças e um incremento do poder criativo e da vontade do casal luciferiano, além de sensibilizar os sentidos. Serve também para expandir a autoconsciência, trazer paz e harmonia, e deve ser realizada com conhecimento, com preparo físico e psicológico e com discernimento, por um homem e uma mulher que se amam, que partilham dos mesmos ideais, e em seu próprio “templo” nupcial.

O casal deve estar mais ou menos no mesmo grau evolutivo e de compreensão das coisas. O autocontrole, o autodomínio, a concentração, a vontade, a coragem e o afeto são também requeridos. Portanto, as pessoas que abusam torpemente da sexualidade e dissipam a energia com grosserias e vícios promíscuos não servem para isso. A alquimia sexual também não tem nada a ver com “magia” puramente erótica nem com feitiçaria amorosa vulgar para “amarra” a pessoa desejada. A prática sexual indiscriminada, promíscua e obsessiva sob o pretexto de “magia”, ou qualquer outro, não tem nada a ver com a via luciferiana nem com coisa alguma que pretenda atingir a evolução, o conhecimento e a saúde física, mental e emocional.

O amor erótico (de Eros, filho de Afrodite) digno, honesto e sincero leva à união psicoelétrica do macho e da fêmea, e esse “abraço” é um ato criador, luciférico, venusiano, natural, que tonifica o corpo, proporciona saúde, potencializa a mente, estimula a imaginação criativa e expande o sentido de superioridade mental e emocional. O ato amoroso entre um homem e uma mulher (Lucifer-Vênus)

que se desejam em todos os níveis – físico, emocional e mental – é a reconquista do verdadeiro paraíso perdido, uma união perfeita e deleitosa entre dois seres evoluídos que seguem amorosamente o mesmo caminho de maneira equilibrada, com suas forças polarizadas. Assim, a união amorosa se desenvolve e o casal cresce nesse casamento alquímico.

A união completa e ideal, que pode ser estendida para a prática alquímica, é a seguinte:

- física e sexual: homem e mulher com órgãos sexuais sadios, atração e desejo pela cópula e união erótica para a manutenção da saúde, do equilíbrio nervoso e fruição do prazer;
- emocional: paixão sadia, simpatia, afeto e interesse recíprocos, que se desenvolvem em amor como preenchimento das elevadas aspirações amorosas, românticas e afetivas e compreensão mútua da personalidade;
- mental: afinidades culturais e de interesses, forte amizade na busca pelo conhecimento e satisfação mental e mais ou menos o mesmo grau de desenvolvimento intelectual.

Essa união forma o vínculo ideal porque o casal age e reage sobre si em todos os aspectos, funcionando em polaridade harmoniosa e fazendo circular a força em um circuito fechado que se potencializa cada vez mais, reforçando o vínculo de maneira continua. Não há melhor

base para um casal poder viver em harmonia e prazer e sem os terríveis desajustes da personalidade e do comportamento. Na via luciferiana, é importante também cuidar dos centros da totalidade humana e buscar desenvolvê-los equilibradamente. O centro motor é responsável pelos movimentos do corpo físico e pode ser desenvolvido por exercícios de condicionamento, agilidade e flexibilidade.

O centro instintivo e sexual é normalmente involuntário e inconsciente, responsável pelo impulso primal de reproduzir a espécie (o sexo), pela autopreservação, pelo instinto da fome e pelo instinto grupal ou tribal. O indivíduo pode tornar-se consciente desse centro observando as manifestações instintivas em determinadas circunstâncias de sua vida e analisando-as e compreendendo-as, para que possa direcioná-las de forma criativa e útil para a sua evolução, já que é impossível uma existência sem os instintos – mas é possível não ser escravo deles.

O centro intelectual proporciona a compreensão dos conhecimentos e das experiências em nível mental, é responsável pelo pensamento e pelo desenvolvimento da inteligência e da capacidade de raciocinar e formar conceitos e ideias. Pode ser bem desenvolvido se a pessoa não for negligente ou se já nasce predisposta a uma inteligência expandida e esclarecida.

O centro emocional-racional une os impulsos emocionais à razão e pode ser desenvolvido usando a inteligência na busca consciente de prazeres emocionais elevados que podem ser gerados pelos sentidos e pelo amor

alquímico conjugal. É um funcionamento da razão baseada no conhecimento e da emoção superior. Após o contato com essas forças lucivenusianas, ocorre o “aterramento” da consciência fisico-sensorial humana e dessas forças, pois é no plano físico que se conclui toda atividade alquímica que infunde as forças nas formas materiais.

No plano físico, há o corpo denso de matéria que percebe o mundo por meio dos cinco sentidos. Esses sentidos também podem ser educados para a prática alquímica luciferiana. A visão é treinada por meio da utilização dos recursos visuais, das imagens pertinentes, dos símbolos gráficos, dos objetos, para contemplação, concentração da vontade e exaltação correspondente na consciência do indivíduo. A observação e a contemplação de obras de arte visual, buscando a compreensão de seu significado e recebendo suas impressões sutis no ser interior também podem ser exercitadas.

A audição e seu desenvolvimento visam à compreensão do senso estético e mental e emocional das impressões musicais no ser, bem como o aprimoramento da percepção musical. No contexto alquímico, o indivíduo usa os recursos musicais e sonoros adequados ao trabalho para alterar sua consciência. O “polimento” da voz e a capacidade de expressão verbal das ideias no plano físico-mental também contribuem para a educação da audição.

O sentido do olfato é treinado sentindo profundamente os perfumes e observando seus efeitos no ser interior, analisando as reações impulsivas que se manifestam

exteriormente. O uso de perfumes e aromas visam sintonizar a mente e a imaginação e provocar reações psicofísicas de acordo com o objetivo.

O paladar, estreitamente em combinação com o olfato, pode ser desenvolvido saboreando os alimentos e bebidas de maneira atenta, observando as reações impulsivas exteriores de repugnância ou rejeição por sabores desagradáveis e seus efeitos no ser interior, assim como o desenvolvimento das várias percepções gustativas (doces, salgados, amargos e azedos).

O sentido do tato é desenvolvido por meio do toque em objetos, plantas e pedras, sentindo suas impressões na psique e observando o impulso repulsivo das sensações antípaticas de determinadas texturas. Os órgãos do tato, usados na alquimia, têm por objetivo a exaltação do poder interior e da consciência.

O indivíduo luciferiano – que o deve ser também em seu dia a dia, discretamente – filtra o conhecimento que ele busca, seleciona aquilo que lhe serve e que está em seus propósitos, toma para si o que acredita e com o que tem afinidade e põe em prática para o seu aperfeiçoamento, rejeitando tudo o que não interessa e não cabe em seus ideais e objetivos.

Em seu programa de estudos alquímicos e ocultos, o luciferiano pode praticar a projeção de sonhos lúcidos, trabalhar o magnetismo, exercitar técnicas respiratórias, estudar filosofia oculta em toda a sua abrangência, estudar mitologia comparada, exercitar a imaginação criativa e

manifestar a arte inspirada pelo autodesenvolvimento, desenvolver o amor e a harmonia conjugal. Também pode desenvolver o autodomínio e o autocontrole, sabendo executar obras de destruição e eliminação do que é imprestável e inútil. O luciferiano é consciente e, assim, desenvolve o senso de justiça impessoal, de dignidade e honra, busca a paz interior e a satisfação mental e emocional. Pode também sentir e observar lugares específicos para estimular determinadas faculdades e trabalhar com certas forças. Por exemplo, praias desertas, fontes naturais, lagos e bosques durante a noite são indicados especialmente para o desenvolvimento psíquico e para o estímulo das emoções instintivas; bibliotecas, livrarias, escolas, grandes mercados e feiras geram uma força que predispõe ao cultivo do intelecto, e do prazer de aprender, ao desenvolvimento do raciocínio, da comunicação, da astúcia e da habilidade em negócios; oficinas de arte, museus de arte, salas de concerto, restaurantes, jardins, parques ecológicos e oásis são excelentes para estimular o lado direito do cérebro, desenvolver a imaginação criativa, o senso de beleza e estética e a capacidade de apreciar e usufruir do bom e do belo para a satisfação pessoal; grandes salas operísticas, grandes palácios, castelos imponentes e grandes construções da Antiguidade podem fazer o indivíduo sentir a expansão da mente aos estados de nobreza, de autoconfiança e de devoção (ao deus interior, a si mesmo); lugares associados à guerra e à morte, como os campos de guerrilha, os matadouros etc., certamente despertam um sentimento de opressão, angústia,

medo e terror e, até mesmo, um impeto destrutivo negativo, se o indivíduo já tiver essa índole; cemitérios antigos, mausoléus, necróterios e ruínas abandonadas podem trazer à tona os sentimentos mais mórbidos e tristes do subconsciente; sítios arqueológicos antigos, museus de antiguidades e de antropologia, grutas, cavernas e desertos durante a noite podem provocar uma sensação de mistério e nostalgia, talvez medo irracional, e estimular o interesse pelas próprias origens e pelo passado remoto da espécie humana e da Terra.

Em todas essas atividades, o luciferiano deve saber lidar com suas emoções e pensamentos, que podem se exteriorizar, seja lá onde ele estiver. Trabalha com discernimento, observação, senso crítico, autocontrole, coragem, inteligência e aproveitamento e pode aprender e se desenvolver mais rapidamente do que a maioria dos indivíduos de consciência adormecida e de mente atrofiada.

Conforme o indivíduo vai se desenvolvendo, sua consciência vai se expandindo, sua força, coragem e vontade vão se fortalecendo, e ele pode executar práticas que o coloquem à prova, testando sua vontade e coragem. Pode, se quiser ou for capaz, empreender provas psicofísicas solitárias em meio à natureza, ficando sozinho, realizando trabalhos alquímicos em clareiras durante a noite e praticando comunicação com entidades da natureza. Pode penetrar em cavernas e grutas, escalar montanhas íngremes em dias tempestuosos, atravessar precipícios, nadar em correntezas, mergulhar em lagos e rios profundos e desconhecidos etc., com conhecimento dos perigos e com prudência e raciocínio

frio. Esses trabalhos, de certo modo, herculeos, fortalece a vontade, a coragem e o autodomínio do indivíduo já predisposto a evoluir de maneira transumana e perfeitamente resolvido psicologicamente, sem dúvidas e medos acerca de si e de seu caminho.

A autoiniciação lucivenusiana pode ser corrosiva como o sangue do dragão alquímico para os fracos, descontrolados, temerários e temerosos, iludidos, hipócritas, e para todos aqueles que estão cheios de tabus irracionais e fracassam consigo mesmos. São derrotados em meio à própria miséria interior, com suas escórias viciantes dispersas e assombrando-os nas infracamadas da psique.



## Ritualística luciferiana

### CAPÍTULO 7

Os rituais básicos fornecidos aqui podem ser executados por todos aqueles que tenham condições mentais, emocionais e físicas. As práticas luciferianas, conforme apresentadas ao longo desta obra, podem contribuir para o aperfeiçoamento individual e para o autoconhecimento. A ritualística engloba algumas atividades que aprofundam o conhecimento da via luciferiana e proporcionam uma experiência íntima, interna, do oculto no próprio indivíduo e uma expansão da consciência. É importante também trabalhar com outras atividades correlatas, com organização e método de estudo, aprendendo a criar, administrar e manter um local de trabalho.

Além dos rituais aqui apresentados, o luciferiano pode trabalhar nos períodos sazonais do ano, ou seja, nas estações

que se iniciam nos equinócios e solstícios, utilizando-se das marés elementais.

No equinócio de primavera, inicia-se a corrente oculta da estação do elemento Ar, manifestando-se com vento, ar fresco e seco. Durante esse período, é possível trabalhar para favorecer as atividades mentais, os estudos, potencializar o intelecto e auxiliar nos negócios de modo geral. É um período ativo e de crescimento. O equinócio de primavera ocorre entre 21 e 23 de setembro, no hemisfério sul, e entre 21 e 23 de março, no hemisfério norte. A manifestação da corrente oculta dura três meses, para dar lugar ao início da próxima estação e seu elemento.

No solstício de verão, inicia-se a corrente oculta do elemento Fogo, que se manifesta com calor abafado, ar quente e seco e pouco vento. Nesse período, trabalha-se para desenvolver e usar a criatividade e receber *insights* súbitos. É também um período muito ativo, indicado para práticas de destruição de tudo o que é inútil, prejudicial e desnecessário. O solstício de verão acontece entre os dias 21 e 23 de dezembro, no hemisfério sul, e entre os dias 21 e 23 de junho, no hemisfério norte, com a manifestação do elemento Fogo por três meses.

O equinócio de outono segue após o elemento Fogo, iniciando a corrente oculta do elemento Água, cujos efeitos são clima úmido e frio, às vezes com chuvas e garoa, neblinas e ventos e agitação das marés. Durante esse elemento, pode-se trabalhar para incrementar o prazer emocional e a imaginação, desenvolver os sonhos lúcidos e

favorecer a fluência nos negócios comerciais. É um período de relativa passividade oculta, indicado mais para a realização de projeção da consciência, práticas de regeneração e restauração da saúde, introspecção. O equinócio de outono ocorre entre 21 e 23 de março, no hemisfério sul, e entre 21 e 23 de setembro, no hemisfério norte, e seu elemento predomina por três meses.

No solstício de inverno, a corrente do elemento Terra se inicia trazendo frio, umidade e ventos suaves. Nesse período, trabalha-se para a aquisição de conhecimento sólido e compreensão profunda e para obtenção de prazeres saudáveis no mundo material. É um período passivo, indicado para práticas específicas de invocação. O solstício de inverno ocorre entre 21 e 23 de junho, no hemisfério sul, e entre 21 e 23 de dezembro, no hemisfério norte, durando três meses, para, em seguida, recomeçar o ciclo das marés ocultas das estações no equinócio de primavera.

Todas essas indicações favorecem os trabalhos em determinado elemento, ou período sazonal, mas é possível trabalhar em todas as estações conforme a necessidade e a vontade ou de acordo com algum programa de estudos e atividades preestabelecido. O conhecimento e a consciência dessas marés elementais podem auxiliar no progresso individual.

É aconselhável que os rituais sejam, de fato, lidos integralmente e que sejam plenamente compreendidos antes de serem executados. E que no ritual de alquimia sexual os

cônjuges tenham responsabilidade, absoluta lealdade entre si e sejam limpos e sadios, tanto física como mentalmente.

O ritualista luciferiano deve providenciar suas vestimentas e "armas", ou instrumentos de trabalho, que podem ser adquiridos de acordo com suas possibilidades.

O manto ritualístico (ou túnica) é usado como isolamento físico-mental da vida cotidiana e trivial, expressando recolhimento interior, concentração e dedicação ao trabalho à evolução pessoal. Pode ser confecionado com seda ou qualquer outro tecido de fibras naturais não transparente e confortável, fechado até o pescoço, com capuz e longo até os tornozelos, adornado com símbolos pertinentes à via luciferiana ou símbolos pessoais, de preferência no peito e nos punhos. Tradicionalmente, é na cor preta, que é básica, e expressa austerdade e respeito, sugerindo o segredo e o respeito da Obra individual. É símbolo da filosofia oculta, do espaço infinito, das trevas que guardam o conhecimento oculto e da matéria, na qual o ser humano está encarnado.

A espada, como é praticamente impossível ser fabricada pela própria pessoa, deve ser adquirida. É um instrumento de invocação e banimento e serve para traçar os caracteres físicas, como lâmina reta de aço de dois gumes, sem partes de borracha, plástico ou qualquer outro material sintético. Pode ser ornada com símbolos pertinentes e apropriados ao seu elemento, que é o Ar. A espada representa a mente, a razão, a inteligência, o raciocínio analítico, bem como a destruição rápida e eficaz de tudo o

que é inútil e desnecessário. O atame (faca ou punhal) pode substituir a espada quando a utilização desta não é possível. As características são as mesmas da espada.

O bastão é um dos instrumentos que o próprio ritualista pode fabricar a partir de uma árvore ou um arbusto cuja madeira seja adequada aos trabalhos, como o salgueiro, a aveleira, o carvalho, a hamamelis, entre outras. No ponto mais alto do sol de verão ou de primavera, basta cortar, com um só golpe, um galho reto e liso do comprimento do antebraço, do cotovelo até a ponta do dedo médio. Depois, remover as cascas, secar e colocar um cristal simétrico na ponta superior. O bastão pode ser adornado, talhado ou pintado com símbolos e inscrições apropriados ao elemento Fogo. Se o magista iniciante ainda não tiver capacidade suficiente para fabricar seu bastão, pode-se optar por adquirir um bastão pronto, temporariamente, ou um bastão atlante radiônico vendido no comércio especializado, e adaptá-lo aos seus propósitos. O bastão é usado para invocar, evocar e comandar as forças de acordo com a vontade para um fim predeterminado e para dirigir a concentração e a intenção, além de servir para traçar signos no ar ou no solo. Representa e expressa a energia impetuosa, a força de vontade, a autoridade, a intuição e o poder criador e destruidor.

A taça pode ser fabricada pessoalmente ou comprada; melhor ainda se o indivíduo a ganhar de alguém que o ama de verdade. Deve ser, de preferência, de metal (prata, cobre ou bronze), cristal, vidro ou madeira, mas nunca de plástico ou outros materiais sintéticos, e também é ornada com símbolos

e inscrições pertinentes. A taça serve para conter água ou bebida apropriada ao trabalho, além de ser utilizada para coletar outros fluidos e substâncias. O caldeirão é como uma grande taça e serve para conter uma quantidade maior de líquido, fazer fogo em seu interior e acondicionar terra ou outras coisas, de acordo com o trabalho. O simbolismo da taça e do caldeirão remete ao útero materno, ao feminino, à transformação da vida e da morte, correspondendo ao elemento Água e às emoções superiores, à compreensão, à preservação e à conservação de todas as coisas, que assim devem ser.

O pantáculo é o instrumento usado, em geral, como recipiente para as ervas e alimentos sólidos apropriados ao trabalho, como pedaços de pão, bolo ou frutas. O indivíduo deve fabricá-lo, para que fique satisfatório, pois é muito difícil, ou até mesmo impossível, encontrá-lo no mercado com tamanho certo, de material adequado e com símbolos apropriados. Deve ser preferencialmente de madeira ou metal, redondo, com diâmetro aproximado ao da cabeça do magista, ornado com inscrições e signos que possam sintetizar o conceito anticósmico, cósmico e individual do próprio ritualista. O pantáculo é um instrumento do elemento Terra, e assim também representa o corpo físico, que é o templo luciferiano do Daimon individual, do Logos pessoal.

O incensário serve para a queima de perfumes (ervas, resinas etc.) no local de trabalho, antes e durante as atividades, criando uma atmosfera impregnada e propícia. A fumaça liberada na queima age como veículo de elevação do

pensamento e da vontade e facilita a expansão da consciência. O incensário para varetas deve ser feito de madeira ou metal pelo próprio indivíduo, se for capaz. Entretanto, é recomendável o uso de varetas da mais alta qualidade e pureza, já que a grande maioria dos incensos comerciais disponíveis deixa muito a desejar e pode conter substâncias sintéticas nocivas. Para as resinas naturais e ervas secas ou frescas, um turíbulo de metal ou um pequeno caldeirão de ferro ou pedra-sabão é ideal. Antes de utilizar, coloque areia e sal grosso no fundo para os carvões em brasa que queimarão o perfume.

A vela e o castiçal devem ser relativamente grandes, de preferência. É mais adequado que o castiçal seja para uma única vela e que tenha mais de um castiçal semelhante. As velas podem ser nas cores pertinentes ao trabalho a ser realizado. Outras velas, além da que permanece na mesa de trabalho (bomos), são utilizadas para iluminar o local, pois a iluminação artificial é dispensável nos trabalhos em geral. A vela no castiçal representa a iluminação mental e a energia estimulante da mente e da imaginação durante a execução dos trabalhos. Se possível, é melhor colocar velas acima do bombo, em um lustre apropriado suspenso do teto, para iluminar. As velas devem ser novas e utilizadas somente no local e para propósitos ritualísticos. No bombo, jamais devem-se acender velas que já foram usadas para outros fins ou em outros ambientes.

O sino é o instrumento que serve para sinalizar o início e o fechamento dos trabalhos, indicar suas fases, e para

despertar o indivíduo da concentração. O ritualista pode adquirir um bom sino de bronze, pequeno e que seja fácil de ser manuseado, procurando no comércio especializado ou em lojas de instrumentos musicais. Seu som propicia uma atmosfera adequada a todos os trabalhos e sugere uma boa e bem-vinda aura de mistério, de segredo e de descobertas.

O instrumento utilizado como foco central dos ritos é a mesa de trabalho, ou bormos. É o ponto de inicio e de conclusão das operações, sendo a base para colocar os instrumentos e outros objetos e materiais. Deve ser feito de madeira, sendo um cubo duplo negro de 1 metro de altura por 50 centímetros de largura e profundidade. Representa o elemento Terra e a manifestação física das forças anticósmicas, cósmicas e individuais.

O círculo, antes de ser um instrumento, é uma sinalização horizontal que serve simplesmente para delimitar a área de trabalhos e para que o indivíduo se oriente e faça convenções mentais. Pode ser traçado no solo com carvão ou giz e com a espada ou o bastão, no tamanho suficiente para acondicionar o bormos e o indivíduo. Para a evocação de entidades, é feito também o triângulo que delimita convencionalmente o local físico-astral de sua manifestação. A base desse triângulo pode ter a medida de 60 centímetros, e deve estar localizado a 60 centímetros para fora do círculo e com seu vértice voltado para a direção, ou quadrante, correspondente à entidade em questão. Entretanto, nos rituais apresentados aqui o triângulo não é necessário.

Os trabalhos, as conclusões, resultados e impressões físico-mentais do ritualista podem ser registrados em um livro, ou diário. É útil, porque exerce a memória, a vontade, a atenção, a concentração e a habilidade de se expressar pela escrita. É a experiência trazida para o plano intelectual, a inteligência desenvolvida registrada de forma inteligível para futuras consultas e estudo.

O simbolismo dos números é importante na prática luciferiana. O sete se refere à esfera de Lúcifer-Vênus, o plano causal. Sete é a união do terário com o quaternário; da mente com a matéria; de Vênus com a Terra; e do indivíduo físico guiado por seu Logos luciférico de maneira consciente. É o número que expressa mistério, introspecção, elevação, intuição e rege as forças lucivéneras naturais e humanas. O sete é o triângulo mais o quadrado. O três, extraído do sete, expressa as trindades mais importantes: criação, conservação e destruição (a trindade da existência); passado, presente e futuro (a trindade do tempo); altura, largura e profundidade (a trindade do espaço, o espaço tridimensional e as formas); prótons, elétrons e nêutrons (o átomo físico); pai, mãe e filho (a trindade da genética e da biologia); inspiração, retenção e expiração (a trindade vital e fisiológica). O quatro, extraído do sete, é a base do três, a base material da manifestação mental e emocional, é o número do trabalho sobre a base e da obra concluída no mundo da ação e sua estabilidade. Expressa os quatro quadrantes da Terra e seus elementos correspondentes. Os quatro elementos do universo, da natureza e do ser humano são regidos pelo quinto elemento,

que é Lúcifer (o Logos luciférico individual), o que leva ao número cinco, o número da Individualidade constituída pelos cinco elementos, o pentagrama. O sete é também dois mais cinco. Dois é o número da polaridade essencial à criação, dos pares de opostos que regem tudo, dos dois gêneros sexuais, da união e do casamento alquímico; é, no setenário, a dualidade (dois) do próprio indivíduo (cinco) e tudo o que isso possa implicar e abranger. Dois é também igual a onze (para aqueles que podem compreender); onze é o número da alquimia e dos mundos internos da Individualidade.

As cores também são consideradas aqui. Nos trabalhos essencialmente luciferianos, a predominância está nas cores verde, vermelha, preta e branca. O verde é a cor principal da esfera de Lúcifer-Vênus e está no centro do espectro de luz, o que pode ser constado pelo arco-íris natural. É uma cor de equilíbrio, que faz uma ligação da mente com a matéria e expressa vitória, vida, prazer sadio e a ideia do paraíso idílico ou amoroso, poético e onírico. Os tons de verde emanam vibrações de juventude, de frescor, de vida radiante, de energia, renovam as forças e sugerem fertilidade e crescimento. É a cor da natureza luxuriante e próspera e da clorofila que necessita de luz (ou Lúcifer na natureza). Vibra na harmonia, nos ideais e nas emoções nobres e elevadas, no equilíbrio interior e proporciona clareza de pensamento, bem-estar físico e mental, tranquilidade emocional e uma prolongada sensação de prazer atarásico, ou não perturbável, relaxado e criativo. Possibilita a avaliação mental e emocional para que se possa agir em seguida (com o

estímulo do vermelho). É ainda estimulante sexual moderado e recomendável na decoração do “templo” nupcial.

O vermelho vibra de maneira impetuosa e é altamente estimulante e excitante, mas também é vitalizante e pode desenvolver a vontade, a autoestima, a coragem e a ousadia e predispor à ação. Pode provocar a inflamação das emoções, o que é essencial ao êxito nos trabalhos. Exalta ainda mais os impulsos sexuais e os instintos básicos e é a cor da energia reprodutora. Vibra no sangue, no ferro e no fogo, sendo a cor do corpo físico, da força e do calor; pode estimular a liberação de adrenalina na corrente sanguínea, aumentando a excitação e o senso de alerta, o que também é útil na execução dos rituais, e combate a apatia e o desânimo. O vermelho deve ser usado com cautela e moderação nos trabalhos, porque pode estimular a violência desnecessária, os impetos passionais e irascíveis e ancorar demais o indivíduo à matéria densa.

O preto, relativamente controverso no meio social em geral e até entre as pessoas da *nova era “pasteurizada”*, é uma vibração tão necessária quanto qualquer outra. O preto absorve a luz e, às vezes, não é considerado cor, mas ausência de luz ou de cores, já que o branco é a soma de todas as cores do espectro, refletindo-as. Entretanto, o preto aqui deve ser referido como uma cor ou uma vibração cromática oposta e complementar ao branco. O preto é a cor do oculto, do invisível, do desconhecido, do secreto e do primordial; é a cor das trevas originais necessárias à manifestação da luz e da vida. Sem as sombras

contrastantes da escuridão, o conhecimento e a percepção da luz seria impossível e até mesmo inexistente. O preto vibra na putrefação alquímica do negrume solar, na decomposição e desintegração de todo elemento indesejável do interior humano, para que surja o novo, o superior. Toda vida fetal desenvolve-se na escuridão do útero materno; a vida vegetal germina e brota da escuridão ctônica, do interior da terra; os metais e pedras preciosas estão ocultos nas trevas de cavernas e minas profundas. Por tudo isso, devem ser descartadas as atribuições depreciativas à cor preta, que também expressa respeito, severidade, seriedade e estabilidade.

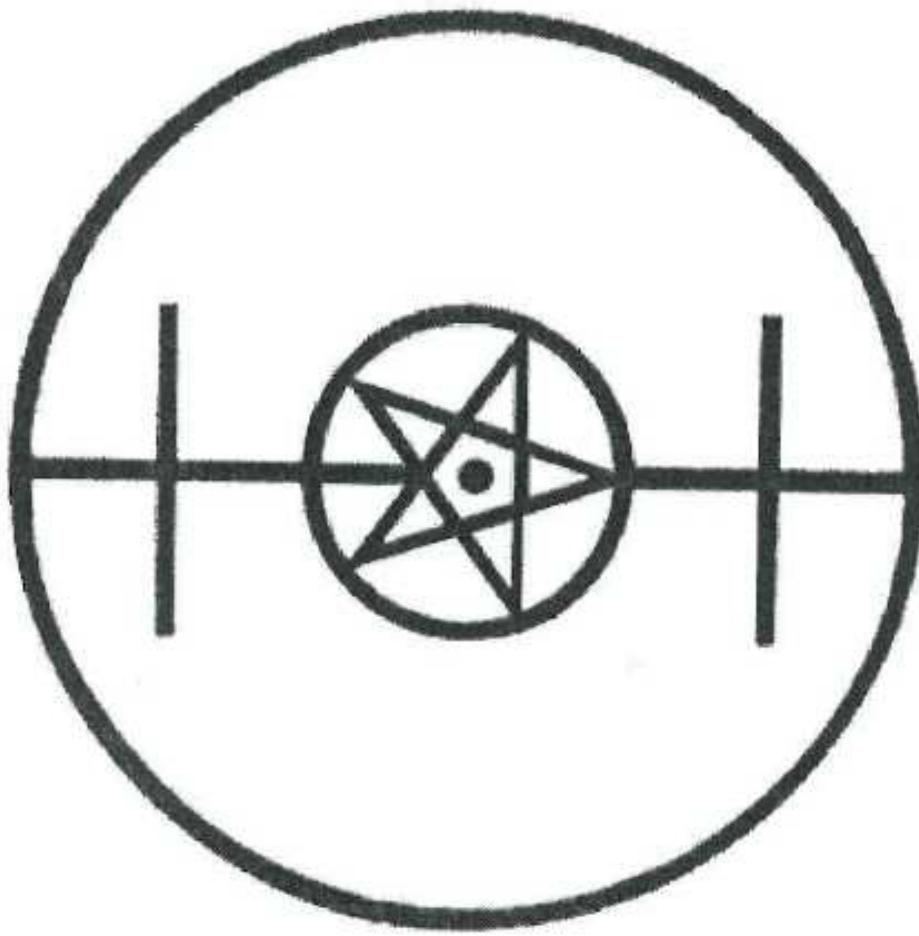
O branco é luz, é visão, é consciência, é o conhecimento surgido das trevas do oculto ou da ignorância. É a manifestação da vida totalizada (a soma de todas as cores do espectro) sobre o fundo negro original necessário e contrastante das trevas, do infinito, assim como as estrelas brilham como diamantes incrustados no espaço negro sideral.

Entre os instrumentos da prática luciferiana, é essencial o uso do selo de Vênus-Lúciofer, composto pelo glifo de Vênus, ♀, que é a cruz ansata, e pelo glifo da Terra, ♂, dentro de um grande círculo. A cruz egípcia *ankh*, o símbolo de Vênus, é essencialmente o símbolo do amor e da vida. É também a estilização do espelho da deusa Vênus-Afrodite, símbolo do reflexo da beleza criada e da autocontemplação e autovalorização; é a matéria, a natureza, como reflexo dos idealizadores Lúciofer e Vênus – a Terra como reflexo de Vênus. Simboliza a vida física e a vida mental e emocional; o amor que está sob a vontade; o sexo alquímico e a luz da

consciência. É o círculo sobre a cruz, representando o Logos luciférico que está sobre a matéria. O glifo da Terra é a estilização da cruz equilátera (ou grega) sobre o globo, representando os quatro elementos e seus quadrantes na Terra e seu equilíbrio na natureza e no indivíduo. É o globo do poder que simboliza o universo manifestado e a esfera da Terra, para a qual são convergidas todas as forças lucivenéreas.

No selo de Vênus-Lúciofer, a conjunção da cruz ansata e do globo do mundo dentro de um círculo maior expressa a união entre matéria e mente, ou consciência; é a Terra circundada pela essência vital e pelas forças luciferas que impulsionam a evolução natural e a evolução psicomental, mais acelerada e adiantada, de todos aqueles que estão conscientes dessas forças. O selo, como um todo, ainda representa o terceiro olho da visão interior e a esmeralda da coroa de Lúciofer, da qual, segundo o mito alegórico, foi talhada a hermética e luciferiana Tábua de Esmeralda. O selo mostra também uma porta, ou portal, para incursões mentais nos planos lucivenianos e sugere, de maneira muito estilizada, os órgãos sexuais masculinos e femininos, especialmente a vagina, que é por onde entra e sai a vida física. O círculo maior simboliza o universo, a eternidade anticósmana e o núcleo energético e primordial do qual todo o universo surgiu. O espaço em torno do pentagrama é utilizado para inserir outros signos ou sigilos, de acordo com o objetivo do trabalho a ser realizado, se necessário.

Astronomicamente e astrologicamente, o selo mostra, em um único glifo composto, as conjunções superior e inferior que ocorrem entre Vênus e o Sol, e entre Vênus e a Terra, a cada oito anos, reparecendo no horizonte oriental e completando uma revolução sideral venusiana, quer dizer, o renascimento de Lúcifer-Vênus como Estrela da Manhã no quadrante leste da Terra para dar seguimento a mais uma revolução em sua órbita. Segundo estudiosos, o alinhamento entre Vênus e a Terra ocorre em pares de oito anos, e depois há um hiato de quase cem anos para uma nova ocorrência. Portanto, os dois últimos eventos aconteceram em 2004 e 2012. Em termos humanos, representa a própria revolução do indivíduo superior que renasce em sua consciência luciférica, ou logica, continuamente a cada etapa evolutiva, um contínuo processo de autocriação.



O selo de Vênus-Lúcifer

## O RITUAL DE VÊNUS-LÚCIFER

Este ritual luciferiano é uma cerimônia de casamento alquímico entre dois seres que se amam, porque o luciferiano adora a si mesmo e seu cônjuge como deuses em potencial. O casal cria seu próprio Jardim do Prazer, quando está em seu “templo” nupcial carregado com força sexual e magnetismo durante a prática com amor exaltado e com vontade. Aqui, a mulher é o poder e a força do homem, é o polo necessário que dá valor e função ao masculino. As próprias invocações são alternâncias de polaridade que o casal faz entre si e entre Vênus e Lúcifer. O êxtase não é apenas sexual, mas também emocional e mental. Um homem sem a sua mulher ideal, sem o seu complemento essencial, pode se tornar morto, emocionalmente; o positivo sem o negativo é estéril, e, claro, vice-versa. O casal deve trabalhar para conseguir atingir a união completa e ideal, que é: física e sexual entre homem e mulher com atração e desejo e saúde; emocional, com simpatia, afeto e interesse mútuos para o desenvolvimento do amor; mental, com afinidades culturais e de interesses, na busca pelo conhecimento e mais ou menos o mesmo nível de desenvolvimento intelectual.

A parte invocatória, desde a preparação (*praeparatio*) até a consumação (*consummatio*), pode ser adaptada e realizada em público, para convidados, no caso de uma cerimônia matrimonial em um local previamente escolhido, deixando a parte sexual (*coitus*) para o que é conhecido

popularmente como lua de mel. O Ritual de Vênus-Lúcifer também pode ser praticado por um casal já consumado que quer seguir a senda luciferiana, reforçar seu vínculo amoroso e exercitar a alquimia sexual em seu lar, em um quarto reservado e preparado para isso.

Aqui não há pentagramas de proteção. Banimentos servem apenas para “limpar” e preparar o local e predispor o casal para o trabalho. Por que deveria o luciferiano se proteger de si mesmo e das forças que ele quer assimilar e extrair benefícios? A força, o amor sincero, o equilíbrio mental e emocional e, principalmente, a vontade do casal luciferiano são suficientes para manter afastadas as influências indesejáveis de si mesmo.

Durante todo o dia do ritual, o casal deve manter a mais absoluta paz e harmonia, com manifestações de carinho, afeto e suaves carícias, com poucas palavras e uma longa contemplação entre os dois, e sem qualquer comportamento rude ou irritável. O homem e a mulher devem estar bem preparados mental, emocional e fisicamente, com uma boa higiene pessoal, com uma alimentação leve e estimulante. Vão preparar cuidadosamente o local de acordo com as instruções e a criatividade pessoal com bom senso. O ritual todo pode ser realizado a cada sete meses, ou no aniversário de namoro, noivado ou casamento; a parte sexual do rito pode, obviamente, ser praticada com regularidade.

### *Praeparatio*

1) O ritual deve ser realizado, em uma sexta-feira, de preferência, na fase da Lua nova, crescente ou cheia, aproximadamente a partir das 13h30, 20h30 ou 03h30. Caso essas especificações sejam impossíveis (o que é difícil), pode usar o sábado, a partir das 16h30 ou 24h30, ou o domingo, a partir das 14h30, 21h30 ou 04h30. Entretanto, é aconselhável aproveitar as fases da Lua recomendadas.

2) Caso sinta-se a necessidade, faça, com várias horas de antecedência, uma defumação do local com uma mistura básica de olíbano (6 partes), mirra (3 partes) e benjoim (1 parte). O local é preparado com rosas vermelhas e brancas e pétalas de rosas, decoração em tons de verde e vermelho e um pequeno banquete de frutas, bolos, pães, queijos, vinho e água. Deve ser iluminado por uma quantidade suficiente de velas verdes e vermelhas bem distribuídas, já que a luz elétrica ficará desligada. Se preferir, pode usar música instrumental suave e emotiva em volume baixo para ambientar a cerimônia (música celta, música hindu e música instrumental de sintetizadores são as mais adequadas). A parede leste do local pode ser decorada permanentemente, para qualquer outro ritual, com um estandarte estampado com uma imagem de dragão e serpente.

3) Prepare o selo de Vênus-Lúcifer em papel verde novo e rígido com tinta vermelha bem visível e em tamanho que seja

suficiente para cobrir a taça. O papel deve ser recortado em forma de um heptágono ou um círculo, no qual será desenhado o selo.

4) Prepare o bomos, no meio do local, cobrindo-o com um tecido de fibras naturais preto ou em tons discretos de verde, ou, se preferir, não o cubra. Oriente o bomos com uma bússola, colocando sobre ele:

- leste, incenso de boa qualidade de rosa, sândalo, verbena ou olíbano e mirra em quantidade suficiente para impregnar o ambiente;
- sul, uma vela vermelha em um castiçal de metal;
- oeste, a taça contendo vinho tinto ou chá venusiano frio (ver receita abaixo); cobrindo a taça, o selo de Lúcifer-Vênus com os anéis de aliança em seu centro;
- norte, o sino e o pantáculo contendo sal marinho ou terra de jardim;
- centro, uma rosa vermelha (Luciferiana) e uma rosa branca (lilitana, venusiana), com caule e espinhos, uma ao lado da outra (branca, à esquerda; vermelha, à direita).

Se o casal optar pelo chá venusiano em vez do vinho, será necessário juntar os ingredientes, fervê-los, coar e esperar esfriar:

- 1 xícara (chá) de pétalas de rosas vermelhas e brancas de jardim;
- 1 ½ xícara (chá) de água mineral;

- ½ xícara (chá) de conhaque (opcional);
- 2 colheres (sopa) de mel ou açúcar mascavo;
- 2 colheres (sopa) de damiana seca;
- 2 cravos-da-índia;
- 1 pau (pequeno) de canela

5) Pinte o glifo de Vênus com tinta (guache) verde na testa da mulher, e o mesmo símbolo com um ponto vermelho no centro, na testa do homem.



homem

mujer

### *Invocatio*

- 8) Diante do bomos, o casal fica em pé, voltado para o leste, um ao lado do outro. Respiram profundamente sete vezes, contemplando o selo que está sobre a taça.
- 9) O homem-sacerdote toca o sino 7 vezes (*BBBBBBB*).
- 10) De mãos dadas, o casal começa a visualizar no alto e adiante uma estrela de cinco pontas invertida (a estrela de Vênus) com seus raios brancos esverdeados e vermelhos iluminando o templo e banhando seus corpos a partir da cabeça e descendo pela coluna vertebral até os pés.

- 11) A mulher-sacerdotisa, olhando para o homem, diz:

*Logos lucifero! Manifeste-se em nós!  
Estrela da Aurora e do Crepusculo!  
Brilhe em nossa consciência gloriosa!  
Lucifer! Venha nos unir sob vontade!  
Lucifer e Vênus!  
Unam-se em nosso ser e consagrem nossa aliança  
com os poderes dos quatro mundos!*

- 12) O homem-sacerdote, olhando para a mulher, diz:
- Logos venéreo! Manifeste-se em nós!  
Estrela do Crepusculo e da Aurora!*
- 7) O casal faz uma breve mas emotiva contemplação do local assim preparado.

*Brihe em nosso caminho vitorioso!*

*Vênus! Venha nos unir com amor!*

*Vênus e Lúcifer!*

*Unam-se em nosso ser e consagrem nossa aliança  
com as dádivas dos quatro mundos!*

13) A mulher diz:

*Viva a nós mesmos! Salve Lúcifer-Vênus!*

*I... A... O...*

14) O homem diz:

*Viva a nós mesmos! Salve Vênus-Lúcifer!*

*I... A... O...*

15) O casal começa a vibrar os nomes *Vênus-Lúcifer* repetidamente, até que seja o suficiente. Depois, começa a vibrar a palavra *Invictus*, concentrando a atenção no selo que está cobrindo a taça e no qual estão os anéis. Enquanto vibra os nomes, visualizam-se correntes de força luminosa branca esverdeada e vermelha vindo da estrela do leste para o selo, banhando os anéis e penetrando no fundo da taça.

### *Consecratio*

16) A mulher faz a consagração do homem. Com a mão

direita, pega o anel dele que está sobre o selo, vai para o leste e diz:

*Eu, (nome), o Amor, tenho o dom de criar  
a felicidade para este ser e proclamo  
que este anel de nossa aliança nos pertence.  
Que este ser receba as dádivas da inteligência,  
da razão e da mente criativa!  
Pelas potências do Ar luciférico!*

17) A mulher sopra a fumaça do incenso sobre anel e na testa do homem, vibrando a letra H (como um suspiro) e diz em seguida, suavemente:

*Aere Lucifer!*

18) A mulher, em sentido horário em torno do bómbo, volta-se para o sul com o anel e diz:

*Eu, (nome), o Amor, tenho o dom de criar  
a felicidade para este ser e proclamo  
que este anel de nossa aliança nos pertence.  
Que este ser receba as dádivas da sabedoria,  
da inicição e do fogo sexual criador e regenerador!  
Pelas potências do Fogo luciférico!*

- 19) A mulher passa o anel na chama da vela e a leva próxima à testa do homem, vibrando a letra S (como um silvo) e diz em seguida, impetuosamente:

*Ignis Lucifer!*

- 20) Ela volta-se para o oeste com o anel e diz:

*Eu, (nome), o Amor, tenho o dom de criar a felicidade para este ser e proclamo que este anel de nossa aliança nos pertence. Que este ser receba as dívidas das emoções superiores e da compreensão interior e profunda! Pelas potências da Água luciférica!*

- 21) Ela mergulha o anel na taça de vinho (ou chá) easperge algumas gotas na testa do homem, vibrando a letra M (com os lábios cerrados) e diz em seguida, sussurrando:

*Aqua Lucifer!*

- 22) Ela volta-se para o norte com o anel e diz:

*Eu, (nome), o Amor, tenho o dom de criar a felicidade para este ser e proclamo que este anel de nossa aliança nos pertence. Que este ser receba as dívidas da coragem,*

*do discernimento, da estabilidade e dos prazeres saídios! Pelas potências da Terra luciférica!*

- 23) Ela enterra o anel no sal (ou terra) do pantáculo e fricciona alguns grãos na testa do homem, vibrando a letra A (como um urro) e diz, agressivamente e gutural:

*Terrae Lucifer!*

- 24) A mulher retorna – em sentido horário em torno do bômos – para o homem, que está para o leste, diante do bômos, e coloca o anel de volta no centro do selo.

- 25) O homem faz a consagração da mulher. Com a mão direita, pega o anel dela que está sobre o selo, e voltado para o leste, diz:

*Eu, (nome), a Vontade, tenho o dom de criar a felicidade para este ser e proclamo que este anel de nossa aliança nos pertence. Que este ser receba as dívidas da inteligência, da razão e da mente criativa! Pelas potências do Ar luciférico!*

- 26) O homem sopra a fumaça do incenso sobre anel e na testa da mulher, vibrando a letra H (como um suspiro) e diz em seguida, suavemente:

*Aere Lucifer!*

27) O homem volta-se para o sul com o anel e diz:

*Eu, (nome), a Vontade, tenho o dom de criar  
a felicidade para este ser e proclamo  
que este anel de nossa aliança nos pertence.  
Que este ser receba as dádivas da sabedoria,  
da intuição e do fogo sexual criador e regenerador!  
Pelas potências do Fogo luciférico!*

28) Ele passa o anel na chama da vela e a leva próxima à testa da mulher, vibrando a letra S (como um silvo) e diz em seguida, impetuosamente:

*Ignis Lucifer!*

29) Ele volta-se para o oeste com o anel e diz:

*Eu, (nome), a Vontade, tenho o dom de criar  
a felicidade para este ser e proclamo  
que este anel de nossa aliança nos pertence.  
Que este ser receba as dádivas das emoções superiores e  
da compreensão interior e profunda!  
Pelas potências da Água luciférica!*

30) Ele mergulha o anel na taça de vinho e asperge algumas gotas na testa da mulher, vibrando a letra M (com os lábios cerrados) e diz, sussurrando:

*Aqua Lucifer!*

31) Ele volta-se para o norte com o anel e diz:

*Eu, (nome), a Vontade, tenho o dom de criar  
a felicidade para este ser e proclamo  
que este anel de nossa aliança nos pertence.  
Que este ser receba as dádivas da coragem,  
do discernimento, da estabilidade  
e dos prazeres sadios!  
Pelas potências da Terra luciférica!*

32) Ele enterra o anel no sal (ou terra) do pantáculo e fricciona alguns grãos na testa da mulher, vibrando a letra A (como um urro) e diz, agressivamente e gutural:

*Terrae Lucifer!*

33) O homem retorna – sempre em sentido horário em torno do bomos – para a mulher, que está voltada para o leste, diante do bomos, e coloca o anel de volta no centro do selo.

### Consumatio

34) O homem pega sua rosa vermelha e, com um dos espinhos, espeta a ponta de seu dedo anular da mão esquerda até sangrar.

35) A mulher pega o anel dele e coloca-o no dedo sangrando do homem. Com a mão direita, ela pega a mão esquerda dele para fazer a unção de sangue em sua (da mulher) testa, dizendo:

*Neste pacto de Amor e Vontade,  
sou ungida com o sangue  
do Dragão de Sabedoria!  
Salve Lucifer! I... A... O...*

36) A mulher pega a sua rosa branca e, com um dos espinhos, espeta a ponta de seu dedo anular da mão esquerda até sangrar.

37) O homem pega o anel dela e coloca-o no dedo sangrando da mulher. Com a mão direita, ele pega a mão esquerda dela e faz a unção de sangue em sua (do homem) testa, dizendo:

*Neste pacto de Vontade e Amor,  
sou ungido com o sangue  
da Serpente do Conhecimento!  
Salve Venus! I... A... O...*

38) O casal une seu sangue juntando os dedos feridos e unta o centro do selo de Vênus-Lúcifer.

39) A mulher bebe a metade do conteúdo da taça e oferece ao homem para que também beba, e, olhando nos olhos um do outro, o casal se beija na testa, na boca e na genitália, por cima da túnica. Primeiro ela, em pé, com os braços estendidos ao longo do corpo, beija a testa e a boca dele. Depois se ajoelha, mantendo os braços estendidos ao longo do corpo, e beija a genitália do homem, levantando-se em seguida. Agora, o homem faz tudo o que a mulher fez nele.

40) A mulher toca o sino 7 vezes (|||||·||), para concluir.

### Coitus

41) A mulher tira a túnica dele, e ele faz o mesmo com ela.

42) Eles sentam-se de pernas cruzadas, um de frente para o outro.

43) O casal, então, começa um ciclo de exercícios respiratórios para estimular a energia sexual, olhando nos olhos um do outro:

- feche a narina direita com o dedo indicador da mão esquerda e inspire pela narina esquerda;

- feche a narina esquerda com o polegar e segure o ar por 11 segundos;
- abra a narina direita e expire;
- segure por 11 segundos;
- inspire pela narina direita, feche a narina direita com o indicador e segure o ar por 11 segundos;
- abra a narina esquerda, expire, segure por 11 segundos e recomece a inspirar pela mesma narina.

Esse ciclo deve ser feito 11 vezes, o homem e a mulher ao mesmo tempo, mas ela inverte a narina, começando a inspirar pela direita.

44) Após os ciclos de respirações, eles se dão as mãos e inspiram profundamente, olhando-se nos olhos.

45) A mulher começa a vibrar I... A... O..., e o homem, logo em seguida, quando ela chegar na letra O, criando assim um “círculo sonoro” de vibração. Cada um deve contar sete vezes a sua vibração, concentrando-se em seu próprio IAO.

- ↓ I A O Ø I A O Ø →  
+ ↑ Ø I A O Ø I A O Ø I A →

- 46) Iniciam as carícias e o ato sexual, com as posições preferidas, e com a retenção orgástica por algumas vezes, se o casal for capaz, para prolongar o ato, visualizando a energia sexual subindo pela coluna vertebral até o cérebro enquanto inspira-se o ar profundamente. Se o casal resolver liberar o fluxo orgástico, após as retenções, deve-se tomar uma inspiração profunda no exato momento.

- 47) Ao término, o homem colhe o elixir (as secreções e eflúvios dele e dela) da vagina na taça e unta os anéis e o selo de Lúcifer-Vênus – o selo deve ser guardado em um envelope vermelho novo.

#### *Celebratio*

- 48) Após alguns momentos de relaxamento, o casal serve-se do pequeno banquete e celebram sua união.

Algumas informações adicionais sobre o ritual são úteis. O nome IAO, vibrado várias vezes no rito, requer algum esclarecimento, apesar de ser um nome relativamente conhecido. É especialmente pertinente no ritual de alquimia sexual e de união alquímica como mostrado aqui. IAO é o nome gnóstico do Logos individual, significando também o sopro de vida. Pode ser desmembrado e analisado de diversas maneiras.

## O RITUAL DE LÚCIFER

Em latim:

*Ignis* (fogo, masculino, positivo);  
*Aqua* (água, feminino, negativo);

*Origo* (origem da vida pela união dos opostos).

*Invictus* (vitorioso, o indivíduo autoconsciente);  
*Aeternus* (eterno, como consciência além do tempo e do espaço);  
*Occulto* (o Logos luciférico oculto do ser humano).

Em greco-egípcio:

*Isis* (água, mulher, secreção feminina);  
*Apophis* (serpente de fogo, sexo, morte alquímica);  
*Osiris* (fogo, luz nas trevas, homem, semente masculina, renascimento).

Em grego:

*Iaco* (prazer sadio usufruído, êxtase mental e emocional);  
*Agape* (amor), *Agathon* (Logos luciférico individual);  
*Ophis* (serpente de sabedoria, iniciador), *Od* (luz, fluido vital, eletragnetismo).

Este ritual tem por objetivo o autoconhecimento e a eliminação das escórias mentais e emocionais por meio da catarse, ou seja, uma limpeza, uma purgação dos elementos inúteis e estagnantes do indivíduo. A própria atmosfera do ritual e do local já é suficiente para dinamizar as emoções e a imaginação, além das rimas que servem para cadenciar e memorizar as invocações carregadas de emotividade. É um rito forte que pode romper os grilhões psicológicos, as limitações criadas durante a vida do indivíduo por si próprio ou por imposição de outros. É uma descida nas trevas interiores para encarar as próprias sombras que occultam o conhecimento e o poder e uma subsequente libertação do sofrimento interior, como a libertação de Prometeu, que estava acorrentado e sendo consumido em sua dor dia após dia. Representa o renascimento do ser humano superior na luz da consciência logica e do conhecimento de si e é um pacto selado entre a personalidade e a Individualidade (Lúcifer).

Urano (cujo glifo deve ser usado neste ritual) significa revolução, propósito, eventos revolucionários, rebelião, insurreição, progresso, descoberta, idealismo visionário, individualidade.

Portanto, é recomendável que o indivíduo tenha estabilidade emocional e alguma compreensão de si mesmo e da filosofia luciferiana.

### Praeparatio

- leste, incenso de boa qualidade de rosas, olíbano, mirra ou musgo em quantidade suficiente para impregnar o ambiente;
- sul, uma vela preta e grande em um castiçal de metal;
- oeste, a taça com vinho tinto seco e, cobrindo a taça, o selo de Lúcifer-Vênus;
- norte, o sino;
- centro do bomos, próximo ao sul, o bastão;
- sob o bomos, dentro dele ou atrás, uma vela branca acesa, em outro castiçal, escondida de maneira segura para evitar acidentes.

1) O ritual pode ser realizado duas vezes por mês, a cada 14 dias, de preferência aos sábados, em qualquer fase da Lua, aproximadamente a partir das 20h30 ou à meia-noite. É recomendável um local fixo e definitivo.

2) A luz elétrica deve estar desligada. Se preferir, coloque música instrumental sombria e emotiva sem ritmo de percussão, ou música ritual tibetana, em volume baixo, para ambientar (melhor colocar sempre a mesma música para o mesmo ritual para que fique associada sempre a esse ritual). Podem ser tocados, se possível, instrumentos de percussão em determinada fase do ritual.

3) Prepare o selo de Lúcifer-Vênus, com o glifo de Urano (☿) à esquerda do pentagrama; à direita, escreva seu nome de registro e, acima deste, seu mote (nome que sintetiza sua obra ou seu ideal luciferiano). Faça o selo em papel preto novo e rígido com tinta branca bem visível e em tamanho que seja suficiente para cobrir a taça.

4) Prepare o bomos, no centro do local, cobrindo-o com um tecido de fibras naturais na cor preta, ou se preferir não o cubra. Oriente-o com uma bússola, colocando sobre ele:

*Lúcifer! Liberto de suas correntes agora está!  
Vindo do altíssimo para no Inferno reinar!  
O Sol agora está declinando,*

- 5) Vista a túника preta de capuz e acenda a vela do bomos.
- 6) Em pé, segure correntes na mão esquerda.

### Invoatio

- 7) Voltado para o oeste, toque o sino 2 vezes (♂) e fique em silêncio.
- 8) Tome uma inspiração profunda, pegue a vela preta do bomos com a mão direita e diga:

*Lúcifer! Liberto de suas correntes agora está!  
Vindo do altíssimo para no Inferno reinar!  
O Sol agora está declinando,*

*mas oculto ainda arde!*

*Aqui a noite cai,  
e conhece a Estrela da Tarde!*

*Está Lucifer nas grandes profundezas*

*da negra escuridão!*

*Estou lucido na grandeza das trevas*

*da minha imensidão!*

*Lux rebellis!*

*Nox terribilis!*

*Imperium Infernale!*

9) Repita 11 vezes:

*Imperium Infernale!*

10) Ande em torno do bomos 11 vezes, em sentido horário, representando a luz indo para as trevas. Pare voltado para o norte e apague a vela preta com um sopro, colocando o castiçal sobre o bomos.

11) Agora, na escuridão, comece a tocar a percussão, sacudir as correntes e chorar, gritar, urrar e se lamentar em desordem e confusão, buscando dinamizar e sentir verdadeiramente as emoções de revolta, angústia, desespero e terror, repetindo as palavras:

*Imperium Infernale! Lux, me lumine!*

12) Percebendo o cansaço, ou quando sinta ser suficiente, pare de repetir as palavras e toque o sino 2 vezes (*SJ*). Fique em silêncio.

13) Após alguns momentos de silêncio, tome uma profunda inspiração e diga:

*Lucifer! Venha iluminar  
este horroroso mundo  
de trevas e sofrimento!  
Venho reconquistar  
meu maravilhoso paraíso  
de prazer e conhecimento!*

*Consecratio*

14) Em sentido horário, ande 11 vezes em torno do bomos. Pare voltado para o oeste, pegue a única vela acesa que estava oculta sob (dentro) o bomos e diga:

*Sou filho da Estrela das Eras!  
Vejo o que será consagrado!  
Iluminei o coração das trevas!  
E o que estava oculto será revelado!*

15) Acenda a vela preta, que estava apagada, na chama da vela acesa branca que foi retirada do bomos.

16) Diga:

*Eu vi a face de Lúcifer  
e seus mistérios revelados!  
Eu me libertei do Inferno  
e estou desacorrentado!*

*Sou filho da Estrela Vespertina!  
Provo os frutos da vitória arcana!  
Bebo o rubro sangue da vida,  
celebrando minha origem luciferiana!*

22) Beba todo o vinho da taça e diga:

17) Diga:

*Lúcifer in excelsis!  
Ego sum invictus!*

18) Concentre a atenção no selo que está sobre a taça e vibre  
11 vezes:

*Lúcifer in excelsis! Ego sum invictus!*

19) Feche os olhos e continue vibrando essas palavras até  
conseguir visualizar o selo no olho da mente, abrindo-se  
como um portal. Quando abrir, entre, se for capaz, e vivencie  
a experiência do “outro lado”.

20) Após alguns momentos dessa experiência, toque o sino 2  
(II), para que retorne à consciência comum.

#### *Consummatio*

21) Ainda voltado para o oeste, diga:

## O RITUAL DO DRAGÃO

Este ritual tem elementos alquímicos e invoca os poderes essenciais e constitutivos do arquétipo do dragão. Serve também como consagração da espada e do próprio indivíduo e é um elo com seu Logos luciférico. É fácil de ser executado e memorizado, porém está descrito em detalhes, passo a passo, assim como os rituais anteriores. O ritual completo forma uma cruz equilátera, a qual é consagrada ao dragão logoico individual, criando uma insignia real alquímica draconiana da linhagem evolutiva do homem superior (mental e emocionalmente). O indivíduo evoluído, autoconsciente e que tem autodomínio é o verdadeiro herdeiro da nobreza luciferiana.

### *Praeparatio*

1) O ritual deve ser realizado, em uma sexta-feira, de preferência, na fase da Lua nova, crescente ou cheia, aproximadamente a partir das 13h30, 20h30 ou 03h30hs; ou sábado, a partir das 16h30 ou 24h30; ou domingo, a partir das 14h30, 21h30 ou 04h30.

2) A parede leste do local pode ostentar um estandarte estampado com imagens de dragão ou uma pintura. Se preferir, coloque música instrumental suave e em volume

baixo para ambientar a cerimônia. Ilumine o local com sete velas verdes bem distribuídas.

3) Prepare o selo de Lúcifer-Vênus em papel verde novo e rígido com tinta vermelha bem visível e em tamanho que seja suficiente para cobrir a taça.

4) Prepare o bomos no centro do local, colocando sobre ele:

- leste, uma espada (não muito longa) ou punhal e incenso de boa qualidade de rosa, olíbano e mirra, limão, cravo-da-índia ou gengibre, ou uma combinação desses, em quantidade suficiente para impregnar o ambiente;
- sul, o bastão e uma vela vermelha em um castiçal de metal;
- oeste, a taça contendo vinho tinto seco;
- norte, o sino, uma pedra sílex, ou outra que produza fagulhas, o pantáculo com o selo e por cima sal marinho e um de pedaço de pão sírio ou pão sueco;
- centro do bomos, uma escultura de dragão.

5) Use a túnica habitual.

### *Invocatio et consecratio*

(Visualize a si mesmo voando nas asas do dragão, sentindo o vento infundir as virtudes acima.)

6) De frente para o bomos, voltado para o quadrante leste, toque o sino 4 vezes (JRJR), tome uma inspiração profunda, observe a imagem do dragão e diga:

*Salve Draco! Meu puro Ser!  
Quero os seus recursos repletos!  
Faça-me sempre compreender  
seus ensinamentos secretos!*

*Dos quatro cantos do universo  
Invoco sua sabedoria e poder  
Para me instruir e me guardar  
E a mim mesmo, transcender!*

7) Ainda para o leste, tome outra inspiração profunda, pegue a espada com a mão direita, traspasse na fumaça do incenso e toque a testa com a lâmina, dizendo:

*Draco Aere Luciferi!  
Voe comigo em suas asas para as alturas  
da mente, do pensamento e da inteligência,  
com ousadia e orgulho nobre,  
pois minha condição como um ser livre  
assim o exige!*

8) De frente para o bomos, voltado para o sul, traspasse a espada na chama da vela, pegue o bastão com a mão esquerda, cruze-o com a espada sobre o peito, coloque de volta no bomos e toque a testa com a lâmina da espada, dizendo:

*Draco Ignis Luciferi!*

*Aqueça sobre mim o seu fogo sagrado  
do amor, da sabedoria e da destruição  
do que é inútil e desequilibrado,  
pois minha condição como um ser livre  
assim o exige!*

(Visualize a si mesmo sendo tragado pelas chamas da boca do dragão, sentindo o calor infundir as virtudes acima.)

9) De frente para o bomos, voltado para o oeste, mergulhe a ponta da espada na taça de vinho e toque a testa com a lâmina e diga:

*Draco Aqua Luciferi!  
Mergulhe comigo no oceano abismal  
do subconsciente, do conhecimento oculto  
e das profundas emoções,  
pois minha condição como um ser livre  
assim o exige!*

(Visualize a si mesmo na cauda do dragão mergulhando em um oceano profundo e escuro, sentindo o frescor da água infundir as virtudes acima.)

10) De frente para o bomos, voltado para o norte, fricione a pedra na lâmina da espada para produzir algumas faíscas; enfeie a espada no pão, partindo-o até atingir o sal e o selo que estão por debaixo, no pantáculo. Toque a testa com a lâmina e diga:

*Draco Terrae Luciferi!  
Caminhe comigo nas profundas cavernas  
de riquezas, de prazeres e de trabalho  
com discernimento, parcimônia e equilíbrio,  
pois minha condição como um ser livre  
assim o exige!*

(Visualize a si mesmo dentro de uma grande e rica caverna junto a um dragão cuidando de tesouros, sentindo a textura e a fragrância da terra infundindo as virtudes acima.)

11) De frente para o bomos, novamente voltado para o leste, coloque o selo sobre a taça, segure a espada com a lâmina para baixo sobre o peito e diga:

*A cruz draconiana está formada em meu ser!  
A luz luciferiana agora me faz compreender!*

12) Ainda na mesma posição, concentre sua atenção no selo e repita 4 vezes as palavras:

*Ho Drakon Ho Archaios!*

#### **Consummatio**

13) Faça um momento de silêncio, inspire, aponte a espada para a imagem do dragão e diga:

*Sou ungido neste momento  
Com o sangue do dragão!  
Tomo o seu poder e conhecimento  
Por meio do vinho e do pão!*

14) Coloque a espada na cintura ou no bomos, voltado para o leste, coma o pão e beba o vinho, concentrando a atenção na escultura do dragão que está sobre o bomos, visualizando-o sendo devorado.

15) Fique na posição do dragão, chamada também de coluna *died* (pés juntos, coluna ereta e braços abertos e erguidos formando 90° com o tronco, e os antebraços formando 90° com os braços, com as palmas das mãos abertas para cima), visualizando a si mesmo transformado em um poderoso dragão, enquanto diz:

*Ego Sum Draconis!*

16) Inspire profundamente e vibre os seguintes nomes de dragões, serpentes e semidragões em seus vários aspectos:

*Sobek*

*Tatsu*

*Tehom*

*Ananta*

*Apophis*

*Azhi-Dahaka*

*Basilisk*

*Cipactli*

*Fafnir*

*Hidra*

*Izppalotl*

*Jormundgand*

*Kilin-Kirin*

*Kur*

*Kutulu*

*Leviathan*

*Lucifer*

*Makara*

*Mehen*

*Mitgard*

*Naga*

*Nidhogg*

*Orochi*

*Poimandres*

*Python*

*Quetzalcoatl*

*Scylla*

*Sirrusch*

17) Diga:

*Está consumado!*

18) Toque o sino 4 vezes (*||||*), para encerrar.

## O RITUAL DE QUETZALCOATL

Este rito simples representa as conjunções que ocorrem entre Vênus, Sol e a Terra. Vênus completa sua revolução sideral e reaparece no horizonte oriental; é o renascimento ou retorno de Lúcifer (Kukulkan-Quetzalcoatl) como estrela da manhã. O ritual é uma invocação de Quetzalcoatl como força luciférica que renasce no ser humano durante a revolução da consciência individual a cada fase evolutiva e deve ser executado no solstício de inverno (21 a 23 de junho, no hemisfério sul, e 21 a 23 de dezembro, no hemisfério norte) ou no equinócio de primavera (21 a 23 de setembro, no hemisfério sul, e 21 a 23 de março, no hemisfério norte), se possível, ao nascer do Sol.

*Quetzalcoatl* significa “serpente emplumada” e é a junção de duas palavras: *quetzalli* e *coatl*. *Quetzalli* é a pluma de um pássaro mesoamericano chamado *quetzalhototl* que possui uma longa e bela cauda que se enrola na extremidade e que era considerada muito valiosa. *Quetzalli* também significa “espiral”, “volta” e “precioso”, o que é muito sugestivo para o simbolismo luciférico. A espiral representa as forças criativas do universo e os movimentos ascendentes e descendentes dos ciclos da existência, e pode ser vista desde as galáxias até o DNA. *Cootl* significa “serpente”, “gêmeos” e “reciprocidade”. A serpente é um símbolo de transformação, mudança e regeneração cíclica (a troca de pele, o “gêmeo” da serpente). Gêmeos é a casa zodiacal na

qual Vênus faz o alinhamento com a Terra e significa a união entre os aspectos de Vênus-Lúcifer. A ideia de reciprocidade já está implícita no relacionamento “gêmeo” entre a Terra e Vênus-Lúcifer. A reciprocidade também existe entre o Logos luciférico (o dragão-serpente) e o indivíduo autoconsciente no decorrer de sua evolução em busca de sabedoria.

De acordo com a mitologia asteca, Quetzalcoatl é o deus que ensinou à humanidade todas as artes e ciências e também trouxe as sementes de cacau do paraíso, sendo consideradas sagradas. A bebida de chocolate (*xocolatl*, “bebida amarga”), consumida em taças de ouro pelos nobres e sacerdotes, era conhecida como o “alimento dos deuses” e era usada em diversos rituais, pois representava a sabedoria, a vida, a saúde, a fertilidade e o crescimento. O chocolate era uma bebida espessa, cremosa e amarga que continha em seu preparo pimentas, algumas especiarias, amido de milho, entre outros ingredientes.

A receita de chocolate quente dada a seguir é para ser usada neste ritual. Mas, é claro, pode ser consumida quando quiser.

Para cada 250 ml de leite integral ou semidesnatado, adicione:

- 2 colheres (sopa) de chocolate em pó solúvel;
- 1 colher (sopa) de açúcar mascavo;
- 2 colheres (sopa) de essência de baunilha;
- $\frac{1}{2}$  colher (café) de pálrica picante ou uma pitada de pimenta *chilli*;
- 1 colher (café) de amido de milho.

Mexa até ferver (aproximadamente 10 minutos) e coloque na taça ritualística.

Obs.: não use achocolatado, pois compromete a receita e não tem o sabor e a relativa pureza do chocolate.

#### *Praeparatio*

1) Ilumine o local com sete velas verdes bem distribuídas.

2) Prepare o selo de Lúcifer-Vênus em papel verde novo e rígido com tinta vermelha bem visível. O pentagrama representa o curso sideral de Vênus a partir do nodo sul de sua órbita que coincide com o planeta Terra; as cinco pontas do pentagrama correspondem aos pontos zodiacais nos quais Vênus forma suas conjunções com o Sol.

3) Prepare os bomos no centro do local, colocando sobre ele:

- leste, incenso de boa qualidade de rosas, baunilha ou cravo-da-índia, ou uma combinação desses, em quantidade suficiente para impregnar o ambiente;
- optional: uma flauta de pão, ou zampoña;
- sul, o bastão e uma vela vermelha no castiçal de metal;
- oeste, a taça contendo o chocolate quente;
- norte, o sino;
- centro do bomos, o selo.

4) Use a túnica habitual.

#### *Invocatio et consummatio*

5) De frente para o bomos, voltado para o leste, toque o sino 7 vezes (JR-JR-JR).

6) (Opcional) Tome uma inspiração profunda e toque a zampoña uma vez, vibrando a nota E (Mi), soando alto.

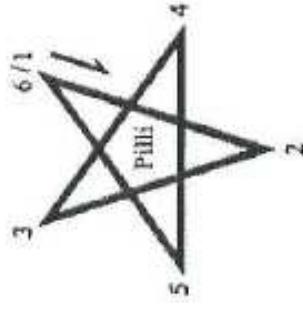
Obs.: não precisa ser um exímio tocador de flauta, mas apenas saber vibrar a nota venusiana da maneira requerida. Quetzalcoatl é também o deus do Ar (inteligência, mente, razão), e tocar a flauta representa o sopro criador; o ar soprado no tubo (representação do útero ou da vagina) cria o som vivo como o verbo invocatório que ressoa no espaço (o ambiente do local). Apesar de a zampoña ser um instrumento andino sul-americano, é muito pertinente sua utilização neste ritual. A flauta de pão já remete à mitologia grega, mas ambos os instrumentos são basicamente o mesmo.

7) Observe o selo por alguns instantes, inspira fundo e diga:  
*Pilli Quetzalcoatl!*  
*Pilli Tolteccatl!*

Obs.: essas palavras significam, respectivamente, “Senhor Quetzalcoatl” e “Nobre construtor/artífice”.

- 8) Pegue o bastão com a mão direita e trace no ar o pentagrama invertido de invocação da Terra, visualizando-o: da ponta superior direita, desça com o bastão para o centro, próximo aos genitais, e suba para formar a ponta superior esquerda, como uma letra V. Desse ponto, desça com o bastão diagonalmente para a direita, trace a horizontal para a esquerda e suba diagonalmente para a direita, voltando ao ponto inicial. Com o pentagrama traçado e visualizado em linhas luminosas vermelhas, golpeie com o bastão o centro do pentagrama no ar e diga:

*Pilli!*



*Senhor da secreta sabedoria!  
Criador das artes e ciências  
e da sagrada filosofia!*

*Lucifer Quetzalcoatl!  
Com seu conhecimento,  
me torno um semideus  
na hora do renascimento!*

- 10) Coloque o bastão no bomos, pegue a taça com a bebida, segure-a próxima ao peito com as duas mãos e diga:

*Renascendo nas secretas espirais,  
celebro minha subida ao céu oriental.  
Com o alimento dos deuses siderais,  
fortaleço-me na bebida sacramental!*

- 11) Beba todo o conteúdo da taça e diga:

*Pilli Quetzalcoatl!  
Pilli Tolteccat!*

- 9) Com o bastão apontado para o centro do pentagrama, faça a invocação:

*Quetzalcoatl!  
Grande Serpente Emplumada!  
Criador da superior raça  
de autoconsciência dotada!*

*Tolteccat!*

## O RITUAL DE IAO

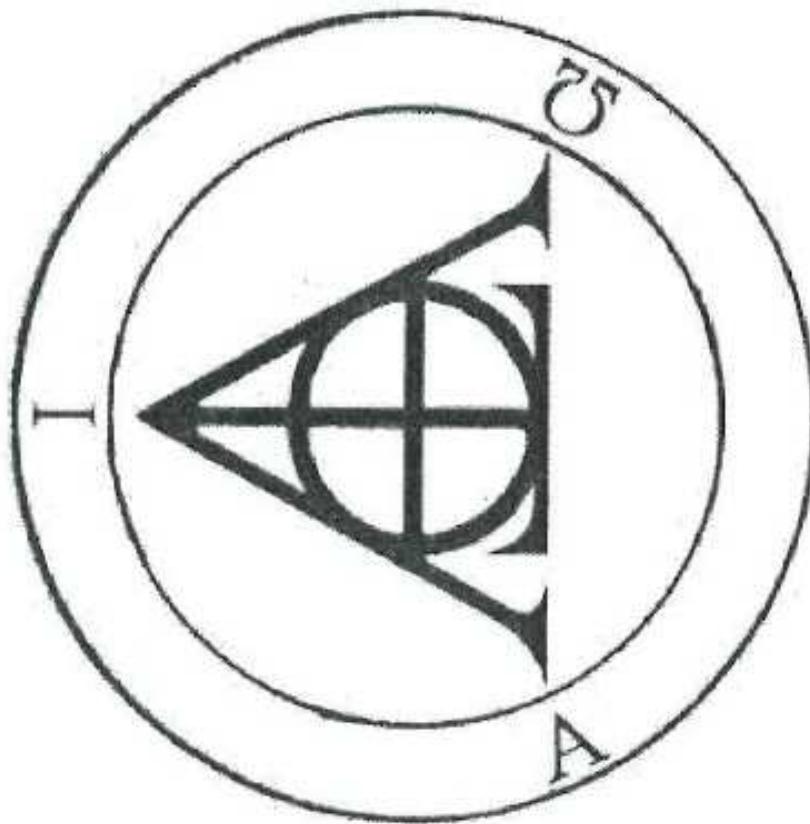
### Suplemento

Este ritual, talvez bastante incomum para a maioria dos estudantes, tem por objetivo limpar e equilibrar o indivíduo e o local, banindo energias e formas mentais indesejáveis. Serve também para reforçar a defesa psicomental e para predispor o indivíduo a qualquer trabalho ritualístico. Pode ser feito diariamente, como uma rotina, de manhã ou à noite, ou ambos.

O nome vibrado é somente um: IAO, que é outro nome de Lúcifer. Serve para banir e invocar ao mesmo tempo. O nome IAO:

- invoca o/a Deus/a interior, o Daemon individual, o Eu Superior, que expressa o começo, o meio e o fim de tudo;
- expressa as forças do universo (caos e cosmos) e da natureza;
- impulsiona a manifestação das coisas de maneira objetiva e subjetiva;
- representa o poder criativo e a realização a partir do plano material e serve como canal para a manifestação no plano físico;
- expressa a interação entre quaisquer forças complementares e essenciais (masculino e feminino; positivo e negativo; luz e trevas);
- representa a criação, a preservação e a destruição (de tudo o que é necessário).

1) Faça uma cópia do selo de IAO em preto (fundo) e vermelho (desenho), com 20 cm de diâmetro, e coloque cada uma na parede dos quatro quadrantes (norte, leste, sul e oeste), na altura de seus olhos.



2) Defume o local com o turbulô queimando uma mistura básica composta de resina de olíbano (6 partes), mirra (3 partes) e benjoim (2 partes) – ou um incenso natural que contenha esses elementos. Comece pelo quadrante leste e vá para sul, oeste e norte, incensando os cantos.

3) Coloque e acenda sobre o centro do bomos uma vela vermelha reservada só para este ritual e mais quatro velas pretas, uma para cada quadrante. Apague qualquer luz elétrica.

- 4) Sente-se, voltado para o norte e faça a respiração polarizada (para integrar as forças opostas complementares, estimular as energias internas e favorecer a concentração e a predisposição):
- feche a narina direita com o dedo indicador da mão esquerda e inspire pela narina esquerda;
  - feche a narina esquerda com o polegar e segure o ar por 11 segundos;
  - abra a narina direita e expire;
  - segure por 11 segundos;
  - inspire pela narina direita, feche a narina direita com o indicador e segure o ar por 11 segundos;
  - abra a narina esquerda, expire, segure por 11 segundos e reconhece a inspirar pela mesma narina.
- Faça esse ciclo 11 vezes.

5) Levante-se, de frente para o norte, inspire e visualize uma esfera luminosa de energia vermelha na região do umbigo. Expire, visualizando a esfera se expandir até envolver todo o seu corpo. Inspire e expire 11 vezes, visualizando a esfera

luminosa vermelha crescendo e envolvendo todo o local (ou templo).

6) Ainda para o norte, faça a reverência ceremonial (palma da mão esquerda cobrindo o punho direito fechado, na altura da garganta, com os braços na horizontal).

7) Inspire e levante os braços em um ângulo de 90 graus com o tronco e os antebraços dobrados em 90 graus com os braços. Visualize-se (e sinta-se) como um dragão poderoso com as asas estendidas. Expire.

8) Inspire novamente e expire. Ao mesmo tempo, bata com a palma direita sobre a esquerda, na altura do peito, e visualize a esfera de energia vermelha explodindo de maneira caótica em raios luminosos para todos os lados, enquanto vibra com impeto:

*Fora daqui, intrusos!*

9) Faça o banimento invocatório de IAO (para banir, invocar, vibrar de maneira polarizada e abrir um vórtice de força). Inicie pelo quadrante leste e volte-se para o sul, oeste e norte (representando a luz indo para a escuridão que oculta o conhecimento):

- iniciando no quadrante leste, em pé, com o braço direito estendido ao longo do corpo e o braço esquerdo e o dedo indicador apontando

para o selo na parede, concentre-se no selo, visualizando uma energia vermelha saindo do dedo e indo para o selo. Inspire e expire, vibrando 3 vezes o nome IAO suavemente, sustentando com clareza o som de cada letra, interrompendo brevemente após vibrar a letra O, para então recomeçar;

- com o braço esquerdo ainda apontado para a parede, volte-se para o sul, visualizando a energia vermelha indo para o selo do quadrante sul. Vibre o nome IAO de maneira súbita em cada letra, por 3 vezes;
- para o oeste, faça o mesmo, mas vibre o nome de maneira sussurrada, vagarosamente, por 3 vezes;
- para o norte, o mesmo, mas vibre de maneira agressiva, gutural, como um urro, por 2 vezes.

10) Ainda para o norte, sente-se, faça silêncio pelo tempo que se fizer sentir necessário, relaxadamente, concentrando-se no selo de olhos abertos e depois fechados, assimilando as manifestações interiores e estando receptivo a qualquer *insight* de conhecimento.

11) Abra os olhos, levante-se e repita a reverência ceremonial, concentrando-se no selo e encerrando, assim, o ritual.



## Conclusão

O lema luciferiano é: “Livre-arbítrio com consciência e vontade com discernimento”. O Logos luciférico de cada indivíduo o conduz para as decisões mais acertadas e mais conscientes, trazendo o conhecimento adequado e necessário ao grau de compreensão e que pode se elevar conforme os méritos do trabalho pessoal no processo evolutivo deliberado.

Espera-se que esta obra tenha trazido esclarecimentos essenciais sobre um tema controverso e orientado o leitor em sua busca por respostas mais satisfatórias.

Há uma enorme proliferação de igrejas e seitas de todo tipo, principalmente cristãs ou pseudocristãs, em todos os círculos sociais, predominantemente nas grandes massas embrutecidas pela ignorância, hipocrisia e desconhecimento do passado das religiões e desconhecimento da origem e manipulação dos próprios textos religiosos. Por outro lado, há um considerável crescimento e expansão fragmentária dos

conhecimentos referentes à filosofia oculta em muitas ordens, sociedades semisssegretas e escolas. Mas, infelizmente, muitas dessas organizações tendem a ser bastante oportunistas, preconceituosas, dogmáticas e conflituosas.

Há sempre o que aprender, e a revolução individual é gradativa, mas radical, às vezes. Isso é necessário para se livrar do conformismo passivo, das conivências, das crenças pasteurizadas e da autoilusão.

Revolucionar não é simples; requer vontade forte, caráter, sensibilidade, conhecimento, decisão e idealismo. Mas se recusar a evoluir e se tornar escravo na ignorância e na estagnação, seria a verdadeira maldição. É um trabalho voluntário e responsável sobre si mesmo. É preciso coragem para mergulhar nas próprias trevas e sair de lá mais forte ainda com a tocha da sabedoria, consciente da própria superioridade, tendo descoberto alguns segredos da vida e de si próprio.

Assim, é preferível arcar com os resultados do autoconhecimento a sofrer com as consequências da ignorância.



## Bibliografia

- ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. São Paulo: Abril, 1979.
- BLAKE, W. *O matrimônio do céu e do inferno & O livro de Thel*. São Paulo: Fluminuras, 1995.
- BLANCHARD, R. *Doctor Johannes Faust's miracle and magic book or the black raven*. [S.I.]: The International Guild of Occult Sciences, 1992.
- BRODIE-INNES, J. W.; MATHERS, S. L. MacGregor. *The sorcerer and his apprentice*. [S.I.]: HarperCollins, 1983.
- BRUCE-MITFORD, M.; WILKINSON, P. *Signs & symbols*. London: DK, 2008.
- CARROLL, P. J. *Liber Null & Psychonaut*. Boston: Weiser Books, 1987.
- CIVITA, Victor (Editor). *As grandes religiões*. 5 v. São Paulo: Editora Abril, 1973.

- COOPER, W. R. *The serpent myths of ancient Egypt*. London: Robert Hardwicke, 1873.
- CROWLEY, A.; MATHERS, S. L. MacGregor. *The Goetia; the lesser key of Solomon the King*. Boston: Weiser Books, 2001.
- CUMONT, F. *The mysteries of Mithra*. Mineola: Dover, 1956.
- DEL DEBBIO, M. *Encyclopédia de mitologia*. São Paulo: Daemon Editora, 2008.
- FAULKNER, R. (Translator). *The Egyptian Book of the Dead*. San Francisco: Chronicle Books, 1994.
- HALL, C. S.; NORDBY, V. J. *Introdução à psicologia junguiana*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- HDALGO, S. C. *Historia oculta del satanismo*. Madrid: Ediciones Nowtilus, 2006.
- HOPE, M. *A magia atlante*. [S.I.]: Editorial Estampa, 1994.
- HOWARD, M. *The book of fallen angels*. [S.I.]: Holmes Pub Group, 2004.
- JENNINGS, H. *Phallicism*. London: George Redway, 1884.
- KING, F.; MATHERS, S. L. MacGregor. *The Grimoire of Armalet*. San Francisco: Samuel Weiser, 1980.
- KING James. *Holy Bible*. [S.I.]: National Publishing, 1997.
- KNIGHT, C.; LOMAS, R. *O livro de Hiram*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- LAVEY, A. S. *The satanic bible*. New York: Avon Books, 1976.
- LECOURT, D. *Humano pós-humano*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- LELAND, C. G. *Aradia: the gospel of the witches*. [S.I.]: The Witches Almanac, 2010.
- LINK, L. *O diabo: máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LUMPKIN, J. *The books of Enoch*. [S.I.]: Fifth Estate, 2011.
- MATHERS, S. L. MacGregor. *The book of the sacred magic of Abramelin the Mage*. Mineola: Dover, 1975.
- MILTON, John. *O paraíso perdido*. São Paulo: Edigraf, 1956.
- MONTEIRO, A. C. *A cabala draconiana*. São Paulo: Madras Editora, 2008.
- MONTEIRO, A. C. *A revolução luciferiana*. São Paulo: Madras Editora, 2007.
- MONTEIRO, A. C. *Sistematizando o conhecimento essencial para a educação mágica*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- MONTEIRO, A. C. *O jardim filosofal: filosofia de deuses e demônios*. São Paulo: Madras Editora, 2010.
- OLDHAM, C. F. *The sun and the serpent*. London: Archibald Constable, 1905.